

11º COLÓQUIO

Arquitectura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos

Centro de Informação Urbana de Lisboa
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

11º COLÓQUIO

Arquitectura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos

Coordenação editorial

Paula André (DINÂMIA' CET-ISCTE / Iscte-Instituto Universitário de Lisboa)

Apoio técnico e difusão

Mariana Leite Braga (DINÂMIA' CET-ISCTE)

Edição

DINÂMIA' CET-ISCTE

Maio de 2026

ISBN

978-989-584-296-4

Imagem da capa

Vila Cândida e Torre 1 do Alto da Eira (projeto do arq. Francisco da Silva Dias),
fotografia de Carla Duarte, Janeiro de 2022.

Organização

Centro de Informação Urbana de Lisboa

Iscte - Instituto Universitário de Lisboa



ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

p.1

Carla Duarte, coordenadora do Centro de Informação Urbana de Lisboa (CIUL)

p.3

Paula André, directora do Doutoramento em Arquitectura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos, Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

MESAS REDONDAS

p.5

The Multiplicity of an Island: Four Perspectives on Suspended Territories

Elian Stefa

Henrique Andrade

Lorenzo Stefano Iannizzotto

Raquel Lopes

p.7

The Body as the Standard of Measure

Inês Galvão

João Boavida

Lia Ferreira

Mina Ghorbanbakhsh

Pedro Sant'Ana

p.10

Residing at the Threshold: Knowledge Production at the Intersection of Disciplines, Domains and Forms of Practice

Androniki Pappa

Sonja Dragović

Vattani Saray-Delabar

Isabella Rusconi

Beatriz Vieira de Oliveira

RESUMOS

p.12

Arqueologia administrativa e dinâmicas de reabilitação: os edifícios do eixo Cais do Sodré – Rato (1975-2025)

Marta Vicente

p.13

Arqueologia da Construção: uma ferramenta de análise arquitectónica

Tiago Molarinho

p.15

Fotografar para ver: o levantamento fotográfico de O Notícias Ilustrado (1928-1935)

Joana Nunes

p.17

Revelar o desconhecido: o processo de recolha documental como instrumento para a descoberta da Habitação Apoiada na Madeira

Fábio Correia

p.19

VILA.in-situ - uma plataforma colaborativa online como ferramenta de investigação

Marta Setúbal

p.21

Mudanças climática, vulnerabilidade habitacional Perante Ciclones Tropicais: repensando a resiliência climática a partir do habitar em contextos de risco estrutural: o caso de Paquite, Pemba (Moçambique)

Aldevina dos Santos

ARTIGOS

p.23

Luis Ferreira Alves: um Diaporama entre arquivos

Frederico Vicente

p.42

Gonçalo Ribeiro Telles (1922–2020): as raízes familiares e territoriais do seu pensamento

Elodie Marques

p.56

Tracing Riverine Lives: A Diachronic Spatial-Toponymic Analysis in Vila Nova da Barquinha, Portugal

Ana Rafaela Ribeiro

p.90

Analysis of Proportional Systems in the Azorean Churches: Nossa Senhora da Estrela and São Vicente Ferreira

Maria Antónia Vieira

p.106

Hans Scharoun – Escolas em Darmstadt, Lünen e Marl

Maria José Fernandes

p.119

Do Projeto Comum da Habitação. O Tema da Racionalidade no virar da Década de 70: Investigação Técnica e à Prática Experimental

João Gaspar

p.147

Uma definição de ética – Quando a arquitectura constrói através da colaboração – SAAL

Ana Navas

Carla Duarte, coordenadora do Centro de Informação Urbana de Lisboa (CIUL)

As cidades são obras de arte (Lefebvre, 1998), projetos partilhados (Montgomery, 2013) e construídos a várias mãos que devem servir, de uma forma democrática e inclusiva, todos os interesses. Atualmente, o planeamento e a gestão urbana apresentam vários desafios aos gestores urbanos, principalmente, às autarquias, que a academia ajuda a enquadrar, analisar e solucionar, segundo as suas várias áreas temáticas.

Na área do ambiente, há uma preocupação crescente com a reutilização e a reciclagem de materiais, com a redução da poluição urbana, com a mitigação dos eventos de precipitação ou de seca extrema e o aumento da temperatura do ar, de que são exemplo o fenómeno das ilhas de calor e a subida do nível médio das águas do mar. Na mobilidade, destaca-se a necessidade de diminuir as deslocações diárias e o tráfego congestionado, implementando-se soluções de mobilidade suave e ativa e apostando nos transportes coletivos, medidas que se traduzem, também, numa cidade mais saudável para todos. No planeamento, opta-se por modelos de cidade de proximidade, diversificando e aumentando a oferta funcional dos bairros, criando espaços públicos confortáveis, onde apetece parar, estar e viver.

Em todas estas questões, a utilização da inteligência artificial é um poderoso auxiliar, com a analítica de dados a influenciar o planeamento urbano e a tomada de decisão, a implementação do BIM a centralizar em modelos 3D a informação urbana, os *digital twins* a apoiarem a monitorização e a previsão de fenómenos urbanos extremos, a prevenção de catástrofes, e a possibilitarem a concretização de propostas urbanas rápidas e eficientes que respondam às necessidades das populações, nomeadamente, no campo da oferta de habitação.

Mas, se por um lado, a tecnologia é um apoio essencial na análise e na construção de espaço urbano, por outro lado, o seu uso obsessivo está a desconectar os corpos dos territórios, o cidadão e a cidade, empobrecendo a literacia sensorial e urbana que os deveria reger na orientação e na ocupação do espaço, criando inseguranças, medos e um conhecimento dos territórios baseado em narrativas subjetivas e não na experiência própria do corpo.

Por tudo isto, refletir sobre os territórios metropolitanos contemporâneos, apresentando soluções que respondam, de forma equilibrada a todas as questões, é um processo complexo e um desafio que a todos cabe: à academia, que os investiga, conhecendo o seu passado e o seu presente, para assim propor ações e intervenções futuras onde cabem a inovação e a utopia; às autarquias, que têm a seu cargo, entre outros, o planeamento e a gestão urbanos; aos cidadãos, através da participação cívica, do seu comportamento e uso do espaço.

O Colóquio Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos, na sua 11ª edição, é um espaço de excelência para a discussão partilhada entre a Academia, a Câmara Municipal de Lisboa e os cidadãos, ao trazer para o debate partilhado temas que a todos importam. O Centro de Informação Urbana de Lisboa, na sua missão de conectar a autarquia e a academia, promovendo e divulgando “informação urbana de Lisboa e conhecimento sobre urbanismo, incentivando a aprendizagem, reflexão, participação e

cocriação de soluções para o desenvolvimento sustentável da cidade”, congratula-se por ser, uma vez mais, o canal para que esse diálogo se estabeleça e fortaleça.

Referências

LEFEBVRE, Henri – **The Production of Space**. Oxford: Blackwell, 1998.

MONTGOMERY, Charles - **Happy City: Transforming Our Lives Through Urban Design**. Farrar, Straus and Giroux, 2013.

Paula André, directora do Doutoramento em Arquitectura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

O 11º Colóquio do Doutoramento em Arquitectura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos do Iscte do Instituto Universitário de Lisboa assume-se como um amplo espaço de debate plural, em compromisso com os actuais desafios, valorizando o diálogo, a investigação, e definindo colectivamente questões. Acreditamos que se pode gerar conhecimento novo a partir de interações e conexões com todo o ecossistema da cultura arquitectónica, desafiando narrativas hegemónicas e conceitos dominantes, fomentando intercâmbios transculturais que contemplem a interdisciplinaridade, a inclusividade, a sustentabilidade e a inovação, matriciais e estruturais no Iscte - Instituto Universitário de Lisboa.

As investigações em curso, integradas nos centros DINÂMIA'CET-Iscte (Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território) e ISTAR-IUL (Centro de Investigação em Ciências da Informação, Tecnologias e Arquitetura), e apresentadas neste 11º Colóquio, agregam as novas constelações que compõem os territórios metropolitanos e revelam o potencial da dinâmica mutável das relações espaço temporais num múltiplo entrelaçado de sobreposições, cruzamentos, e fusões, numa pluralidade de abordagens, de experiências, e reunindo um conjunto alargado de temáticas. Desde a equidade, a ecologia, os ecossistemas, e o valor patrimonial da paisagem, passando pela reutilização adaptativa e pela transformação de edifícios, assumindo a história como uma ferramenta operativa e crítica para situar a prática arquitectónica dentro de temporalidades complexas e interconectadas, sempre cientes que cada recuo implica uma preocupação com o presente e com o futuro. Desde as políticas do espaço público, aos espaços funcionalmente ambíguos, às múltiplas dimensões do corpo, da arte, da mediação, das identidades, dos espaços de resistência, e à condição espacial de limiar. Desde as políticas da habitação e ao questionamento do seu futuro, passando pela fotografia como instrumento de reflexão contemporânea e de questionamento disciplinar, e pela cidade como narrativa, incluindo as ferramentas digitais, o design especulativo e os territórios colaborativos e da participação, entre muitas outras.

Essas investigações são realizadas em abordagens multi-escalares que vão da *long durée* (Fernand Braudel), à micro-história (Carlo Ginsburg; Giovanni Levi), e dos estudos subalternos (Ranjit Guha), aos *production studies* (Sergio Ferro; Christine Wall), valorizando o trabalho de campo, porque há que se ir às coisas (Ruth Verde Zein), os testemunhos orais e os arquivos, naturalmente repensados na era da inteligência artificial, e entendidos como sistemas activos que apoiam a criação de novo conhecimento. Explorando criticamente vias preestabelecidas ou explorando novas formas de intervir sobre o existente a partir de enfoques experimentais e críticos, o desafio de abordar as complexidades socioeconómicas, as estruturas de governança e as dinâmicas interdisciplinares, não deve esquecer o espaço público como estrutura activa da democracia (Angélica Benatti Alvim).

Assumindo este colóquio como um território, e entendendo a arquitectura como parte de um sistema aberto de relações e desequilíbrios, de ambientes mediáticos e de redes de comunicação e visualização, e sentindo uma obrigação moral em partilhar experiências, este encontro, na senda do papel da arquitectura como catalisadora do

engajamento democrático, da coesão social e da equidade (União Internacional dos Arquitectos), é também um espaço de transferência de conhecimento para a sociedade, um espaço para ouvir e para procurar compreender o poder transformador da arquitectura, relembrando que “há mundos submersos, que só o silêncio da poesia penetra” (Conceição Evaristo).

Referências

EVARISTO, Conceição – Da Calma e do Silêncio, in, **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

The Multiplicity of an Island: Four Perspectives on Suspended Territories

Elian Stefa

Elian_Stefa@iscte-iul.pt

Henrique Andrade

Henrique_Andrade@iscte-iul.pt

Lorenzo Stefano Iannizzotto

Lorenzo_Stefano_Iannizzotto@iscte-iul.pt

Raquel Lopes

Raquel_Gameiro@iscte-iul.pt

Abstract: This presentation examines how four intersecting analytical lenses and operative frameworks: (a) terrain vague, (b) transdisciplinarity in architecture, (c) critical spatial practice through art based research, and (d) the curatorial as spatial resistance, contribute to analyze and preserve multilayered territories which act as islands in wider spatial systems. It argues that these processes, when anchored in social, ecological, and historical layers, can contribute in making territories legible on their own terms rather than on those of speculative capital.

Terrain Vague are undeveloped spaces that lie in a state of neglect, without any official productive function or oversight. These spaces represent a gap in the continuous built urban fabric. In this way, we can imagine Terrain Vague as islands, which together form an archipelago of spaces, immersed in the continuous sea of the productive, built-up and controlled city. These islands of wild nature, informal uses and nomadic communities, constitute a complex system of material and immaterial relationships that simultaneously engages with and stands apart from the rest of the urban system, offering opportunities for exploration and imagination.

The fiction of isolation is rejected by transdisciplinarity: territories, populations, and built environments participate in ecologies of relation. They reject disciplinary autonomy to reveal systems that are distinct but connected. Transdisciplinary approaches do not erase local specificities. Instead, they potentiate situated knowledges and rhizomatic organization, rooted in specific sites, communities, and species. Within such grounding, spatial practices restrain from operating through top-down, disciplinary frameworks. Rather, they build chains of distinct knowledge, islands where difference is preserved rather than dissolved, and become operative insights for new territorial processes.

In the critical spatial practice approach space is not a passive container but actively produced through situated engagement. Through site-writing, critique becomes relational and embodied, emerging from encounters between subject, site, and position. Language and conversation construct agonistic publics, where meaning is negotiated through

difference rather than resolved through consensus. Institutional engagement operates in liminal conditions, opening gaps within formal structures for micro-political participation and critical intervention. Temporality mobilises the ephemeral as strategy, where temporary actions generate enduring effects through memory, perception, and collective experience.

The curatorial acts as spatial resistance when it is understood as an extended mode of spatial negotiation. While speculative development accelerates transformation to outpace attachment to space, the curatorial functions as a counter-archive by insisting on documenting duration whilst extraction demands speed, and on accumulation of meaning where capital accumulates value. By focusing on the three curatorial concepts of constellation, transposition, and hospitality, the curatorial creates an archive of counter-narratives that render visible what extractive logics must render invisible: contested histories, ecological interdependencies, informal spatial practices, and collective claims embedded in a place.

Together, these perspectives propose that building territorial identity through grounded, participatory narrative is itself a form of spatial agency, one that precedes and conditions the possibility of equitable planning, and that resists the erasure on which extractive development depends.

The Body as the Standard of Measure

Inês Galvão

inesgalrao@gmail.com / ines_filipa_galrao@iscte-iul.pt

João Boavida

joaomanuelboavida@gmail.com

Lia Ferreira

liaferreira@gmail.com

Mina Ghorbanbakhsh

mina.ghorbanbakhsh@gmail.com

Pedro Sant'Ana

carlos.pedro@br351.com

Abstract: Architecture has long used the body as reference, yet mediated through abstraction and standardization. From Quetelet's "average man" to Le Corbusier's Modular, the body was reduced to measurable dimensions, producing normative frameworks excluding difference—stripping experience and agency, embedding ableist assumptions into built environments.

This paper proposes a shift: from body as unit to body as standard of measure.

A standard is relational; evaluating form rather than prescribing it, asking whether the city accommodates bodily diversity. This foregrounds the lived body: encountering barriers, perceiving atmospheres, navigating varying rhythms, participating unequally in decision-making.

Five conceptual lenses structure the research. The Political Body interrogates power in spatial production, exposing institutionalized exclusion. The Sensorial Body addresses gaps between design and perception, advocating participatory methodologies. The Moving Body reframes urban quality through walkability and inclusive environments. The Immaterial Body examines digital platforms, questioning mediated engagement. The Manufacturing Body links distributed fabrication to embodied knowledge.

POLITICAL BODY asks on whose terms the city is built. Exclusion and segregation result from spatial decisions that privilege a standardized, ableist norm, incorporating structural inequalities into everyday environments (Imrie, 1996; Imrie & Kumar, 1998). Grounded in the Right to the City (Lefebvre, 1968), spatial justice (Soja, 2010), and the Just City (Fainstein, 2010), this project places bodily diversity at the center of the production of space.

SENSORIAL BODY reveals that the built environment systematically ignores the full diversity of how real people perceive and experience the city. Following "nothing about

us without us," Participatory Design (Manzini, 2015; 2022; Chinchilla, 2022) must be embedded in planning. Data-Driven Decision-Making (Offenhuber & Ratti, 2014; Melendez et al., 2020) can strengthen this methodology, but can the sensorial body move beyond data collection toward data-informed participatory decision-making?

MOVING BODY frames urban quality through human movement at its own pace. Emphasizing walking, proximity, and mixed-use environments (Gehl, 2010; Sim, 2019), it advocates for inclusive, human-scaled spaces that enable ageing populations to maintain independence, participation, and well-being across the life course.

IMMATERIAL BODY exists simultaneously in physical and virtual worlds. Gamification applied to urban participation (Koivisto & Hamari, 2019) can extend the immaterial body into the planning process and expand access, but only for those included and involved in the medium. The immaterial body emerges where the physical body meets the medium, where touch, our hands, become data and presence extends beyond space.

MANUFACTURING BODY reclaims making as a human necessity, arguing that Globalization emptied the city of a function as old as urban life itself. Making is thinking: hand and mind form a unified intelligence through material engagement (Sennett, 2008; Anderson, 2012). Fab City (Díez, 2018) signals its return as networked micro-factories embedded in neighborhoods, not as nostalgia, but as a condition for urban resilience and belonging.

Across these lenses, a central question remains: who decides what is built, where, and for whom? By repositioning the body as a plural standard of measure, this research proposes a framework for rethinking urban practice, arguing for inclusive, participatory approaches where space is evaluated against the diversity of bodies it serves.

Key-words: Spatial Justice; Participatory design; Walkability; Manufacturing / Urban production; Sensory urbanism

Bibliography:

Anderson, C. (2012). *Makers: The new industrial revolution*. Crown Business.

Chinchilla, I. (2022). *The caring city: Health, economy and environment* (1st ed.). Actar Publishers.

Díez, T. (2018). *Fab city: The mass distribution of (almost) everything*. Actar Publishers.

Fainstein, S. S. (2010). *The just city*. Cornell University Press.

Gehl, J. (2010). *Cities for people*. Island Press.

Harvey, D. (2008). The right to the city. *New Left Review*, 53, 23–40.

- Imrie, R. (1996). *Disability and the city: International perspectives*. Paul Chapman Publishing.
- Imrie, R., & Kumar, M. (1998). Focusing on disability and access in the built environment. *Disability & Society*, 13(3), 357–374.
<https://doi.org/10.1080/09687599826687>
- Koivisto, J., & Hamari, J. (2019). The rise of motivational information systems: A review of gamification research. *International Journal of Information Management*, 45, 191–210. <https://doi.org/10.1016/j.ijinfomgt.2018.10.013>
- Le Corbusier. (1954). *The modulator: A harmonious measure to the human scale universally applicable to architecture and mechanics*. Faber and Faber. (Original work published 1948)
- Lefebvre, H. (1996). *Writings on cities* (Kofman & Lebas, Trans.). Blackwell. (Original work published 1968)
- Manzini, E. (2015). *Design, when everybody designs: An introduction to design for social innovation* (R. Coad, Trans.). MIT Press.
<https://doi.org/10.7551/mitpress/9873.001.0001>
- Manzini, E. (2022). *Livable proximity: Ideas for the city that cares* (1st ed.). Bocconi University Press.
- Melendez, F., Diniz, N., & Del Signore, M. (2020). *Data, matter, design*. Routledge.
<https://doi.org/10.4324/9780367369156>
- Neufert, E., & Neufert, P. (2019). *Architects' data* (5th ed.). Wiley-Blackwell. (Original work published 1936)
- Offenhuber, D., & Ratti, C. (2014). *Decoding the city: Urbanism in the age of big data*. De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783038213925>
- Quetelet, A. (1842). *A treatise on man and the development of his faculties*. William and Robert Chambers.
- Sassen, S. (2011). Talking back to your intelligent city. *McKinsey Voices on Infrastructure*. <https://www.mckinsey.com/capabilities/operations/our-insights/talking-back-to-your-intelligent-city>
- Sennett, R. (2009). *The craftsman*. Penguin Books.
- Sim, D. (2019). *Soft city: Building density for everyday life*. Island Press.
- Soja, E. W. (2010). *Seeking spatial justice*. University of Minnesota Press.

Residing at the Threshold: Knowledge Production at the Intersection of Disciplines, Domains and Forms of Practice

Androniki Pappa

Androniki.Pappa@iscte-iul.pt

Sonja Dragović

Sonja_Dragovic@iscte-iul.pt

Vattani Saray-Delabar

Vattani.Saray_delabar@iscte-iul.pt

Isabella Rusconi

Isabella_Rusconi@iscte-iul.pt

Beatriz Vieira de Oliveira

bvoaa@iscte-iul.pt

Abstract: The threshold, as a spatial and conceptual condition, is a site of passage, of encounter, and of productive tension between adjacent territories (Van Gennepe, 1960). Neither fully inside nor fully outside, it is the space where different worlds, logics, and subjectivities meet, and where new forms of knowledge and relation become possible (Stavrídes, 2010). This roundtable takes the threshold as a shared metaphor to describe the position from which each of our research is conducted at the intersection of disciplines, professional domains, and forms of knowledge that shape the epistemological, methodological and ethical decisions each of our works is negotiating.

Androniki's work, rooted in participatory design, and community organising, investigates the designability of neighbourhood commons spaces, asking what spatial, institutional, and participatory conditions make commoning possible. Sonja's work is situated at the threshold between architectural expertise, civic activism, and urban policy, examining how socially engaged practitioners and civic initiatives translate technical planning knowledge into public tools for contesting extractive urban development and advancing spatial justice. Vattani's research draws on social representations and actor-network theory to study the conception processes of collaborative housing projects that take ageing into account in France and Portugal. Isabella's work investigates how participatory institutional designs can blur the threshold between citizens, activists, and decision-makers in urban governance, asking what conditions allow this porosity to translate into genuine democratic inclusion and real change in cities. Beatriz's research occupies the threshold between research, design, and development practice, investigating resilience as a process in housing, while critically examining how development processes shape how resilience is understood and implemented.

Researching from these different thresholds, each of our works is addressed to multiple audiences simultaneously, from academic communities, to policy institutions, professional practitioners, and the communities we work with, with the shared ambition of producing knowledge that is not only analytically rigorous but actionable across the often-incongruous fields it seeks to serve. This position raises important questions about how research can move between academic, professional, and civic domains: how can scholarly knowledge remain rigorous while becoming useful beyond academia? How can disciplinary expertise respond to the civic responsibilities placed upon it in times of social, political, and environmental crisis? And how can research remain accountable to the communities, institutions, and fields with which it engages? These are, at their core, questions of positionality (Rose, 1997) that each of us is negotiating, and that this roundtable aims to illuminate, ultimately opening a collective conversation about what knowledge produced at the threshold makes possible for the fields it seeks to serve, and what it demands of the researchers who produce it.

References

- Rose, G. (1997). Situating knowledges. *Progress in Human Geography*, 21(3).
- Stavrides, S. (2010). Towards the City of Thresholds. *Common Notions*.
- Van Gennep, A. (1960). *The Rites of Passage*.

Arqueologia administrativa e dinâmicas de reabilitação: os edifícios do eixo Cais do Sodré – Rato (1975-2025)

Marta Vicente

marta.gonc.vicente@gmail.com

Resumo: A presente comunicação apresenta os resultados parciais de uma análise dos Processos de Obra do Arquivo Municipal de Lisboa como fontes primárias fundamentais para a compreensão das dinâmicas de transformação dos edifícios antigos de uso habitacional na cidade de Lisboa. Através de uma metodologia de "arqueologia administrativa", procedeu-se a uma análise documental retrospectiva e quantitativa dos Processos de 115 edifícios localizados no eixo Cais do Sodré – Largo do Rato, abrangendo o arco temporal entre 1975 e 2025. Esta parte da investigação foca-se, sobretudo, nas ocorrências e transformações registadas nas frações de uso habitacional, permitindo traçar um panorama evolutivo das intervenções ao longo das últimas cinco décadas.

A partir desta abordagem, foi possível identificar frequências e tipologias de intervenção recorrentes, confrontando os dados empíricos recolhidos com os marcos históricos, legislativos e teóricos consolidados na literatura sobre a evolução urbana de Lisboa e dos seus bairros históricos. A investigação ensaia uma tipificação dos edifícios baseada na natureza dos eventos administrativos (*i.e.*, entradas nos Processos), cruzando estes dados com a análise de registos iconográficos do interior dos edifícios. Este cruzamento permite estabelecer uma classificação tipológica que agrupa os imóveis de acordo com o seu percurso de transformação, revelando padrões de ocupação e modificação do espaço doméstico.

Adicionalmente, o trabalho ensaia a espacialização destes dados, analisando a distribuição territorial dos edifícios-tipo ao longo do eixo em estudo. Esta análise cruza a localização geográfica com a matriz construtiva original (*i.e.*, distinguindo edifícios pombalinos, neoclássicos ou "gaioleiros") com o objetivo de compreender em que medida a génese construtiva e a localização urbana condicionaram as estratégias de intervenção adotadas ao longo do tempo.

A presente apresentação corresponde a uma parte dos resultados da investigação de doutoramento «Culturas de reabilitação de edifícios antigos (1975-2025). O caso do eixo Cais do Sodré – Rato» que tem como objetivo contribuir para o conhecimento sobre a evolução das formas de intervenção nos edifícios antigos de uso habitacional, revelando as transformações que estes têm vindo a sofrer ao longo do tempo e entendendo as alterações no interior doméstico desses edifícios como um reflexo das transformações da própria cidade e sociedade. Esta investigação é orientada pela Prof.^a Paula André (DINÂMIA'CET – ISCTE-IUL) e pelo Arq.^o João Branco Pedro (LNEC) e é cofinanciada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (ref.^a 2022.13799.BD) e pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Palavras-Chave: reabilitação; processos de obra; edifícios antigos; habitação; Lisboa

Arqueologia da Construção: uma ferramenta de análise arquitectónica

Tiago Molarinho Antunes
tmolarinho@gmail.com

Resumo: A invenção da forma arquitectónica estabelecida no seu projeto estrutural depende da relação entre o conhecimento da teoria, a experiência da prática construtiva e a coerência da sua cultura arquitectónica, que evolui por ruptura ou continuidade. Este horizonte pode estar relacionado com uma atualização decorativa ou formal, mas o seu sucesso depende sempre de uma unidade racional, situada entre hábitos sociais herdados e a modernidade desejada.¹.

A atualização tecnológica compreende a renovação ou novidade de conceitos e ferramentas de trabalho, úteis ao desenvolvimento atual, e a sua associação imediata a um futuro próximo autoriza-a por excelência. O estudo que desenvolvo situa-se temporalmente entre os séculos XVII e XVIII, e a promoção deste conhecimento assenta no entendimento histórico e tecnológico, essencial à sustentabilidade do conjunto edificado, útil hoje e no futuro.

Enquadrada na investigação em conclusão sobre as metodologias de composição geométrica para o desenho da proporção interior na arquitectura nobre portuguesa do século XVII, considerando a tradição construtiva e a sua cultura arquitectónica. A comunicação centra-se na clarificação de uma cultura de continuidade e reutilização da estrutura espacial existente, presentes nas Casas Nobres de Lisboa.

Apresentamos desenvolvimento do trabalho metodológico pela “arqueologia da construção”, que entende os próprios edifícios como fontes primárias, em que as particularidades dos seus materiais e tecnologia construtiva são sistematizadas e utilizadas para uma reconstituição da sua edificação (Holzer, ETH Zurich)². A esta análise direta do edificado junta-se o cruzamento com fontes arquivísticas e publicações contemporâneas, numa abordagem que, como define a Cátedra de Arqueologia da Construção e História da Construção da ETH Zurich, reconhece que arquitectura e construção estão inseparavelmente ligadas; mesmo quando a forma arquitectónica não corresponde à sua estrutura construtiva, ou quando esta permanece oculta por detrás da fachada.

O Palácio de Xabregas é apenas o caso de estudo para apresentação desta metodologia, que aplicamos a todos os edifícios que estudamos. Através da análise das suas plantas e do cruzamento com documentação inédita do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, esclarece-se o núcleo da sua génese, a sua evolução estrutural e a construção espacial do seu programa distributivo interior. Apresenta-se assim uma contribuição metodológica para o conhecimento dos conceitos de desenho e composição arquitectónica que moldaram a construção de casas senhoriais em Portugal no século XVII.

Nota

¹ Esta formulação retoma e desenvolve ideias previamente exploradas em Antunes, T. M. (2023). O horizonte racional do Palácio Tancos em Lisboa. In P. T. Pinto et al. (Orgs.), *A Avenida da Liberdade: Entre o desejo positivista e as representações contemporâneas* (pp. 4–13). Lisboa: DINÂMIA'CET-ISCTE.

Palavras-Chave: Arqueologia da Construção, Cultura Arquitectónica Portuguesa, Casas Nobres, Palácio de Xabregas

Referências Bibliográficas:

Arruda, L. de O. C. (1991). Claro Escuro: Revista de Estudos Barrocos, 151–161.

Carita, H. (2015). *A casa senhorial em Portugal*. Leya. Disponível em: <http://rnod.bn.pt/ImagesBN/winlibimg.aspx?skey=&doc=1936983&img=81343&save=true>

Holzer, S. (s.d.). *Chair of Building Archaeology and Construction History: Mission Statement & Research*. ETH Zurich. Disponível em: <https://holzer.arch.ethz.ch/en/group.html>

Fotografar para ver: o levantamento fotográfico de *O Notícias Ilustrado* (1928-1935)

Joana Garcia Nunes

jfgns@iscte-iul.pt

Resumo: *O Notícias Ilustrado*, suplemento semanal ilustrado do jornal *Diário de Notícias*, dirigido por Leitão de Barros e publicado entre 1928 e 1935 (com 395 números entre duas séries), constitui um vasto repositório da representação fotográfica de Lisboa no período que antecede e acompanha a consolidação inicial do Estado Novo.

No âmbito da investigação de doutoramento *Representações fotográficas de Lisboa: captar, editar e exhibir a cidade (1926-1974)*, que examina a construção visual de Lisboa através de um conjunto de publicações seleccionadas, este trabalho situa-se num momento ainda em curso de pesquisa em arquivo, partilhando um encontro com uma das fontes principais, mais do que resultados consolidados. A investigação centra-se no papel das práticas editoriais na construção de narrativas visuais da cidade em meios impressos. Neste sentido, são consideradas publicações institucionais, como os álbuns *Portugal 1934* (1935) e *Portugal 1940* (1941), ambas do S.P.N., e o catálogo da exposição *Quinze Anos de Obras Públicas* (M.O.P., 1948), que evidenciam a articulação entre fotografia, cidade e propaganda estatal. *O Notícias Ilustrado* (1928-1935), pela sua regularidade e diversidade temática permite observar a formação de uma cultura visual urbana em contexto mediático. Os livros *Lisboa no Passado e no Presente* (edição de Jorge Segurado, 1971), *Lisboa e seus Arredores* (1956) e *Lisbon and its Surroundings* (1972), ambos de F. P. Marjay, documentam a consolidação de uma iconografia turística e patrimonial da cidade. Ao mesmo tempo, contemplam-se propostas alternativas, como *Lisboa, uma Cidade em Transformação* (Keil do Amaral, 1969), cuja abordagem ensaística interroga processos de transformação urbana, e *Lisboa, Cidade Triste e Alegre* (1959), de Victor Palla e Costa Martins, contra-discurso visual ao imaginário oficial.

O recente levantamento fotográfico de *O Notícias Ilustrado* implica uma mudança de escala na análise: a publicação deixa de ser tratada apenas como arquivo de imagens avulsas para passar a ser abordada como documento contínuo, serial e estratificado. Este processo permite destacar a evolução das estruturas editoriais através das quais as imagens foram originalmente apresentadas, revelando a cidade como inscrita num sistema complexo de representação.

A possibilidade de percorrer sequencialmente a totalidade dos números, identificar padrões de recorrência, cartografar ausências e datar com maior rigor a introdução, transformação ou desaparecimento de determinadas formas de representar a cidade converte o levantamento fotográfico num instrumento activo de revisão historiográfica, e não apenas de preservação ou acesso.

Deste modo, introduz-se uma segunda camada de mediação: à edição original da publicação, sobrepõe-se a edição operada pela própria investigação. As narrativas da cidade emergem, assim, de uma sucessão de camadas de edição – primeiro no dispositivo editorial (histórico), e no próprio processo de levantamento e análise.

Para além da ampliação da consulta da fonte, o levantamento fotográfico integral possibilita a formulação de questões que a leitura fragmentária dificilmente colocaria. Tais questões referem-se à construção visual de Lisboa enquanto capital moderna, aos territórios, arquitecturas e situações urbanas que a publicação privilegia, repete ou silencia, e ao modo como essas escolhas editoriais participaram na sedimentação de determinadas narrativas sobre a cidade.

Palavras-Chave: Levantamento fotográfico; Práticas editoriais; Narrativas visuais; Lisboa.

Referências Bibliográficas:

O Notícias Ilustrado. (Série I do n.º 1 [25 março 1928] ao n.º 12 [10 junho 1928] e Série II do n.º 1 [17 junho 1928] ao n.º 383 [6 outubro 1935])

Revelar o desconhecido: o processo de recolha documental como instrumento para a descoberta da Habitação Apoiada na Madeira

Fábio Rodrigues Correia

fabio_correia@iscte-iul.pt

Resumo: A historiografia da habitação apoiada em Portugal tem, ao longo das últimas décadas, acumulado contributos fundamentais para a compreensão das políticas públicas e dos seus resultados construídos¹. Contudo, a situação no Arquipélago da Madeira permanece sistematicamente omissa no *corpus* científico. A investigação em curso procura colmatar este vazio, propondo-se a identificar, enquadrar e analisar, nos seus contextos histórico, político, social e arquitetónico, as iniciativas de habitação, de promoção pública ou privada, com apoio direto ou indireto do Estado, que ocorreram entre a primeira política de habitação, publicada em 1918, e o lançamento da Nova Geração de Políticas de Habitação em 2018.

Esta apresentação centra-se no processo de recolha documental realizado em arquivos nacionais, regionais e municipais, com o objetivo de reconstituir a história dos conjuntos habitacionais, procurando responder às questões essenciais de «onde, quando, como e porquê» de cada iniciativa. Por se tratar de um processo metodológico complexo, devido à documentação dispersa, inexplorada, e com níveis de acesso diversos, optou-se por uma estratégia que partiu do geral para o particular. Definidos os critérios de seleção e de caracterização dos casos, iniciou-se a recolha pelos arquivos nacionais, Forte de Sacavém/SIPA, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação Marques da Silva, Centro de Documentação da FAUP e IHRU, para progressivamente levantar os acervos regionais, designadamente o Arquivo Regional da Madeira, o Arquivo Municipal do Funchal e o arquivo do Instituto da Habitação da Madeira.

Os resultados preliminares identificaram 388 iniciativas de habitação através da consulta de 589 processos de obra enquadrados nos critérios predefinidos. A diversidade tipológica dos conteúdos encontrados, nomeadamente, as peças desenhadas e escritas dos processos de obra, os registos fotográficos e cartográficos, os espólios de arquitetos, os atos legislativos e os periódicos locais, permite um maior rigor dos dados através do sistema de relações entre as diversas fontes. A análise documental permitiu associar as iniciativas ao respetivo regime legal, designadamente: Casas Económicas (1933), Casas dos Pescadores (1937), Casas de Renda Económica (1945), Casas para Famílias Pobres (1945), Plano Integrado (1969), Cooperativas de Habitação Económica (1974), Contratos de Desenvolvimento para Habitação (1974), etc. bem como, desvendar um programa com

¹ Como por exemplo, o estudo “Políticas de Habitação: 200 Anos” de Gonçalo Antunes publicado em 2018; a publicação “100 anos de Políticas Públicas em Portugal, 1918-2018” coordenado por Ricardo Agarez; e o projeto de investigação “Mapa da Habitação: Reflexão crítica sobre a arquitectura habitacional apoiada pelo Estado em Portugal (1910-1974)” coordenado pelo investigador Rui J. G. Ramos.

especificidades locais, as Casas Ultraeconómicas (1938). O levantamento permitiu igualmente identificar os promotores, autores, construtores e outros agentes envolvidos em cada projeto.

A apresentação propõe-se, por isso, a revelar, através de dados quantitativos, gráficos de distribuição temporal e geográfica, a amplitude e a riqueza do universo de casos encontrados, assim como, desenrolar a hipótese de que a habitação apoiada na Madeira se desenvolveu em constante adaptação face às políticas nacionais, desvinculadas das especificidades geográficas e económicas da região, que obrigaram as entidades locais a adaptar-se com respostas próprias, criando uma relação paralela que a historiografia desconhece.

Palavras-Chave: habitação apoiada, políticas públicas, arquipélago da madeira

Referências Bibliográficas

Agarez, R. (Coord.). (2018) *Habitação: Cem anos de políticas públicas em Portugal, 1918-2018*. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana.

Antunes, G. (2018). *Políticas de Habitação - 200 Anos*. Lisboa: Caleidoscópio e Câmara Municipal de Lisboa.

Ramos, R. J. (2016-2019). *Mapping Public Housing: A Critical Review of State-subsidised Residential Architecture in Portugal (1910–1974)*. Fundação para a Ciência e Tecnologia. <https://mappingpublichousing.up.pt/>

Arquivos e Bibliotecas

Arquivo da Direção-Geral do Património Cultural, Forte de Sacavém/SIPA

Arquivo e Biblioteca da Madeira

Arquivo Municipal do Funchal

Biblioteca da sede da Ordem dos Arquitetos

Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian

Centro de Documentação da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Fundação Instituto Arquiteto José Marques da Silva

Instituto da Habitação da Madeira

Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana

VILA.in-situ - uma plataforma colaborativa *online* como ferramenta de investigação

Marta Gutierres Nobre Ramos Setúbal

marta_setubal@iscte-iul.pt

Resumo: O projeto de tese prevê a produção de diversos elementos, capazes de partilhar material em diferentes linguagens, suportes e formatos, de maneira a tornar a investigação acessível a diversos públicos potencialmente interessados: investigadores, arquitetos, praticantes do mesmo tipo de metodologias e cidadãos. Um desses elementos é um website, onde se pode disponibilizar o material e acompanhar o processo da investigação. Durante o desenvolvimento do website, naturalmente os princípios da investigação, assim como os conceitos e as metodologias presentes, foram ganhando o seu espaço. O resultado foi a criação de uma constelação de sites, acessíveis a partir de um site-mãe, cada um com a sua função: informação geral sobre a investigação; arquivo de material produzido e finalizado (publicações, vídeos, apresentações, guias); coleção de referências teóricas e de ferramentas; arquivo de mapas (mentais, analíticos, de disseminação, coletivos) e de outros materiais em produção e transformação ao longo do processo; um diário da investigação e uma plataforma colaborativa.

A plataforma colaborativa é um espaço online flexível e em transformação, que acolhe diversas realidades: habitantes de Vila Real de Santo António, com diversos espaços temáticos onde podem comunicar entre si e onde são experimentados diversos tipos de interação, através de desafios que os pretendem levar ao espaço público e, depois, à partilha da sua experiência; investigadores e praticantes dentro das temáticas desta investigação, centrada no conhecimento espacial para o envolvimento cívico e em metodologias participativas; e a equipa de investigação, que tem o seu espaço dedicado, para partilha de referências, trabalho e comentários.

Do ponto de vista da investigação, esta plataforma é um espaço de ação local, recolha de dados, partilha de resultados e angariação de participantes; mas também de provocação de partilha entre pares, uma versão informal de encontro científico; e um espaço de trabalho.

O objetivo desta comunicação é:

- apresentar a constelação de websites, com um foco na plataforma colaborativa, que pretende ser um espaço de comunicação para investigadores, para habitantes do lugar da investigação e para a equipa de orientação;
- contextualizar a sua criação e explicar a sua adequação aos temas e metodologias da investigação;
- refletir sobre a sua utilização até ao momento e lançar questões sobre o seu potencial para a investigação.

Palavras-Chave: plataforma colaborativa online, investigação *in situ* online, ferramenta de investigação online.

Referências Bibliográficas:

GERGEN, Kenneth J. The challenge of absent presence. In: KATZ, James E. and Mark A. AAKHUS (eds.), *Perpetual Contact: Mobile Communication, Private Talk, Public Performance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. pp. 227–241. ISBN 978-0-521-00266-0

KWET, Michael. To fix social media, we need to introduce digital socialism. Aljazeera [online]. 19 May 2020 [Accessed 9 January 2026]. Available from: www.aljazeera.com

SALMONS, Janet. Blogs as Virtual Third Space [online]. Substack, 2025. [Accessed 9 January 2026]. Available from: janetsalmons.substack.com/p/virtual-third-space

Mudanças climática, vulnerabilidade habitacional Perante Ciclones Tropicais: repensando a resiliência climática a partir do habitar em contextos de risco estrutural: o caso de Paquite, Pemba (Moçambique)

Aldevina Manuela D'Alva Brito dos Santos

mdbsl@iscte-iul.pt

Resumo: A presente investigação, em fase de análise, examina a vulnerabilidade habitacional em contextos urbanos expostos a ciclones tropicais, tomando como estudo de caso o bairro de Paquite, na cidade de Pemba (Moçambique). Localizado numa zona costeira de baixa altitude e sujeito a inundações recorrentes, o bairro apresenta condições de risco estrutural resultantes da articulação entre fatores físico-ambientais, urbanos e institucionais.

O estudo procura compreender como resiliência climática se manifesta no habitar em contextos de informalidade e de que forma se relaciona com a persistência da vulnerabilidade habitacional. Parte-se da hipótese de que, neste contexto, a resiliência tende a expressar-se como mecanismo de adaptação que permite a continuidade do habitar, podendo revelar limitações na transformação das condições territoriais que produzem o risco.

Com base numa abordagem qualitativa, assente em observação direta e em entrevistas a moradores, líderes comunitários e técnicos municipais, a investigação encontra-se atualmente na fase de análise e interpretação preliminar dos dados.

Os resultados preliminares sugerem a existência de práticas de adaptação relevantes no quotidiano dos moradores, bem como de intervenções institucionais e infraestruturais pontuais. Contudo, a relação entre estas respostas e a eventual redução da vulnerabilidade habitacional permanece em análise, apontando para a necessidade de aprofundar a compreensão dos seus limites em contextos de risco estrutural permanente.

Neste sentido, a investigação pretende contribuir para uma leitura crítica da resiliência climática, articulando territórios, habitar e vulnerabilidade, e evidenciando os desafios associados à sua aplicação em assentamentos informais costeiros.

Palavras-Chave: Resiliência climática; vulnerabilidade habitacional, habitar, assentamentos informais; ciclones tropicais

Referências Bibliográficas:

Campbell, J. R. (2019). Urbanisation and natural disasters in Pacific Island countries. Policy Brief. Japan: Toda Peace Institute. Available: https://www.researchgate.net/profile/John-Campbell-49/publication/368571747_Urbanisation_and_Natural_Disasters_in_

Pacific_Island_Countries/links/63eee02919130a1a4a86ee5f/Urbanisation-and-Natural-Disasters-in-Pacific-Island-Countries.pdf

- Cash, C. (2021). Creating the conditions for climate resilience: A community-based approach in Canumay East, Philippines. *Urban Planning*, 6(4), 298-308. DOI: 10.17645/up.v6i4.4536
- Doberstein, B., & Stager, H. (2013). Towards guidelines for post-disaster vulnerability reduction in informal settlements. *Disasters*, 37(1), 28-47.
- Hussainzad, E. A., & Gou, Z. (2024). Climate risk and vulnerability assessment in informal settlements of the global south: a critical review. *Land*, 13(9), 1357.
- Martin, C., Campillo, G., Meirovich, H., & Navarrete, J. (2013). Climate Change Mitigation & Adaptation through Publically-Assisted Housing: Theoretical Framework for the IDB's Regional Policy Dialogue on Climate Change.
- Patri, P., Sharma, P., & Patra, S. K. (2022). A multidimensional model for cyclone vulnerability assessment of urban slum dwellers in India: A case study of Bhubaneswar city. *International Journal of Disaster Risk Reduction*, 83, pp. 103439–103439, DOI: 103439.10.1016/j.ijdr.2022.103439
- Sikder, S., Asadzadeh, A., Kussanna, ED, Mallick, B., & Koetter, T. (2015). Participação das partes interessadas para a resiliência climática urbana: um caso de regularização de assentamentos informais na cidade de Khulna, Bangladesh. *Journal of Urban and Regional Analysis*, 7 (1), 5-20.
- Sohaana, A. I., & Rahman, M. A. (2021). Challenges in sustaining resilience in the coastal settlements of south-eastern Bangladesh: Achieving self-sustenance through architectural synthesis. *Architecture Papers of the Faculty of Architecture and Design STU*, 26(4), 3-17. DOI: 10.2478/alfa-2021-0020, DOI: 10.37043/JURA.2015.7.1.1

Luis Ferreira Alves: um Diaporama entre arquivos

Frederico Vicente

frederico_vicente@iscte-iul.pt

Resumo: A trajetória fotográfica de Luis Ferreira Alves (1938-2022) tem sido interpretada a partir de um momento tido como inaugural: o Diaporama de 1983, apresentado na Aula Magna da Escola Superior de Belas-Artes do Porto, em coautoria com o arquiteto Pedro Ramalho. Esta data é significativa, mas constitui, antes de mais, um momento de visibilidade pública de um modo de ver e de dar a ver que o fotógrafo foi construindo ao longo de décadas, num intervalo longo e aparentemente silencioso, deixado na sombra [1938-1983]. É precisamente esse intervalo que o presente texto propõe revelar.

A análise parte de dois repositórios distintos. O primeiro é o arquivo profissional doado em 2021 à Casa da Arquitectura – Centro Português de Arquitectura: cerca de 143.000 imagens que documentam, a partir de 1983, uma prática ao serviço da arquitetura e das figuras centrais da Escola do Porto, com destaque para a relação de trabalho quase exclusiva com Eduardo Souto de Moura. Pedro Bandeira apelidou Ferreira Alves de fotógrafo moderno, sensível à luz, ao contraste e ao enquadramento. Uma classificação pertinente face à abordagem do fotógrafo ao objeto fotografado, mas que circunscreve a leitura da sua obra àquilo que o arquivo profissional torna visível, deixando por interrogar o processo que o tornou possível.

É neste ponto que o ensaio *Quando documentar não é suficiente*, de Ruth Verde Zein, se mostra particularmente pertinente. Quando o documento no arquivo profissional é insuficiente para compreender o percurso fotográfico de Ferreira Alves, torna-se necessário interrogar um segundo repositório: o contra-arquivo. Este engloba o arquivo pessoal do fotógrafo, à guarda da família, composto por revistas, livros, filmes, discos e ensaios fotográficos que afirmam a amplitude das suas referências intelectuais e artísticas, e permite formalizar o conceito de contra-formação. Por outras palavras, a formação de Ferreira Alves não se estruturou em modelos académicos, nem em filiações escolares notáveis, mas numa constelação de referências à margem das instituições. Entre elas contam-se as sessões de cinema nas salas do Porto e a participação no Cineclube; as viagens à Europa em 1956 e 1958; o ensaio fotográfico neorrealista sobre a aldeia de Peroguarda; a fotografia de cena em teatros experimentais do Porto; os registos documentais na fábrica Fapobol; as fotografias da cidade do Porto; e as tertúlias com pintores e arquitetos.

O problema da investigação de doutoramento em curso desloca-se assim de onde se formou, para como se formou, e de que modo esse processo teve impacto na fotografia produzida. A conclusão que daí decorre é dúplice: o arquivo profissional organiza quarenta anos de prática, mas deixa por clarificar o processo que a tornou possível; o contra-arquivo ilumina esse processo, mas carece do primeiro para se ancorar nas imagens. É na sobreposição de ambos os arquivos – a questão central do presente texto – que se torna possível aceder à constelação de referências de Ferreira Alves e construir a partir dela uma leitura crítica da sua obra.

Palavras-chave: Luis Ferreira Alves; fotografia de arquitetura; arquivo; contra-arquivo; diaporama

1. O Diaporama;¹

A 1 de junho de 1983, o arquiteto Pedro Ramalho apresentou em coautoria um Diaporama na Aula Magna da Escola Superior de Belas-Artes do Porto (ESBAP)², com fotografias³ de Luis Ferreira Alves (1938-2022). Pedro Ramalho, a esse respeito, escreveu o seguinte:

“Quando pensei no Luis Ferreira Alves para me ajudar na recolha fotográfica das obras que precisava para o seminário, sabia que nunca seria passiva a sua colaboração. Logo ela se tornou autónoma, e aí está uma visão criativa e apaixonada desses espaços (...) Mas o que «agarrou» são imagens recriadas da própria obra. Porque o Luis, como dizia de si próprio William Blake, «não vê com os olhos, vê através deles»”.⁴

Ferreira Alves teria 45 anos e nenhuma formação em fotografia que permitisse estruturar um discurso, sobre a sua produção, assente em modelos académicos tradicionais. A trajetória biográfica do fotógrafo não permitia identificar, de forma clara, a filiação a escolas ou a influência de mestres determinantes, que funcionassem como marcos da sua formação intelectual, muito embora, à data do Diaporama, estivesse provido de um olhar construído, ou modo de ver, que lhe possibilitou autonomia criativa na construção de um itinerário⁵ (Fig.02) pelas sete obras de Pedro Ramalho. Já em outubro de 2015, revisitando este momento na carreira de Ferreira Alves, o arquiteto voltou a escrever:

“(…) Contrariando a mostra convencional das obras - desenhos e imagens - pensei organizar essa apresentação como se tratasse de uma visita inesperada, sem ter ali nem o autor nem os desenhos que estão na base da sua construção. Para conseguir este processo de discurso, sem a palavra, necessitava de imagens que traduzissem movimento e sequência. Em suma uma linguagem próxima da cinematográfica.

Eu conhecia, desde sempre, a paixão do Luis pelo cinema e até algumas experiências nesse campo, no tempo do cineclubes. Pela sua cultura e por ser cultor das artes (a arquitectura incluída) era a pessoa indicada para este propósito.

Penso que aceitou o desafio por amizade, para desenrascar. Mas fixadas as primeiras imagens denuncia-se o olhar do fotógrafo, a sua visão própria, o seu modo de ver.”⁶

¹ Este texto insere-se na investigação de doutoramento em curso no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, subordinada à figura de Luis Ferreira Alves, iniciada em 2024 sob orientação das Professoras Doutoras Paula André e Susana Ventura, e com bolsa atribuída pela Casa da Arquitectura – Centro Português de Arquitectura / Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) – (Fig.01), cujo contributo de Catarina Providência, esposa de Luís Ferreira Alves tem sido determinante.

² Um diaporama é uma projeção de diapositivos, em sequência, sincronizada com som.

³ O Diaporama apresentado na Aula Magna da Escola Superior de Belas-Artes do Porto (ESBAP), a 1 de junho de 1983, era composto por 173 imagens, captadas entre abril e maio do mesmo ano, e distribuídas por sete projetos (refletindo a prática de 10 anos em arquitetura de Pedro Ramalho), separados entre si por um diapositivo com o título e a data de cada projeto. A apresentação do Diaporama insere-se no contexto de um ciclo de seminários do curso de arquitetura da ESBAP, cujo propósito era dar a conhecer a obra que os professores/arquitetos desenvolveram no âmbito da sua atividade profissional.

⁴ RAMALHO, Pedro - **A propósito de um seminário/diaporama. Ao Luis Ferreira Alves.** [cópia de texto dactilografado, Porto: maio de 1983, A4, 4 páginas, arquivo Frederico Vicente].

⁵ A escolha da palavra itinerário não é casual. Por um lado, aproxima-se de uma linguagem próxima do cinema, a linguagem que Pedro Ramalho procurava para o Diaporama quando convidou Ferreira Alves para o projeto. Por outro, remete diretamente para o título do livro *Itinerário*, publicado pelo arquiteto em 1989, que corresponde à Dissertação elaborada no âmbito das Provas de Habilitação para a obtenção do título de Professor Agregado do curso de arquitetura da ESBAP. A segunda edição é composta com algumas das fotografias do Diaporama, ao contrário da primeira, que se tratava de uma edição de autor.

⁶ RAMALHO, Pedro - Luis Ferreira Alves. In ALVES, Luis Ferreira - **Fotografias em Obras de Eduardo Souto de Moura.** Porto: Scopio Editions, 2016, p.11.

Da mesma forma, na entrevista que realizámos a Pedro Ramalho, o arquiteto afirmou que pretendia, com o Diaporama, afastar-se do modelo convencional de seminário, apresentando uma: “sequência de fotografias que permitissem ver qual é o percurso, a intenção daquela obra. Para dar realmente essa ideia de que o tipo entra, passa o átrio, sobe as escadas, entra num determinado espaço. Essa era a intenção. E isto, não tinha palavra, tinha música. Aliás, a música⁷ era escolhida por ele.”⁸ Pedro Ramalho sublinhou igualmente o sucesso e impacto das imagens, acrescentando que Ferreira Alves recebeu um conjunto de encomendas dos vários arquitetos presentes: “foi nesse dia que nasceu o percurso profissional como fotógrafo de arquitetura.”⁹

A ausência de ensino, formalmente estruturado, não implica, contudo, uma lacuna formativa no percurso de Ferreira Alves. Os indícios estão, tanto na originalidade da apresentação – um diaporama, a linguagem próxima da imagem em movimento do cinema – quanto na qualidade das imagens que o compõem, validades pelo arquiteto e pelas encomendas que se sucederam. A formação de Ferreira Alves foi construída ao longo de décadas, à margem dos circuitos institucionais, até porque, como o próprio fotógrafo refere sobre si mesmo: “todos nós temos um certo tipo de formação. E eu, já no princípio da juventude, apaixonei-me pelos [Piet] Mondrian’s.”¹⁰

Como tal, à data da apresentação do Diaporama, Ferreira Alves detinha um modo de ver modelado pelas ávidas sessões de cinema nas salas do Porto¹¹; pela incursão na Secção de Cinema Experimental do Cineclub, onde inclusive co-filmou *O Auto da Floripes*¹²; pelas viagens a Lisboa, às exposições na Gulbenkian¹³ e à Europa, onde viu pintura e arquitetura; pelas longas tertúlias de café com “intelectuais”¹⁴, pelas relações interpessoais com pintores e arquitetos; pelo interesse por música, pela velocidade das motas e corridas de automóveis, pelas jornadas longas de caça às perdizes, e pelo compromisso político, que comprometeu a liberdade de um percurso alternativo. A esse respeito Maria Helena Cardoso referiu: “(...) ora a ele trocaram-lhe os caminhos

⁷ Cada uma das sete obras de arquitetura apresentadas no Diaporama é acompanhada por sete trechos instrumentais de música clássica, na sua maioria as *Goldberg Variations* de Johann Sebastian Bach.

⁸ Depoimento de Pedro Ramalho na entrevista realizada no seu escritório do Porto, a 6 de março de 2025, no âmbito da investigação da tese de doutoramento.

⁹ RAMALHO, Pedro - Luis Ferreira Alves. In ALVES. In Luis Ferreira - **Fotografias em Obras de Eduardo Souto de Moura**. Porto: Scopio Editions, 2016, p.11.

¹⁰ GONÇALVES, Ricardo - **Luis Ferreira Alves: Um Olhar Construído**. [Registo de vídeo, em linha]. RTP2, 2022. (49:35 min.): cores, minuto 02:40.

¹¹ “(...) Nós não escapávamos a nenhum Bergman, Ford, essa gente toda. Não escapava um único filme. Andávamos no cineclub os dois.” - Referiu Maria Helena Cardoso, a primeira mulher do fotógrafo, na entrevista realizada no dia 26 de novembro de 2025, na sua casa no Porto, no âmbito da investigação da tese de doutoramento.

¹² Filme de 1963, com produção entre 1959 e 1960. A realização é de António Lopes Fernandes e o argumento é de Henrique Alves Costa. O nome de Luis Ferreira Alves surge nos créditos como operador de imagem ao lado de Henrique Cardoso.

¹³ Estas exposições aconteceram ainda nas instalações da Sociedade Nacional de Belas Artes.

¹⁴ “É preciso ver que eramos jovens intelectuais, eramos muito interessados e além disso eu andava nas Belas Artes. O nosso amor pelas obras de artes, pintura, escultura e arquitetura, fazia parte da nossa maneira de estar no mundo. Nós não convivíamos sem isso, nem sem o cinema. O cinema surge pelo lado da minha família, era completamente cinematográfica. O meu pai era presidente do Cineclub do Porto, e o Luis tinha uma vontade pessoal de fazer cinema. Portanto, as artes plásticas e o cinema, eram uma espécie de zona central da nossa existência. Como tal, o conhecimento, ou a relação que íamos fazendo com artistas plásticos era natural.” - referiu Alexandre Alves Costa (com Sérgio Fernandez) na entrevista que realizámos no dia 06 de março de 2025, no seu escritório no Porto, no âmbito da investigação da tese de doutoramento.

completamente. O cinema era o que ele queria. E a fotografia foi um remendo, por isso é que ele foi tão bom, não tendo tantos anos de fotografia.”¹⁵

A deslocação do enquadramento e análise da formação para a contra-formação – o termo com que classificamos a constelação de referências do fotógrafo – implica uma reconfiguração da metodologia da investigação em curso, uma vez que o eixo do problema é transferido do arquivo para o contra-arquivo.¹⁶ A questão deixa de ser onde Ferreira Alves se formou, para se tornar como se formou, e como o processo formativo impacta a documentação, por consequência o documento: a fotografia. Iniciemos a nossa análise pelo documento no arquivo profissional, antes de mergulharmos na relevância do contra-arquivo.

2. O arquivo profissional das imagens;

Em 2021, Luis Ferreira Alves doou o seu arquivo profissional à Casa da Arquitectura – Centro Português de Arquitectura. Um arquivo que sistematiza quatro décadas de prática profissional, constituído por cerca de 55.000 provas analógicas (em diferentes formatos) e cerca de 87.000 imagens digitais, totalizando mais de 143.000 fotografias, na sua grande maioria segundas escolhas, ou seja, negativos com variações de abertura¹⁷ não entregues aos encomendadores (Fig.03-04). Neste arquivo, os nomes dos arquitetos Álvaro Siza Vieira, Agostinho Ricca, Alcino Soutinho, Adalberto Dias, João Álvaro Rocha, Eduardo Souto Moura, Pedro Ramalho ou Raúl Hestnes Ferreira, entre outros, surgem em destaque¹⁸. Ao longo de 22 dossiers (Fig.05), e dezenas de pastas digitais, a fotografia de Luis Ferreira Alves é um processo ao serviço do arquiteto. À semelhança de outros modos de representação de projeto, como o desenho ou a maquete, a fotografia é um instrumento que se insere no conjunto de ferramentas de mediação entre a conceção e a materialização, naquele que é o tempo virtual da arquitetura, antes de ganhar independência (e vida) face ao seu autor. No entanto, distingue-se dos restantes meios pelo momento particular em que ocorre, a fase final do projeto: o encerramento e a sua efetiva ocupação pelo dono de obra.¹⁹

Numa entrevista que realizámos a Eduardo Souto de Moura, e quando questionado acerca da eventual existência de um caderno de encargos que antecede a documentação em campo, respondeu: “eu queria o registo das fotografias das casas e das obras a duas

¹⁵ Depoimento de Maria Helena Cardoso, na entrevista que realizámos no dia 26 de novembro de 2025, na sua casa no Porto, no âmbito da investigação da tese de doutoramento.

¹⁶ O conceito de contra-arquivo surge como resposta ao arquivo tradicional, aquele que organiza e classifica a memória. Enquanto o arquivo seleciona o que merece ser lembrado, e, portanto, o que pode ser esquecido, o contra-arquivo recupera os restos, os vestígios, do que está ausente. Veja-se o caso do projeto de investigação *Rethinking Guernica* do Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia, em Madrid, que compila e apresenta materiais relacionados com a pintura que Pablo Picasso de 1937, provenientes de vários arquivos e organizados sem hierarquia, permitindo várias abordagens aos documentos.

¹⁷ Luis Ferreira Alves recorria sistematicamente ao *bracketing* de exposição, obtendo três negativos por enquadramento com diferentes valores de tempo de obtenção ou abertura do diafragma.

¹⁸ Considerando a frequência com que o nome de cada arquiteto aparece, ou seja, os nomes mais recorrentes, enquanto autores dos projetos documentados.

¹⁹ A este propósito refira-se que o próprio arquivo profissional do fotógrafo suscita algumas questões sobre este sentido de reportagem final de arquitetura, já que nele existem vários registos de acompanhamento de obra. Veja-se, por exemplo a reconversão da Casa da Arquitectura (Real Vinícola), projeto de Gonçalo Machado Vaz, ou da Câmara Municipal de Matosinhos, de Alcino Soutinho, ambos os casos editados em livro. Ver Bibliografia.

dimensões, como alçados e cortes. E ele [Luis Ferreira Alves] agitava-se, primeiro pela atitude, e segundo porque dizia que as casas não são Mondrian's".²⁰

A intenção de Luis Ferreira Alves parecia posicionar-se como uma tentativa de resgate da arquitetura da sua representação bidimensional. Pedro Bandeira, conhecedor da importância da relação entre arquiteto e fotógrafo, bem como das particularidades que definem a fotografia de arquitetura, classificou Luis Ferreira Alves como um fotógrafo moderno: “é na tradição de uma herança modernista que poderemos enquadrar o trabalho de Luis Ferreira Alves, sensível à luz, ao contraste, ao enquadramento, à textura”²¹, completando “[é] esse fotógrafo modernista que abdica de qualquer protagonismo para dar visibilidade à arquitectura e, não menos importante, às pretensões discursivas do arquitecto.”²²

É sabido que Luis Ferreira Alves se dedicou, de forma muito consistente, ao registo fotográfico da obra de diversas figuras incontornáveis, que associamos a um período fundador da Escola do Porto²³. Mas foi com Eduardo Souto de Moura que construiu uma relação de maior continuidade e proximidade, iniciada na década de 1990 com a documentação do edifício Casa das Artes²⁴. O próprio arquiteto reconheceu o papel determinante das imagens de Ferreira Alves na divulgação internacional da sua obra, quando disse: “os arquitetos são conhecidos pelas revistas. E as revistas são a publicação das fotografias de arquitetura. E eu realmente devo-lhe isso [a Luis Ferreira Alves].”²⁵

²⁰ Depoimento de Eduardo Souto de Moura, na entrevista que realizámos no dia 24 de novembro de 2025, no seu escritório no Porto, no âmbito da investigação da tese de doutoramento.

²¹ BANDEIRA, Pedro - Mundo Imperfeito. In ALVES, Luis Ferreira - **Fotografias em Obras de Eduardo Souto de Moura**. Porto: Scopio Editions, 2016, p.259.

²² *ibid.*, p.259.

²³ A Escola do Porto (tema a desenvolver na tese de doutoramento) consolidou-se a partir dos anos 50-60 do século XX, sob a direção de Carlos Ramos, tendo como figuras centrais os arquitetos Fernando Távora, Álvaro Siza Vieira ou Eduardo Souto de Moura. Este último, a esse respeito referiu: “eu acho que a Escola do Porto não é um conjunto de normas, uma axiologia para uma arquitectura futura (...) o que eu acho é que há um ambiente, de uns arquitetos, e de uma obras que fazem um conjunto, que tem uma certa empática, um certo magnetismo e é reconhecível. (...) a Escola do Porto, não são só arquitetos que estudaram na Rua da Alegria, que iam ao Café de São Lázaro. E não são só arquitetos. Havia fotógrafos, era o Luis Ferreira Alves que acompanhava aquilo tudo. Havia pintores, o Ângelo de Sousa, que frequentava esses cafés e era amigo desses. Havia relações afetivas entre eles (...) Portanto era um ambiente, um convívio.” In GONÇALVES, Ricardo - **Luis Ferreira Alves: Um Olhar Construído**. [Registo de vídeo, em linha]. RTP2, 2022. (49:35 min.): cores, minuto 16:40.

²⁴ “Casa das Artes. Primeira obra do Eduardo Souto de Moura que, fotografando, tentei apreender, aprendendo. Habitado até aí à nitidez dos volumes, à alvura da cal, às lisas superfícies zenitalmente iluminadas, logo entendi que me estava a chegar o desafio da pedra, do aço, do vidro, do tijolo-burro, do betão tinto na massa, nas paredes oblíquas de fora para dentro – ou o contrário -, da horizontalidade. Uma pujante, mas contida gramática convocando novo olhar, imaginação. Deixei-me ir atrás do desenho, em busca dele na obra (é um princípio) até atingir o enquadramento síntese da confluência dos materiais: os meus “Mondrian’s ESM”, plenamente do reinado da bidimensionalidade.

Aprendi em liberdade, não me foram impostos programas prévios, fixados pontos de vista, exigidos alçados obrigatórios. Andei todos estes anos, da Casa das Artes ao Burgo, com os olhos à solta impulsionado pelo entusiasmo, sempre consciente de que a fotografia de arquitetura (uma encomenda) não é exercício meramente idiossincrático, mas sim a tal busca do desenho escondido na obra, a qual reduzida à bidimensionalidade revela novas relações, linhas de fuga, re-leituras insuspeitas, tudo isto sujeito ao desígnio que é dá-la a conhecer. (É um fim). Acreditando, todavia, que nada é inocente e só exterior nas fotografias, como na vida, aliás ambas do reino dos meios tons, só por isso me permito pendurá-las numa galeria, autónomas, na esperança de que algo de mim aí esteja também. Não sei se atingi esse desígnio. Uma amizade, isso fiz.” ALVES, Luis Ferreira – Dos Fins e dos princípios. In ALVES, Luis Ferreira - **Fotografias em Obras de Eduardo Souto de Moura**. Porto: Scopio Editions, 2016, p.265.

²⁵ Depoimento de Eduardo Souto de Moura, na entrevista que realizámos no dia 24 de novembro de 2025, no seu escritório no Porto, no âmbito da investigação da tese de doutoramento.

Esta associação arquiteto e fotógrafo insere-se numa tradição consolidada na história da arquitetura moderna (documentação, publicação e divulgação) onde o mutualismo é decisivo para criar uma imagem pública dos edifícios, e do movimento moderno. São casos de estudo as duplas formadas por Richard Neutra e Julius Shulman, Luis Barragán e Armando Salas Portugal, ou Le Corbusier e Lucien Hervé, sem esquecer a influência estruturante das imagens do fotógrafo Ezra Stoller. Em Portugal, um dos exemplos mais evidentes está na ligação entre Eduardo Souto de Moura e Luis Ferreira Alves, como tal é pertinente recuperar as palavras do arquiteto sobre a fotografia de Ferreira Alves que, de certo modo, sublinham a leitura de Pedro Bandeira:

“(…) Um lado documental, fiel à intenção do arquiteto, sem se demitir de tentar fazer um enquadramento mais lato e pessoal em relação à obra. E não de uma forma excessivamente formal, eu julgo que esse lado de busca, de pesquisa, de rigor de algum classicismo.”²⁶

No entanto, embora a obra de Luis Ferreira Alves se insira no campo da documentação de arquitetura, leitura que o arquivo profissional (público) robustece, esta antecipa-se a qualquer outra narrativa possível. Muito embora, a descrição do seu fundo na Casa da Arquitectura²⁷ refira que o fotógrafo se especializou em “fotografia de arquitetura, património e território”²⁸, o que aparentemente alarga o campo de ação da sua obra; o modelo de ordenação do seu arquivo centra-se no arquiteto/arquitetura. O arquivo organiza-se pela sequência: separador de arquiteto, seguido de separador de edifício e respetivos formatos fotográficos. Uma lógica concebida para o suporte analógico (em *dossiers*) e replicada às pastas do arquivo digital.

Afirmar que Luis Ferreira Alves foi um fotógrafo moderno, de uma série de obras de arquitetura, e de um conjunto de arquitetos é inevitável. Igualmente podemos acrescentar a sua vasta experiência em documentação patrimonial, ou referir as suas fotografias de paisagem²⁹. No entanto, nenhum dos exemplos esclarece, por um lado, o facto de, em 1983, Pedro Ramalho partilhar com o fotógrafo a coautoria do Diaporama, incluindo-o no cartaz (Fig.06), ou dedicando-lhe um *slide* (Fig.07-08): “quando fiz este cartaz, fi-lo, dando a mesma importância, aos dois.”³⁰ Por outro lado, se Ferreira Alves fez uma radiografia precisa da arquitetura construída em Portugal desde a década de oitenta, até ao princípio do século XXI, também foi o fotógrafo que, segundo Eduardo Souto de Moura, percebeu o conteúdo e criou um juízo, acrescentando cultura. A esse respeito o arquiteto referiu: “ele não era ilustrado, era culto. Sabe qual é a diferença? Ilustrado é receber imagens, silhuetas, ser culto é perceber os conteúdos, ser culto é alterar e transformar.”³¹

²⁶ Depoimento de Eduardo Souto Moura, em entrevista ao Porto Canal (min. 4:00). In **Vida e obra de Luis Ferreira Alves: o pioneiro na fotografia de arquitetura em Portugal** [Registo de vídeo, em linha]. Porto Canal, 2022. (25:23 min.): cores.

²⁷ Pode ler-se na página *online* da Casa da Arquitectura – Centro Português de Arquitectura. <https://arquivo.casadaarquitectura.pt/inweb/ficha.aspx?ns=1102000&id=14173&Lang=PO&idNavegacaoPrincipal=14173&IPR=3917>

²⁸ *Ibid.*

²⁹ Veja-se o livro: Câmara Municipal de Sabroira (org.), ALVES, Luis Ferreira (foto.) - **Paisagens de Torga hoje**. Martinho da Anta: Câmara Municipal de Sabroira, 2014.

³⁰ Depoimento de Pedro Ramalho, na entrevista que realizámos no dia 06 de março de 2025, no seu escritório no Porto, no âmbito da investigação da tese de doutoramento.

³¹ Depoimento de Eduardo Souto de Moura, na entrevista que realizámos no dia 24 de novembro de 2025, no seu escritório no Porto, no âmbito da investigação da tese de doutoramento.

É dentro deste quadro complexo que se mostra oportuno revisitar o ensaio *Quando documentar não é suficiente*³² de Ruth Verde Zein. No texto, a arquiteta alerta-nos para o risco que a historiografia da arquitetura moderna incorre, quando não é submetida ao teste dos documentos e à sua releitura. Esta advertência ecoa pelas longas naves climatizadas da Real Vinícola, sobretudo se substituirmos no título do texto o verbo documentar, pelo substantivo documento: *quando o documento não é suficiente* ou *quando este documento não é suficiente*. De referir, porém, que a consulta do arquivo profissional não deixa de levantar um conjunto de questões relevantes para a investigação, já que os documentos, também como escreve Ruth Verde Zein, “aguardam pacientemente por nossas reflexões”³³. No entanto, é sob o impulso das novas questões que o arquivo mostra a sua plena potencialidade, abrindo espaço a revisões: “para que isso ocorra é preciso se permitir fazer novas perguntas.”³⁴ Foi, em certa medida, o que aconteceu quando analisámos o ensaio fotográfico neorrealista, sobre a aldeia de Peroguarda, no Alentejo (Fig.09), datado de 1958/1959. Intrigou-nos o hiato de 24 anos que antecedeu o célebre diaporama de 1983, conduzindo-nos à identificação de uma lacuna historiográfica [1938-1983], sobre o percurso e produção fotográfica de Luis Ferreira Alves.

3. O contra-arquivo privado dos documentos;

No ensaio *La recherche: trois apologues*,³⁵ André Corboz relembra que a investigação não é um percurso linear, nem integralmente determinado por uma metodologia rígida, mas um processo dinâmico, aberto ao imprevisto, e suscetível de uma permanente reformulação. No âmbito da sua segunda apologia, de um conjunto de três imagens, defende a noção de serendipidade, entendida como a possibilidade de surgirem descobertas significativas quando se procura inicialmente outro objeto. Esta abordagem implica, por parte do investigador, uma postura de abertura e disponibilidade para reconhecer outras relações, integrando-as na redefinição progressiva do próprio problema de investigação.

Por exemplo, embora o Diaporama de 1983 seja frequentemente apontado como a origem da atividade fotográfica de Luis Ferreira Alves (pelo menos em fotografia de arquitetura), o mesmo não explica o hiato de 24 anos sem produção fotográfica, entre 1958/1959 e as viagens ao Alentejo em 1958/1959. Igualmente, embora Pedro Ramalho reforce a coautoria do Diaporama, não fundamenta que toda a carreira subsequente de Luis Ferreira Alves pareça estar direcionada para permanecer na sombra da arquitetura documentada³⁶, e circunscrita à mesma. O que parece, no entanto, ter sido também uma vontade do fotógrafo, já que escreveu: “a fotografia de arquitetura não proíbe a imaginação, não nega a diferença, e sobretudo não inibe o caminho pessoal. Mas é um fazer que visa objectivos precisos, isto é, não pode perder-se no caminho que leva à compreensão possível de um

³² ZEIN, Ruth Verde - Quando documentar não é suficiente. In ZEIN, Ruth Verde - **Leituras críticas**. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2023, p. 116-131.

³³ Ibid., p.117.

³⁴ Ibid., p.117.

³⁵ CORBOZ, André - La recherche: trois apologues. In **Le territoire comme palimpseste et autres essais**, Besançon: L'Imprimeur, 2001, p. 21-30.

³⁶ No decurso da investigação da tese de doutoramento tem ficado patente que, embora Luis Ferreira Alves não promovesse exposições fotográficas independentes da encomenda, participou em diversas exposições centradas no tema da arquitetura. Este facto não é, contudo, alheio a uma consciência clara da importância da sua autoria enquanto fotógrafo, que o mesmo tinha bem presente.

projecto de arquitectura implantado no terreno através da imagem.”³⁷ Por outras palavras, a fotografia de arquitectura deve ser “essencialista e não fátua”³⁸.

A limitação que se identifica no arquivo profissional reside precisamente nos documentos ausentes, sobre o processo de formação do olhar, sobre as condicionantes subjetivas que precedem e determinam o disparo, e sobre a dimensão autoral de uma prática que tudo aponta para se enquadrar na reportagem de arquitectura. Já no arquivo pessoal do fotógrafo (Fig.10-11)³⁹ é possível folhear publicações (revistas e livros), ver filmes, ouvir discos de vinil, ler notas e ver outros ensaios fotográficos. No seu largo conjunto, este arquivo desvela a grande amplitude dos seus interesses intelectuais e artísticos⁴⁰, mas também amplia o seu campo de ação fotográfica.

Neste binómio, cujo território é o das ciências sociais e humanas e não da matemática pura, encaminhamo-nos inevitavelmente a formalizar um conjunto de outras questões, intuições, e a construir instrumentos teóricos e metodológicos que nos permitam aceder ao seu *photographic gaze* sem o reduzir somente à arquitectura que reporta, portanto ao arquivo profissional. Assim, parte-se da hipótese de que a fotografia de Luis Ferreira Alves excede o arquivo profissional, não podendo ser, nem compreendida, nem balizada pelos seus limites temporais [1983-2021]⁴¹. Convida à sobreposição com um segundo arquivo, de natureza distinta [1938-2022]. Este contra-arquivo reúne as influências, as amizades e as experiências que formataram o seu olhar, antes, e à margem de qualquer encomenda ou Diaporama, além de um conjunto de outras imagens e ensaios fotográficos seminais que colocam em transparência os documentos no arquivo profissional. Apenas a leitura cruzada, e crítica, de ambos os repositórios permite aceder ao seu atlas de referências culturais e visuais, que moldaram a acuidade fotográfica.

4. Entre arquivos;

Foi a disponibilidade para interrogar os próprios fundamentos, e o propósito da investigação, questionando a origem do percurso que indicia o Diaporama da ESBAP, que permitiu expor, entre outros o ensaio fotográfico, e a exposição a que deu origem: *Em Busca da Cor Perdida*. A referência a esta exposição é introduzida em 2022, pelo próprio fotógrafo, no documentário *Luis Ferreira Alves: um Olhar Construído*⁴². Das 510 imagens que compõem o ensaio fotográfico, captadas entre 1977 e 1982, o fotógrafo selecionou 31 fotografias para integrar a exposição. É neste conjunto, bem como nos desenhos de planeamento da exposição, e esquemas de planeamento das molduras e dos seus *passe-partout*, que intuímos encontrarem-se alguns pressupostos do seu modo de ver e de dar a ver. Um olhar que contamina a sua fotografia de arquitectura: a presença vincada das linhas de direção e de fuga, a relação com o edifício a $\frac{3}{4}$, a sucessão de planos, a

³⁷ ALVES, Luis Ferreira - Olhar a arquitectura antes da fotografia. In Luis Ferreira Alves - **Fotografias em Obras de Eduardo Souto de Moura**. Porto: Scopio Editions, 2016, p.263.

³⁸ Ibid., p.263.

³⁹ À data deste texto este arquivo (contra-arquivo) encontra-se ao cuidado da família.

⁴⁰ A este segundo arquivo, acrescenta-se um terceiro arquivo com cerca de 280 documentos. Revistas e livros doados à Biblioteca da Fundação Instituto Marques da Silva em 2013, quando o fotógrafo deixou o seu estúdio de fotografia nas Fontainhas, Porto.

⁴¹ Toma-se como intervalo as datas entre 1983 e 2021 porque, a primeira data corresponde ao Diaporama e a segunda data à doação do arquivo profissional à Casa da Arquitectura, muito embora a instituição aponte a data de 1984 como início do arquivo – lê-se no na sua página *online*.

⁴² GONÇALVES, Ricardo - **Luis Ferreira Alves: Um Olhar Construído**. [Registo de vídeo, em linha]. RTP2, 2022. (49:35 min.): cores, minuto 25:40.

sobreposição/não-sobreposição de elementos, ou o foco nos detalhes construtivos.⁴³ O arquiteto Pedro Ramalho identificou-os, referindo-se às imagens do Diaporama, mas as suas palavras poderiam aplicar-se a este ensaio fotográfico sobre a cidade do Porto: "*nessas primeiras fotografias estão já revelados o saber da composição, o rigor do enquadramento, o sentido poético.*"⁴⁴

Em Busca da Cor Perdida esteve patente entre 11 e 24 de abril de 1983 na Cooperativa Árvore, aproximadamente dois meses antes da apresentação do seminário na ESBAP, o que nos fornece pistas para o *intermezzo* temporal. Na brochura que acompanhou a exposição, o fotógrafo elencou cronologicamente o intervalo entre 1938 e 1983, situando-o entre 1938 e 1976:

“Nos anos 50 veio para o Porto e no princípio teve febre. Depois apaixonou-se por tudo e também pelo cinema que ensaiou na Seccão de Cinema experimental do Cineclub do Porto. Aí, a pensar no cinema sempre, pela mão do extraordinário António Mendes, aprendeu fotografia. Fotografou com ele os mercados do Porto e a Ribeira para um filme que nunca acabou. Fez parte da equipa que realizou, sobre impulso do [Henrique] Alves Costa, o «Auto de Floripes». (...) Em 1957, com amigos e na esteira do poeta António Reis, fez uma reportagem comovida dos campos do baixo Alentejo que está na gaveta e um dia mostrará. Entre 1958 e 1976 parou. A partir de 1976 voltou à fotografia, agora encarada de forma autónoma. Fotografou muito teatro e filmou muito. Mostrou parte desse labor com a Gabriela [Ribeiro], 1982, na Árvore. Foi convidado para a Bienal de Cerveira de 1982 e esteve lá. (...) Ainda em 1982 realizou uma longa-metragem, em vídeo (...), com crianças de Lourosa (...) Nesse mês de abril (...) prepara a sua participação nos 4.ºs Encontros Nacionais de Fotografia de Coimbra.”⁴⁵

Esta *Memória breve de um percurso* revela que, durante dezoito anos, a fotografia foi secundária na vida de Ferreira Alves, surgindo sobretudo em contexto familiar, entre filmagens, passeios ou na caça, uma opção deixada clara pela análise do contra-arquivo. No entanto, é compreensível o contexto que enquadra o Diaporama, tanto através da exposição *Em Busca da Cor Perdida*, como da ligação à fotografia de teatro, que originou em 1982 a exposição *Fotografia de Cena*, em coautoria com Gabriela Ribeiro.⁴⁶ Luis Ferreira Alves escreveu ainda sobre outros momentos da sua trajetória fotográfica: as incursões pelo cinema, o ensaio sobre Peroguarda, e um conjunto de fotografias sobre a Ribeira do Porto (de que existe também um pequeno vídeo no seu contra-arquivo)

⁴³ A precisão é um adjetivo comum usado pelos arquitetos Eduardo Souto Moura e Pedro Ramalho para descrever a obra de Luis Ferreira Alves. Pedro Ramalho sublinha “(...) o saber da composição, o rigor do enquadramento, o sentido poético”. Já Eduardo Souto Moura sublinha o “repouso às linhas verticais alinhadas, diagonais para os cantos, céu e terra em proporções tripartidas conforme a geografia, luz velada no céu, porque apesar de as fotografias serem a cores, os “cinzentos” ainda conseguem abrir”. Nuno Brandão Costa completa escrevendo que a sua fotografia “(...) despojada de efeitos ou artificios digitais, é frontal e bela, crua, mas iluminada, real, mas poética. É uma fotografia como o próprio autor: Culta, Rebelde, Rigorosa.” In ALVES, Luis Ferreira - **Fotografias em Obras de Eduardo Souto de Moura**. Porto: Scopio Editions, 2016.

⁴⁴ RAMALHO, Pedro - Luis Ferreira Alves. In ALVES, Luis Ferreira - **Fotografias em Obras de Eduardo Souto de Moura**. Porto: Scopio Editions, 2016, p.11.

⁴⁵ ALVES, Luis Ferreira - **Memória breve de um percurso**. In Brochura da exposição *Em Busca da Cor Perdida*, 1983 [Porto: Cooperativa Árvore, arquivo Frederico Vicente].

⁴⁶ Gabriela Teles de Cepeda Ribeiro era a sua companheira à época, com quem veio a constituir uma sociedade para se dedicar à produção de fotografia e cinema, a 16 de fevereiro de 1984. A Sociedade Ferreira Alves e Gabriela Lda altera a denominação para Luis Seixas Ferreira Alves a 19 de fevereiro de 1992.

realizadas com António Mendes e ao qual corresponde um texto de Mário Cláudio intitulado *Do Porto ao Douro: a paisagem que Deus não quis fazer sozinho*.⁴⁷

Ausentes desta descrição estão outras fotografias: os retratos dos seus camaradas na enfermaria do Hospital Militar em 1958, as imagens das viagens pela Europa, realizadas entre 1956 e 1958, em dois longos itinerários de automóvel, bem como a deriva fotográfica pela cidade do Porto, à beira do Douro. É precisamente durante estas viagens que Ferreira Alves desenvolveu uma prática de registo que importa considerar. Fotografou em filme e a P&B, sistematizando depois as fotografias em formato 1x1 ou 4x5, em pequenos cadernos de viagem anotados (Fig. 12-13). Folheando os cadernos, a primeira viagem aconteceu entre 1 e 24 de setembro de 1956. Na companhia de amigos, e sócios do seu pai, viaja entre Porto e o Luxemburgo com o seguinte roteiro/paragens: Porto; Salamanca; Burgos; S. Sebastian; Biarritz; Paris; Bruxelas; Louvain; Liège; Hannover; Wuppertal; Dortmund; Koln; Frankfurt; Trier; Luxemburgo. No caderno é notório o interesse pela arquitetura das cidades, mas não apenas, também pela paisagem da costa brava espanhola, pelo curso dos rios Reno e Mosela, pelos animais no jardim zoológico de Frankfurt, ou pelas flores no Jardim Botânico. A segunda viagem aconteceu dois anos depois, entre 25 de abril e 25 de maio de 1958. Voltou ao centro da Europa, mas com a objetiva apontada à *Expo '58 - Exposition Universelle et Internationale de Bruxelles* (Exposição Universal e Internacional de Bruxelas) que decorreu entre 17 de abril a 19 de outubro de 1958. Na exposição viu, e fotografou, por exemplo o *Atomium* ou o *Pavilhão Philips*, edifício projetado por Le Corbusier e Iannis Xenakis, num diálogo entre a música e a forma da própria arquitetura. O roteiro teve como ponto de partida o Porto e passou por Salamanca; Burgos; Paris; Charleroi; Bruxelas; Malines; Gant; Bruges; Paris.

O contra-argumento de que o Diaporama é a primeira encomenda recebida por Luis Ferreira Alves, para documentar arquitetura, pressupondo uma intencionalidade que não é partilhada pelos anteriores casos, não deixa de ser pertinente. Primeiro, porque um dos exemplos inscreve-se no trabalho desenvolvido enquanto fotógrafo de cena, e os outros ensaios resultam de um interesse particular pela cidade do Porto, ou de viagens – *flâneur*. Todavia, já no final da década de 1970, período que coincide com a sua colaboração com a Fábrica Portuguesa de Borracha, S.A. (Fapobol), entre 1968 e 1984⁴⁸, Luis Ferreira Alves produziu um conjunto de registos a preto e branco (118 imagens) sobre aquela unidade industrial. Um ensaio fotográfico que se inscreve no interstício entre a fotografia de arquitetura, com as grandes angulares sobre a envolvente exterior, e a documentação neorrealista da atividade dentro de uma fábrica, próxima da estética tanto das fotografias de Peroguarda, como das fotografias pelas ruas da Ribeira do Porto (Fig.14-17). Homens operam maquinarias de fabrico e corte de polímeros, enquanto as mulheres costuram o revestimento que irá cobrir os colchões. Algumas imagens da série aproximam-se da fotografia de cena, não apenas pelo uso do preto e branco, expectável à época, mas pelo recurso ao *flash*, que intensifica os contrastes, e, sobretudo, pela opção de fechar o enquadramento sobre as figuras e as suas ações – identificamos-lhe as expressões faciais. Uma característica que parece estar ausente na fotografia de arquitetura de Luis Ferreira Alves, uma vez que a arquitetura é fotografada no exato momento, entre o fim da obra e o começo de uma vida, encontrando-se por habitar; mas que surge nos retratos de

⁴⁷ CLÁUDIO, Mário - *Do Porto ao Douro: a paisagem que Deus não quis fazer sozinho*. [cópia de texto dactilografado, sem data, A4, 4 páginas, arquivo Frederico Vicente].

⁴⁸ Considera-se este intervalo temporal, entre o início da colaboração com a Fapobol e o momento em que é constituída a Sociedade Ferreira Alves e Gabriela Ldª, embora a colaboração com a Fapobol fosse inicialmente intercalada com os trabalhos pontuais em fotografia.

Peroguarda, nos rostos e nas figuras à janela nas viagens a Évora, nas gentes da Ribeira do Porto ou nas fotografias de manifestações políticas.

5. A sobreposição dos arquivos;

O percurso de Luis Ferreira Alves não se inicia em 1983, quando o arquiteto Pedro Ramalho convida o fotógrafo a produzir um conjunto de imagens que refletissem 10 anos de prática em arquitetura. Começa duas décadas antes, nas salas de cinema do Porto, nos cadernos de viagem, nas tertúlias de café, no ensaio de Peroguarda, nos estudos para filmes, nas alquimias da pintura que pediu a Eduardo Luiz que lhe ensinasse, na fotografia de cena no Teatro Experimental do Porto, no Teatro Estúdio de Arte Realista e no Teatro Universitário do Porto, com Gabriela Ribeiro. É nesse intervalo longo e aparentemente silencioso que se forma o olhar que o Diaporama revelou.

O conceito de contra-formação, proposto neste artigo, parte precisamente desta constelação de referências: a formação de um fotógrafo não se esgota nos modelos académicos tradicionais, nem nas filiações a escolas ou mestres. No caso de Ferreira Alves, a formação é inseparável da contra-formação, o conjunto de experiências, referências e encontros que moldaram o seu olhar à margem de qualquer estrutura institucional. Compreender uma sem a outra é compreender apenas metade do problema. É por isso que a questão deixa de ser onde se formou para se tornar como se formou, e de que modo esse processo formativo impacta a fotografia que produziu.

É aqui que a relação entre o arquivo e o contra-arquivo se revela decisiva. Nenhum dos dois arquivos é suficiente por si só: o arquivo profissional organiza e sistematiza quarenta anos de prática, mas deixa na sombra o processo que a tornou possível. O contra-arquivo ilumina esse processo, mas carece do arquivo profissional para se verificar e ancorar nas imagens de arquitetura. Somente o cruzamento de ambos faz emergir a ligação entre todas as coisas: a relação entre o documento e o ato de documentar. Um cruzamento que em sentido figurado se assemelha aos desenhos de sobreposição em arquitetura, com cores convencionais: camadas que, lidas em separado, têm um significado parcial, mas que sobrepostas numa mesa de luz revelam uma leitura completa do projeto, sublinhado o que é estrutural. Um arquivo ilumina o outro, e é nesse encadeamento de vegetais que reside a possibilidade de uma leitura verdadeiramente crítica da obra de Ferreira Alves, porque, na sua simplicidade formal, o Diaporama é um conjunto de duas realidades: uma imagem projetada sobre uma superfície, sincronizada com um som.



Fig. 01 – Fotografia do ATLAS em produção (duas páginas, dim.: 42x59,4cm) no âmbito da da tese de doutoramento em torno da figura de Luis Ferreira Alves.
Fonte: arquivo Frederico Vicente.

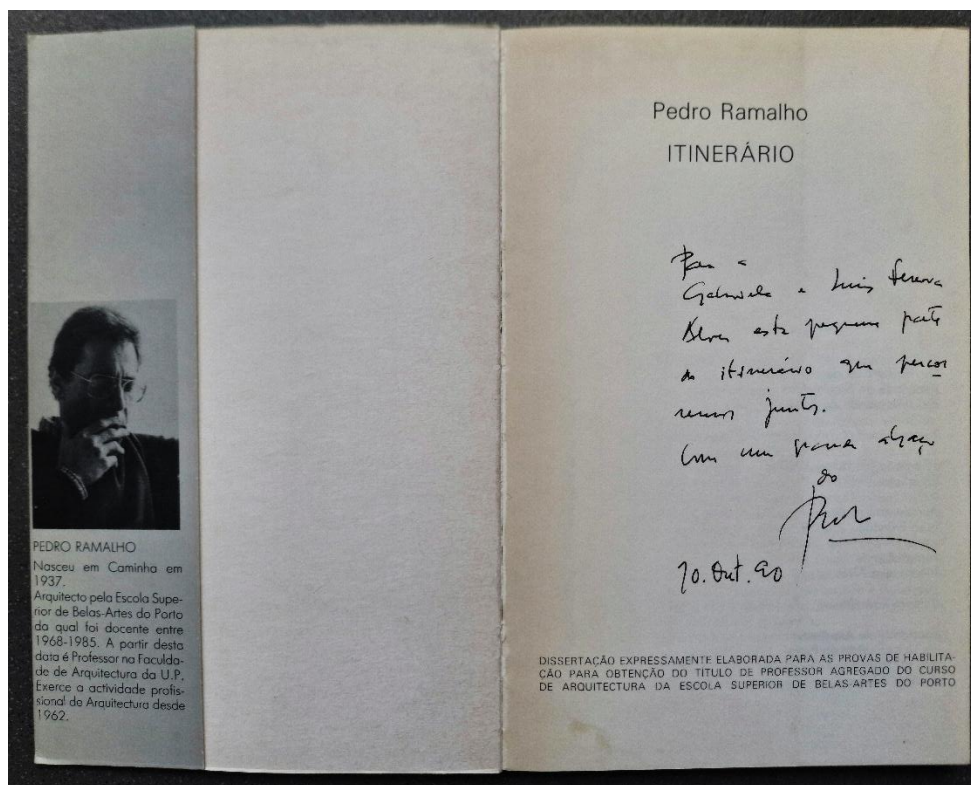


Fig. 02 – Fotografia da contracapa, com badana, e folha de rosto do livro *Itinerário* de Pedro Ramalho. Pode ler-se na folha de rosto uma dedicatória assinada pelo autor, datada de 10 de outubro de 1990, para Gabriela Ribeiro e Luis Ferreira Alves.
 Fonte: arquivo Frederico Vicente.



Fig. 03 e 04 – Fotografias de negativos, sobre mesa de luz, da consulta do arquivo profissional LFA na Casa da Arquitectura – Centro Português de Arquitectura. 04 de novembro de 2025.
 Fonte: arquivo Frederico Vicente.



Fig.05 – Fotografia do ambiente da consulta do arquivo profissional LFA na Casa da – Centro Português de Arquitetura. 15 de janeiro de 2025.
Fonte: arquivo Frederico Vicente.

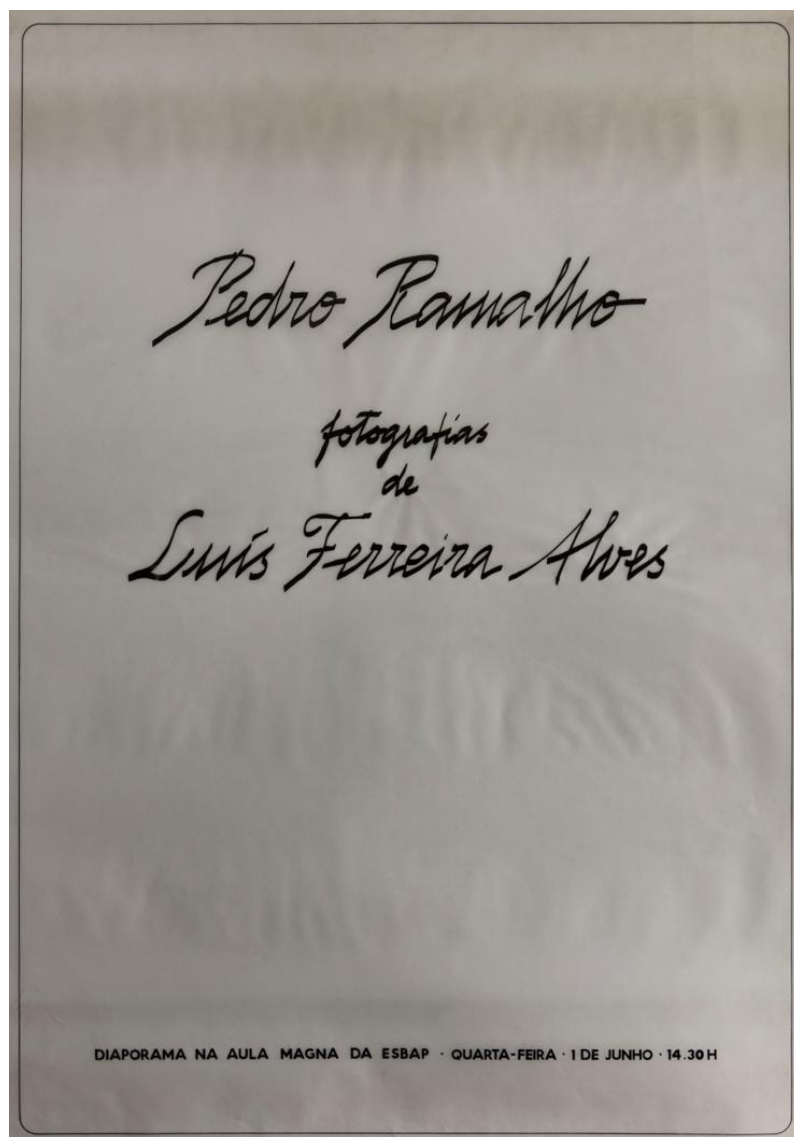


Fig. 06 – Cartaz de divulgação do Diaporama.
Fonte: Arquivo pessoal Luis Ferreira Alves.

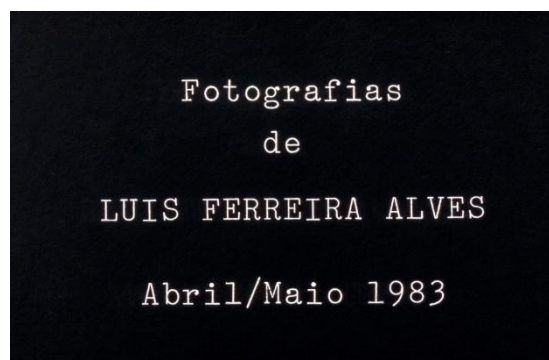
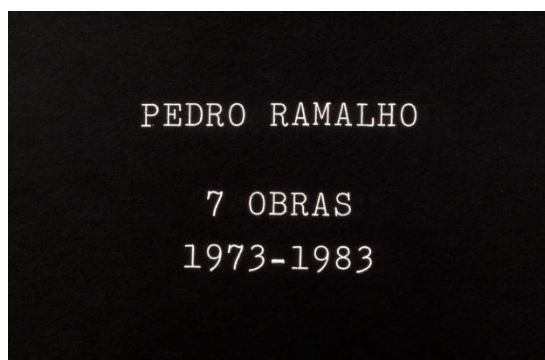


Fig. 07 e 08 – Slides do Diaporama.
Fonte: Arquivo pessoal Luis Ferreira Alves



Fig. 09 – fotografia das provas de contacto do ensaio fotográfico sobre a aldeia de Peroguarda, no Alentejo.
Fonte: Arquivo pessoal Luis Ferreira Alves.



Fig. 10 e 11 – Fotografias do ambiente do arquivo pessoal (escritório) em sua casa. 23 de Abril de 2025 (esq.) e 09 de Fevereiro de 2026 (dir.).
Fonte: arquivo Frederico Vicente.



Fig. 12 – Digitalização do Caderno de Viagem de 1956.
Fonte: Arquivo pessoal Luis Ferreira Alves.

Fig. 13 – Digitalização do Caderno de Viagem de 1958.
Fonte: Arquivo pessoal Luis Ferreira Alves.

Referências Bibliográficas:

ALVES, Luis Ferreira - **Fotografias em obras de Eduardo Souto de Moura**. Porto: Scopio Editions, 2016.

ALVES, Luis Ferreira (foto.) - **Real Vinícola – Uma Reconversão**. **Guilherme Machado Vaz**. Matosinhos: Bluenook, 2018.

ALVES, Luis Ferreira; COSTA, Alexandre Alves - **Peroguarda 58/59**. Porto: Cariátides, 2016.

CORBOZ, André - La recherche: trois apologues. In **Le territoire comme palimpseste et autres essais**. Besançon: L'Imprimeur, 2001.

GONÇALVES, Ricardo - **Luis Ferreira Alves: Um Olhar Construído**. [Registo de vídeo, em linha]. RTP2, 2022. (49:35 min.): cores. [Consult. 18 fev. 2025]. Disponível em <https://www.rtp.pt/play/p11311/e668420/luis-ferreira-alves-um-olhar-construido>

RAMALHO, Pedro - **Itinerário**. Porto: edições Faculdade de Arquitectura da Universidade do porto, 1989.

SOUTINHO, Alcino (texto), ALVES, Ferreira Alves (foto.) - **Matosinhos, Paços do Concelho**. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, 1992.

ZEIN, Ruth Verde - Quando documentar não é suficiente. In ZEIN, Ruth Verde - **Leituras críticas**. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2023.

Camara Municipal de Sabrosa (org.), Luis Ferreira ALves (foto.) - **Paisagens de Torga hoje**. Martinho da Anta: Câmara Municipal de Sabrosa, 2014.

Arquivos:

CASA DA ARQUITECTURA – CENTRO PORTUGUÊS DE ARQUITECTURA - **Fundo Luis Ferreira Alves [PT/CA/LFA]**. Matosinhos.

FUNDAÇÃO INSTITUTO MARQUES DA SILVA - **Biblioteca Luis Ferreira Alves [LFA.0 01 - LFA 0151]**. Porto.

Entrevistas:

CARDOSO, Maria Helena - **Entrevista concedida a Frederico Vicente no âmbito da tese de doutoramento**. Porto: 26 de novembro de 2025, [Som da entrevista gravado e transcrito].

MOURA, Eduardo Souto de - **Entrevista concedida a Frederico Vicente no âmbito da tese de doutoramento**. Porto: 24 de novembro de 2025, [Som da entrevista gravado e transcrito].

RAMALHO, Pedro - **Entrevista concedida a Frederico Vicente no âmbito da tese de doutoramento**. Porto: 6 de março de 2025, [Som da entrevista gravado e transcrito].

COSTA, Alexandre Alves; FERNANDEZ, Sérgio - **Entrevista concedida a Frederico Vicente no âmbito da tese de doutoramento.** Porto: 6 de março de 2025, [Som da entrevista gravado e transcrito].

Documentos:

ALVES, Luis Ferreira - **Em Busca da Cor Perdida.** 1983 [Brochura da exposição, Porto: Cooperativa Árvore, arquivo Frederico Vicente].

CLÁUDIO, Mário - **Do Porto ao Douro: a paisagem que Deus não quis fazer sozinho.** [cópia de texto dactilografado, sem data, A4, 4 páginas, arquivo Frederico Vicente].

RAMALHO, Pedro - **A propósito de um seminário/diaporama. Ao Luis Ferreira Alves.** [cópia de texto dactilografado, Porto: maio de 1983, A4, 4 páginas, arquivo Frederico Vicente].

Gonçalo Ribeiro Telles (1922–2020): as raízes familiares e territoriais do seu pensamento

Elodie Marques

Elodie_Marques@iscte-iul.pt

Resumo: Gonçalo Ribeiro Telles (1922–2020) é habitualmente lembrado a partir da obra escrita, projetada e construída, tal como o Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian, a Reserva Agrícola Nacional, a Reserva Ecológica Nacional, o Corredor Verde de Monsanto. Estas realizações, que atravessam a prática projetual, a legislação e o ensino universitário, são invocadas em conjunto como se constituíssem uma unidade natural.

Alguns autores procuraram através do estudo da vida e da obra de Gonçalo Ribeiro Telles, dar coesão a um pensamento que permanece reconhecível ao longo de setenta anos de ação pública. Mas qual será a raiz do seu pensamento?

Ainda que alguns autores apontem para as influências familiares, a resposta habitual tende a apontar para a academia: o Curso Livre de Arquitetura Paisagista (CLAP), fundado por Francisco Caldeira Cabral no Instituto Superior de Agronomia a partir de 1942, teria sido o momento formativo decisivo.

A partir da vida e obra de Ribeiro Telles, este artigo propõe uma leitura apoiada nos depoimentos inéditos do filho Miguel Ribeiro Telles e do neto Gonçalo Ribeiro Telles, recolhidos no âmbito da investigação de doutoramento sobre “O Legado Teórico de Gonçalo Ribeiro Telles com foco na paisagem urbana”¹, e centrada na ideia de que a academia permitiu articular um pensamento que já se vinha formando anteriormente.

As raízes encontram-se na família, no território, numa herança filosófica transmitida oralmente e numa experiência vivida de ligação entre a cidade e o campo.

O artigo organiza-se em torno de quatro núcleos: o primeiro examina o território como primeira escola: a dualidade entre a casa de Lisboa e a casa de Coruche, entendendo que não era apenas biográfica, era construtiva de uma forma de pensar a paisagem como sistema integrado de relações entre o urbano e o rural; o segundo explora a família como formação filosófica: o tio-avô Joaquim Cardoso Gonçalves e a sua leitura política das iluminuras medievais; a linhagem monárquica e a ideia burkeana de continuidade como responsabilidade perante o passado e o futuro; e a filosofia grega e agostiniana transmitida oralmente aos netos; o terceiro analisa o encontro com a academia como confirmação: Caldeira Cabral fomentou o que a família tinha iniciado; o trabalho final do curso dedicado ao estudo do ordenamento paisagísticos de três herdades localizadas em Coruche é um sinal claro do seu pensamento; o quarto e último núcleo centra-se na personalidade privada como chave do pensamento público: o método de pensar por conversas e pelo folhear, o universo visual e cultural de alguém que ouvia música clássica, colecionava antiguidades e ensinava desenhando.

O argumento central é simples, mas tem consequências: compreender Gonçalo Ribeiro Telles exige recuperar as raízes familiares e territoriais. É nas raízes, no território do Ribatejo, nas iluminuras medievais de um tio-avô republicano, na ideia monárquica de serviço para o bem comum que se encontra a origem da coerência do seu pensamento. E é aí, também, que se encontra a razão pela qual as suas ideias são, nas palavras do neto,

¹ Financiada pela FCT – 2023.01881.BD.

"ainda mais relevantes hoje": porque nascem de uma experiência do mundo que precede a qualquer categoria disciplinar ou filiação partidária.

Palavras-chave: Gonçalo Ribeiro Telles; arquitetura paisagista; raízes familiares; raízes territoriais

1. Introdução

Quando Gonçalo Ribeiro Telles morreu, a 11 de novembro de 2020, as comunicações produzidas em sua memória revelaram um retrato consensual.² Arquiteto paisagista, ecologista, político, legislador, professor: dimensões distintas de um mesmo percurso, evocadas em conjunto como se constituíssem uma unidade autoevidente. O Presidente da República qualificou-o como "*pioneiro em Portugal das grandes questões que hoje, mais do que nunca, se mostram decisivas*".³

Mas esta coerência levanta uma pergunta que este artigo se propõe responder: de onde vem? O que torna o pensamento de um homem formado em Agronomia com o Curso Livre de Arquitetura Paisagista tão sistematicamente orientado para questões que a sua época ainda não sabia nomear? O que explica que, ao longo de setenta anos de ação pública, os valores de fundo permaneçam reconhecíveis?

A bibliografia existente oferece instrumentos essenciais para esta leitura. O catálogo da exposição "A Utopia e os Pés na Terra"⁴ constitui uma obra fundamental para a construção da memória disciplinar e cultural sobre Ribeiro Telles: para além da análise crítica das obras mais significativas, incorpora documentação inédita e introduz uma leitura do carácter profundamente utópico e ético que molda o seu percurso. As obras de Fernando Santos Pessoa, desde os primeiros estudos biográficos⁵ à obra síntese "Gonçalo Ribeiro Telles o homem e a obra"⁶, passando pela fotobiografia⁷ e pela compilação de alguns textos⁸ que documenta o papel determinante da Ribeiro Telles na definição das bases da política ambiental portuguesa no pós 1974, evidenciam a forma como transferiu para o plano político os princípios ecológicos que estruturavam o seu trabalho disciplinar.⁹

A partir da vida e obra de Ribeiro Telles, este artigo propõe uma leitura apoiada nos depoimentos inéditos do filho Miguel Ribeiro Telles e do neto Gonçalo Ribeiro Telles, recolhidos no âmbito da investigação de doutoramento "*O Legado Teórico de Gonçalo*

²VASCONCELOS, Domingas; FARINHA-MARQUES, Paulo; REGO, Francisco - Gonçalo Ribeiro Telles: Landscape architect, ecologist and politician in Portugal. In MATOS SILVA, Maria; CASTELBRANCO, Cristina; NUNES, João; RIBEIRO, Luís; ANDRESEN, Teresa - *Portuguese Landscape Architecture Education, Heritage and Research: 80 Years of History*. New York: Routledge, 2025. P. 30-61. Destaque para a análise das comunicações sobre Gonçalo Ribeiro Telles aquando da sua morte, novembro de 2020. Os quatro domínios identificados: Paisagem, Ecologia-Ambiente, Política e Ensino-Educação.

³Marcelo Rebelo de Sousa, **nota de pesar pelo falecimento de Gonçalo Ribeiro Telles**, novembro de 2020, Presidência da República Portuguesa.

⁴CAETANO, Joaquim (coord.) - **A utopia e os pés na terra: Gonçalo Ribeiro Telles**. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2003.

⁵PESSOA, Fernando Santos - **Gonçalo Ribeiro Telles: esboço biográfico**. Lisboa: Paulo Trancoso—Costa do Castelo Filmes, 2002.

⁶PESSOA, Fernando Santos - **Gonçalo Ribeiro Telles: o homem e a obra**. Lisboa: Argumentum, 2021.

⁷PESSOA, Fernando Santos - **Gonçalo Ribeiro Telles: a fotobiografia**. Lisboa: Argumentum, 2011.

⁸PESSOA, Fernando Santos - **Gonçalo Ribeiro Telles: Textos escolhidos**. Lisboa: Argumentum, 2016.

⁹São exemplos a Reserva Agrícola Nacional e Reserva Ecológica Nacional.

*Ribeiro Telles com foco na paisagem urbana*¹⁰, e centrada numa ideia: a academia permitiu articular um pensamento que já se vinha formando anteriormente. As raízes encontram-se na família, no território, numa herança filosófica transmitida oralmente e numa experiência vivida de ligação entre a cidade e o campo, que o filho resume numa frase: *"tudo nasce desta ligação da cidade com o campo."*¹¹

O artigo organiza-se em torno de quatro núcleos. O primeiro examina o território como primeira escola: a dualidade entre a casa de Lisboa e a casa de Coruche, que não era apenas biográfica, mas construtiva de uma forma de pensar a paisagem como sistema integrado de relações entre o urbano e o rural. O segundo explora a família como formação filosófica: o tio-avô Joaquim Cardoso Gonçalves e a sua leitura política das iluminuras medievais; a linhagem monárquica e a ideia burkeana de continuidade como responsabilidade perante o passado e o futuro; e a filosofia grega e agostiniana transmitida oralmente. O terceiro analisa o encontro com a academia como confirmação: Caldeira Cabral fomentou o que a família tinha iniciado, e o trabalho final do curso, dedicado ao ordenamento paisagístico de três herdades em Coruche, é o sinal mais claro desta continuidade. O quarto centra-se na personalidade privada como chave do pensamento público: o método de pensar por conversas e pelo folhear, o universo visual e cultural de alguém que ouvia música clássica, colecionava antiguidades e ensinava desenhando.

2. Raízes territoriais

2.1. As duas casas

Gonçalo Ribeiro Telles escreve sobre as duas casas que compõem o seu espaço íntimo: uma num bairro de Lisboa, onde *"ainda se respira e vive"*; e outra numa vila ribatejana, *"com cheiro a velho burgo e a ruralidade"*.¹² O artigo, considerado pelo filho como *"imprescindível para se conhecer o meu pai"*¹³, revela precisamente esta dualidade estruturante: a ligação da casa de Lisboa com a casa de Coruche, da cidade com a ruralidade, com aquela ideia que o pai tinha *"do Governo da cidade abastecida pela agricultura."*

A casa da família em Lisboa situava-se inicialmente no cruzamento da rua das Pretas com a Avenida da Liberdade¹⁴, com a entrada pela rua das Pretas, mas a casa abrindo-se, na sua maior dimensão para a Avenida¹⁵; e depois na rua de São José, paralela à Avenida da Liberdade, com azulejos do século XVIII, pátio e uma pequena biblioteca de trabalho. A casa de Coruche era uma casa de dois pisos no centro da vila, com três pátios em escada, amplas divisões frescas e uma grande biblioteca.¹⁶ Ambas as casas, escreve Ribeiro Telles, *"constituem o refúgio da minha intimidade e o castelo onde se guardam e fazem*

¹⁰ Financiada pela FCT – 2023.01881.BD.

¹¹ Miguel Ribeiro Telles, entrevista à autora, 2026 [doravante: MRT, entrevista]. O artigo 'As Minhas Duas Casas' encontra-se publicado em CAETANO, Joaquim (coord.) - **A utopia e os pés na terra: Gonçalo Ribeiro Telles**. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2003.

¹² TELLES, Gonçalo Ribeiro - "Duas Casas". In CAETANO, Joaquim de Oliveira (Coord.) - **A utopia e os pés na terra**. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2003. P.343.

¹³ MRT, entrevista: "Coruche é uma coisa essencial. É um dos pilares da vida do meu pai. Eu até acho que é o pilar da vida do meu pai."

¹⁴ Este prédio foi demolido.

¹⁵ MRT, entrevista. "O prédio tinha talvez 40 m para a Liberdade. Para a avenida liberdade e vim para a rua das pretas e a porta era na rua das pretas."

¹⁶ Gonçalo Ribeiro Telles (neto), entrevista à autora, 2026 [doravante: GRTn, entrevista]: "a grande biblioteca do meu avô sempre foi em Coruche". Sobre os três pátios e a amplitude da casa, cf. a mesma entrevista.

viver as recordações que nos são caras"¹⁷, irmanadas pela proporção dos edifícios, pela escala das ruas e, sobretudo, "pelo calor da convivência humana, nascida das raízes comuns e da vizinhança."¹⁸

Esta dualidade não era apenas biográfica. Era, antes de tudo, uma experiência formativa: crescer entre dois mundos, dois ritmos, dois modos de habitar o espaço. Lisboa era a cidade, o comboio, a Avenida da Liberdade, os polícias sinaleiros, os táxis enfileirados.¹⁹ Coruche era o campo, a família alargada, o rio, os ciclos agrícolas, a memória viva de gerações anteriores ligadas à terra. Para o filho, não há dúvida sobre qual dos dois mundos pesou mais: "Coruche é uma coisa essencial. É um dos pilares da vida do meu pai. Eu até acho que é o pilar da vida do meu pai."²⁰

O que torna este dado relevante para a compreensão do seu pensamento é que esta ligação não era sentimental nem nostálgica. Era construtiva. O próprio Ribeiro Telles o afirma com clareza no artigo: as casas em que se revê "têm memória, história e integram-se em lugares, sem os quais não as poderia entender".

A ideia que viria a estruturar décadas de prática projetual e de intervenção política: a cidade que precisa do campo para ser cidade, a paisagem como sistema integrado de relações entre o urbano e o rural, estava já inscrita na experiência quotidiana antes de qualquer formalização teórica. Como conclui no artigo: "A minha casa, distribuída por dois sítios distantes, é a expressão física da minha liberdade e o elo que mais me liga às comunidades onde tive a felicidade de nascer e viver."

2.2. Coruche

A casa de Coruche não era apenas um lugar de férias. Era o centro da vida intelectual de Ribeiro Telles. Era lá que se encontrava a sua grande biblioteca²¹, e era lá que se reunia o círculo de pensadores a quem a sua esposa chamava, com ironia carinhosa, o "grupo dos sábios": arquitetos paisagistas, intelectuais e políticos com quem Gonçalo Ribeiro Telles debatia regularmente os problemas do país e do território.²² O neto descreve a divisão tácita da casa: "no andar de cima, o meu avô a tratar dos grandes temas do mundo e do ordenamento do território portugueses; cá em baixo, entre a sala e o quintal, a minha avó resolvia a disposição da família"²³.

Mas Coruche era também, desde cedo, um espaço pedagógico. Miguel Ribeiro Telles recorda os *Rally Papers* que o pai organizava para as crianças da família e dos amigos: percursos pela vila que obrigavam a ir à Igreja da Misericórdia, a descobrir a história dos

¹⁷ TELLES, Gonçalo Ribeiro - "Duas Casas". In CAETANO, Joaquim de Oliveira (Coord.) - **A utopia e os pés na terra**. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2003. P.343.

¹⁸ TELLES, Gonçalo Ribeiro - "Duas Casas". In CAETANO, Joaquim de Oliveira (Coord.) - **A utopia e os pés na terra**. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2003. P.343.

¹⁹ SALDANHA, Rita - **Em Nome da Terra - Gonçalo Ribeiro Telles**. Lisboa: Miguel Ferraz, 2010. <https://www.rtp.pt/programa/tv/p26478>

²⁰ MRT, entrevista: "Coruche é uma coisa essencial. É um dos pilares da vida do meu pai. Eu até acho que é o pilar da vida do meu pai."

²¹ GRTn, entrevista.

²² GRTn, entrevista: "o grupo dos sábios eram sobretudo pessoas que gostavam de pensar o país e os problemas do mundo, e que iam muito a Coruche". O nome foi cunhado pela avó.

²³ TELLES, Gonçalo Sousa Tavares Ribeiro – Prefácio. In **Prémio Gonçalo Ribeiro Telles para o Ambiente e Paisagem**. Lisboa: Camara Municipal de Lisboa. P.13.

lugares.²⁴ Incutia a cultura dessa forma, numa aprendizagem pelo território, pelo movimento, pela descoberta. O mesmo princípio que, anos mais tarde, orientaria a sua abordagem pedagógica na Universidade de Évora.

Não é indiferente que o trabalho final do curso de arquitetura paisagista, apresentado em 1950, tenha sido dedicado a Coruche: “Um caso concreto de ordenamento paisagístico. Estudo de três herdades no concelho de Coruche”.²⁵ O território que o havia formado tornou-se o objeto do seu primeiro projeto formal.

3. Raízes familiares

3.1. O tio-avô

A figura mais determinante na formação intelectual de Ribeiro Telles foi o tio-avô Joaquim Cardoso Gonçalves (1864–1946), irmão da avó materna, que vivia no andar de cima da casa familiar no cruzamento da rua da Pretas com a Avenida da Liberdade. Essa vivência é descrita por Ribeiro Telles no documentário “A Vossa Terra”: “*Tinha um tio avô que vivia no quinto andar da rua das pretas; quinto andar onde se via tudo à volta e o céu, era uma perspectiva completamente diferente dos outros andares mais baixos, e isso marcou-me. Marcou-me o ritmo de vida, por exemplo, um ritmo que dava era quando havia searas à volta de Lisboa aumentava a pardalada que vinha dormir a Lisboa aos ulmeiros da Avenida [da Liberdade] com um horário absolutamente rígido; quando havia grão eles saíam às horas necessárias para ir para ir apanhar o grão; se não havia grão iam para outra coisa. Quer dizer, era um relógio que me marcou desde o princípio: a chegada e a partida dos pardais e dos pássaros de bico mole para a Avenida da Liberdade, e dos melros, que também têm direito, e outro que vinha atrás imediatamente desta sequência toda era a coruja-das-torres que fazia ninhos nos prédios que não tinham andares alugados no seu telhado.*”²⁶

Além desta experiência mais sensível, Gonçalo Ribeiro Telles admite ter sido uma pessoa fundamental na sua vida.²⁷ Marcado por uma paralisia infantil que nunca limitou a sua vitalidade cívica, Gonçalves era uma pessoa com muitas preocupações, frequentador da Universidade Popular, dedicado ao estudo das iluminuras medievais.²⁸ O que o jovem Gonçalo aprendia com ele não era, portanto, a história da arte no sentido académico. Era uma forma de ler o mundo através das imagens. A descoberta que o tio-avô fez sobre o *Apocalipse do Lorvão*,²⁹ manuscrito iluminado de 1189, é evocada por

²⁴ MRT, entrevista: "ele fazia Rally Papers para nós conhecermos a história de Coruche, que era ir ao castelo, saber ir à Igreja da Misericórdia, saber como é que foi constituída. O meu pai incutia-nos em Coruche a cultura dessa forma".

²⁵ TELLES, Gonçalo Ribeiro - **Um caso concreto de ordenamento paisagístico: estudo de três herdades no concelho de Coruche**. Lisboa: ISA, 1950. Relatório final do curso de engenheiro agrónomo e arquiteto paisagista.

²⁶ TELLES, Gonçalo Ribeiro in A Vossa Terra. Realizado por João Mário Grilo. Lisboa: Ana Costa e Paulo Trancoso, 2016. Documentário a partir da obra escrita, projetada e construída de Gonçalo Ribeiro Telles (60 min.) 23:31-24:55.

²⁷ TELLES, Gonçalo Ribeiro in RIBEIRO, Anabela Mota – **Gonçalo Ribeiro Telles**. [doravante: GRT, entrevista AMR] <https://anabelamotaribeiro.pt/24603.html>. “Como é que você sabe do meu tio Joaquim? É uma pessoa fundamental na minha vida”

²⁸ PESSOA, Fernando – Gonçalo Pereira Ribeiro Telles: construtor de ideias e paisagens. In Caetano, Joaquim de Oliveira - **A utopia e os pés na terra**. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2003. p. 20.

²⁹ TELLES, Gonçalo Ribeiro in RIBEIRO, Anabela Mota – **Gonçalo Ribeiro Telles**. [doravante: GRT, entrevista AMR] <https://anabelamotaribeiro.pt/24603.html>. "o meu tio fez uma descoberta sobre o

Ribeiro Telles com precisão ao longo da vida: a Balança que todos interpretavam como Justiça era, na sua leitura, a Injustiça Social.³⁰

Esta leitura política da iconografia medieval, a ideia de que uma imagem aparentemente neutra esconde uma estrutura de dominação, é um gesto interpretativo que marca o pensamento de Ribeiro Telles: a capacidade de ver no território, tal como o tio via nas iluminuras, não apenas formas e funções, mas relações de poder, justiça e injustiça. A paisagem, para ele, nunca foi apenas estética.

Há aqui, também, um paradoxo produtivo que vale a pena sublinhar. Joaquim Cardoso Gonçalves era republicano convicto, enquanto a família paterna de Ribeiro Telles era monárquica. O mentor intelectual e a herança política eram, portanto, em tensão.³¹ Esta tensão não se resolveu numa síntese fácil: gerou antes um pensamento politicamente inclassificável, que o filho caracteriza com precisão: "*o meu pai tinha os seus objetivos. Se tivesse o apoio do PS, tinha o apoio do PS. Se tivesse o apoio do CDS, tinha o apoio do CDS. O objetivo não tinha a ver com política, tinha a ver com: eu quero isso para o território.*"³²

3.2. A monarquia e a ideia de continuidade

A família paterna de Ribeiro Telles era monárquica de forma consistente e visceral: "*a minha família de Coruche, do lado do meu pai, era toda D. Carlos*", recordava ele.³³ Miguel Ribeiro Telles confirma esta linhagem com uma imagem que vale por muitas palavras: "*tenho o meu bisavô em fotografias a cumprimentar o D. Duarte*". A dedicação dinástica estendeu-se até ao fim da vida do pai, de D. Duarte Nuno a D. Duarte Pio.

Mas o que é, filosoficamente, esta herança monárquica no pensamento de Ribeiro Telles? Não é, certamente, nostalgia institucional. A referência que a família considera mais próxima é Edmund Burke:³⁴ um conservadorismo entendido como "*a importância da continuidade das coisas*". Não o conservadorismo que resiste à mudança, mas o que insiste na necessidade de que a mudança se faça sem romper os fios que ligam o presente ao passado e ao futuro. É este princípio que explica tanto a sua aversão ao urbanismo de tabula rasa como a sua insistência na continuidade ecológica da paisagem: intervir no território sem memória é, nesta visão, uma forma de violência, não apenas estética, mas ética e política.

O conceito de *serviço* que Ribeiro Telles opunha sistematicamente ao de *cidadania* é a expressão ética deste mesmo princípio. "*Não me chamem cidadão*", dizia. "*Eu sou um*

Apocalipse do Lorrão e comparou os cavaleiros do Apocalipse do Lorrão com os cavaleiros da gravura do Dürer".

³⁰ GRT, entrevista AMR: "A balança desequilibrada é a injustiça social, é o dinheiro mal pago ou roubado ao trabalhador." Esta leitura política da iconografia medieval é evocada pelo neto em GRTn, entrevista.

³¹ MRT, entrevista: "o maior mentor do meu pai, ou um tio do lado da minha avó, Joaquim Cardoso Gonçalves, republicano, e que vivia por cima da minha avó, na Avenida da Liberdade". Sobre o paradoxo entre a influência republicana do tio-avô e a linhagem monárquica da família, cf. a mesma entrevista.

³² MRT, entrevista

³³ GRT, entrevista AMR: "A minha família de Coruche, do lado do meu pai, era toda D. Carlos. A família da minha mãe tinha uma costela miguelista". MRT, entrevista: "tenho o meu bisavô em fotografias a cumprimentar o D. Duarte".

³⁴ GRTn, entrevista: "se tivesse que encaixar [o pensamento do meu avô] nalgum filósofo pensador, é sem dúvida Edmund Burke. Há um lado conservador, mas ao mesmo tempo não é um conservadorismo tradicional; é um conservadorismo da importância da continuidade das coisas".

homem de serviço." A cidadania encerra o indivíduo nos seus direitos e deveres; o serviço abre-o para uma responsabilidade que transcende o contrato social, responsabilidade perante o território, perante as gerações futuras, perante aquilo que existe antes de nós e deve existir depois. É um conceito com raízes na tradição monárquica, mas que Ribeiro Telles universalizou até o tornar o fundamento de uma ética territorial.

3.3. A filosofia como herança

A filosofia chegou a Ribeiro Telles pelas conversas com o tio-avô, com os amigos do Martinho do Rossio³⁵ e da Brasileira do Chiado, com o grupo dos sábios em Coruche. E foi transmitida da mesma forma às gerações seguintes. Miguel Ribeiro Telles recorda que o pai "*dizia a todos os netos que se não estudassem filosofia, não tinham estudado nada*".³⁶ Os filósofos invocados eram Sócrates, Platão e, sobretudo, Santo Agostinho, não como matéria académica, mas como modo de estar no mundo: "*quem nunca se interessou por filosofia nunca vai perceber o mundo, nunca vai perceber nada.*"

É precisamente esta dimensão filosófica, que Aurora Carapinha tem vindo a explorar na sua leitura da obra e do pensamento de Gonçalo Ribeiro Telles. Para Carapinha, a filosofia em Ribeiro Telles não se separa da sua dimensão católica: ele encontra em São Tomás de Aquino uma referência central, não apenas teológica, mas ética e política, na medida em que é pela via tomista que a ideia de bem comum adquire a sua fundamentação mais sólida. Esta filiação estende-se, por afinidade espiritual e intelectual, a Inácio de Loyola, com quem São Tomás de Aquino partilha uma visão do mundo em que a ação no mundo, o serviço e a contemplação são inseparáveis e, por fim, a São Francisco de Assis, figura tutelar de uma relação com a criação que não é de domínio, mas de pertença, de responsabilidade e de reverência. Neste encadeamento, Tomás de Aquino, Inácio de Loyola, Francisco de Assis, reconhece-se a espinha dorsal de um pensamento que une a razão à espiritualidade, e a espiritualidade à ação concreta no território.³⁷

Esta pedagogia informal, o Rally Paper em Coruche, a conversa sobre iluminuras, a insistência em filosofia, é o sinal de um pensador que não separava a vida do pensamento. Para Ribeiro Telles, como para os filósofos da Antiguidade que admirava e para os santos que lhe serviam de referência, a filosofia era uma prática quotidiana, não uma disciplina especializada. O pensamento nascia do contacto com as coisas, com a terra, com as pessoas, com a beleza e regressava a elas como orientação para a ação.

4. A academia

Quando Gonçalo Ribeiro Telles ingressou no Instituto Superior de Agronomia, no início dos anos quarenta, confrontou-se com uma escolha que resumiu com humor: para Arquitectura era preciso desenhar a cabeça do Vitélio, que "*era muito gordo... não tinha graça nenhuma*". A opção por Agronomia revelou-se providencial: no mesmo ano chegava da Alemanha Francisco Caldeira Cabral, para fundar o Curso Livre de

³⁵ O grupo dos "paisagistas do Martinho" era essencialmente constituído por Manuel de Azevedo Coutinho, Edgar Fontes, António Facco Viana Barreto e o próprio Ribeiro Telles, reunidos nas conversas de café que, nas suas palavras, "eram muito importantes" para a formação de um pensamento coletivo sobre a paisagem e o território.

³⁶ MRT, entrevista: "o meu pai dizia a todos os netos que se não estudassem filosofia, não tinham estudado nada". Os filósofos invocados eram Sócrates, Platão e, sobretudo, Santo Agostinho.

³⁷ CARAPINHA, Aurora - **A Beleza que o Homem tem o Dever de Criar**. In Laboratórios Temáticos Transnacionais - Doutoramento em Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos. Iscte, 2025/11/11. Lisboa: DINÂMIA'CET_Iscte.

Arquitetura Paisagista (CLAP). "*Juntei as duas coisas*", disse mais tarde.³⁸ A academia oferecia uma linguagem e uma metodologia para algo que já existia como experiência e que se veio a consolidar a partir daí.

O CLAP combinava disciplinas científicas do tronco agronómico, Botânica, Topografia, Silvicultura, Construções Rurais, com matérias projetuais como Arquitetura Paisagista, Desenho à Vista e Aguarela, Construção de Jardins e História da Arte.

Para Ribeiro Telles, esta articulação entre ciência do território e sensibilidade projetual não era uma novidade intelectual: era o reconhecimento formal de algo que a experiência anterior vinha já sedimentando. O curso não o formou nesta disposição, mas estruturou-a e deu-lhe método. O trabalho final do curso confirma esta leitura.³⁹ A escolha de Coruche como objeto de estudo resulta desta relação. As três herdades analisadas eram o território que o havia formado enquanto pessoa. A metodologia aplicada: análise dos fatores biofísicos, diagnóstico do equilíbrio ecológico e económico, proposta de intervenção integrada, era nova enquanto procedimento técnico, mas não enquanto sensibilidade.

Caldeira Cabral definia a profissão em 1943 como "*bem marcada com as preocupações do bem-comum, [que] defende a primazia dos valores espirituais sobre os económicos, das soluções permanentes sobre a estreita visão do atual*".⁴⁰ A ressonância imediata que esta formulação encontrou em Ribeiro Telles só se compreende à luz do que Aurora Carapinha identificou como o traço mais estruturante do seu percurso: "*mais do que um arquitecto paisagista, ele é antes de tudo um político, e vai encontrar na arquitectura paisagista um meio de pôr em prática os seus conceitos do que é o bem comum e a prática política da qualidade de vida das comunidades.*" A arquitectura paisagista não foi para ele uma vocação técnica que depois encontrou aplicação política: foi o instrumento que a política, entendida no seu sentido da polis, reclamava para se tornar ação concreta sobre o território. Como a mesma autora sublinha, "*ele só pensava assim, a qualidade de vida das comunidades*" e se era, de facto, um ecologista, era, nas suas próprias palavras, muito mais do que isso.

O testemunho de Fernando Santos Pessoa, colaborador próximo de Ribeiro Telles desde 1962 e chefe de gabinete quando Ribeiro Telles foi Secretário de Estado do Ambiente, permite observar esta articulação entre raízes e método a partir de um ângulo diferente: o do atelier. Pessoa descreve um espaço de trabalho onde o desenho era feito à mão, onde a liberdade criativa era total, e onde Ribeiro Telles ensinava pela prática e pelo exemplo mais do que pela teoria.⁴¹

³⁸GRT, entrevista AMR: "Eu tinha duas possibilidades: ou ia para Arquitectura ou para Agronomia. [...] Então vou para Agronomia. Aí dá-se um golpe de sorte: no dia em que entrei para Agronomia, vinha da Alemanha montar o curso de Arquitectura Paisagística o [Francisco] Caldeira Cabral. Juntei as duas coisas."

³⁹ TELLES, Gonçalo Ribeiro - **Um caso concreto de ordenamento paisagístico. Estudo de três herdades no concelho de Coruche.** Lisboa: Instituto Superior de Agronomia, 1950. Relatório final do curso de engenheiro agrónomo e arquiteto paisagista.

⁴⁰ TELLES, Gonçalo Ribeiro, BRANCO, Cristina Castel, FONTES, Edgar, MAGALHÃES, Manuela, SARAIVA, Maria da Graça - Cinquenta Anos de Ensino de Arquitectura Paisagista do Instituto Superior de Agronomia 1942-1992. **AGROS.** Lisboa: Instituto Superior de Agronomia. Nº1 (janeiro-junho 1992), p.42.

⁴¹ Fernando Santos Pessoa, entrevista à autora, 2026 [doravante: FSP, entrevista].

5. A personalidade privada como chave do pensamento público

5.1. O método de pensar

Os depoimentos familiares descrevem um intelectual pouco comum: não o leitor sistemático que constrói o pensamento a partir de leituras extensivas, mas o pensador que usa os livros como instrumentos de verificação de ideias já em formação. "*Ele folheava muitos livros*", explica o neto. "*Não era muito uma leitura contínua, era mais de consultar o livro, de cinco ou de seis folhas. Tentar: era isto que eu precisava para a minha ideia.*"⁴² Este método, ideia primeiro, confirmação depois, é consistente com a tese deste artigo: as raízes do pensamento são anteriores à leitura académica. Os livros não geravam as ideias; clarificavam-nas, fundamentavam-nas, situavam-nas numa tradição. A grande biblioteca de Coruche era, neste sentido, menos um arquivo de leituras do que um laboratório de conversação, o espaço onde as ideias se testavam no diálogo com os outros. "*A conversa era um hobby*", diz o neto. E o filho recorda os cafés onde o mesmo processo acontecia em escala diferente: o Martinho do Rossio para os de agronomia e dos solos, a Brasileira do Chiado para as artes e as letras, e Ribeiro Telles a circular entre ambos. O pensamento nascia do encontro, não do isolamento. Era um pensamento agregador, no sentido ecológico da palavra: dependente do ecossistema de relações em que se desenvolvia.

5.2. O universo visual e cultural

O retrato de Ribeiro Telles ficaria incompleto sem a dimensão estética e sensível que o filho Miguel descreve com precisão. Gonçalo Ribeiro Telles tinha "*muito interesse por pintura, desenho e escultura*" e mantinha uma relação ativa com a música, sobretudo clássica.⁴³ Miguel Ribeiro Telles recorda que o pai "*obrigava-nos a ir ao Coliseu dos Recreios quando aí havia concertos de orquestras sinfónicas e à Gulbenkian para assistirmos a concertos e bailado*". Não era passatempo; era educação. A mesma lógica dos *Rally Papers* em Coruche: a cultura transmitida como experiência corporal e presencial, nunca apenas como informação.

As coleções revelam um homem atraído pelos objetos com história: soldados de chumbo em quantidade e qualidade notáveis, antiguidades, espadas, pistolas históricas, tapeçarias, loiças. E os pássaros, periquitos, papagaios, outros que habitavam a grande gaiola do pátio da casa de Lisboa e de que cuidava pessoalmente.⁴⁴ Esta atenção aos pássaros não era ornamental nem casual. Tinha raízes numa memória de infância que Ribeiro Telles evocou com rara precisão no documentário "A Vossa Terra", ao recordar os pássaros que avistava na Avenida da Liberdade.⁴⁵

O que esta memória revela não é sentimentalidade pela natureza, mas algo mais exigente: a capacidade de ler o território através dos seus ritmos vivos. Os pardais da Avenida da Liberdade eram um relógio biológico que articulava a cidade com o campo envolvente,

⁴² GRTn, entrevista: "ele folheava muitos livros e às vezes lia um bocadinho do livro e apanhava [...] Não era muito uma leitura contínua, era mais de consultar o livro de cinco ou de seis folhas. Tentar: era isto que eu precisava para a minha ideia, X ou Y".

⁴³ MRT, entrevista à autora: "Tinha muito interesse por pintura, desenho e escultura". Sobre música: "obrigava-nos a ir ao Coliseu dos Recreios quando aí havia concertos de orquestras sinfónicas e à Gulbenkian para assistirmos a concertos e bailado". A preferência era pela música clássica.

⁴⁴ MRT, entrevista à autora: "tinha uma coleção de soldadinhos de chumbo muito completa e tinha uma grande gaiola de pássaros no pátio da casa de Lisboa, dos quais cuidava pessoalmente".

⁴⁵ TELLES, Gonçalo Ribeiro in *A Vossa Terra*. Realizado por João Mário Grilo. Lisboa: Ana Costa e Paulo Trancoso, 2016. Documentário a partir da obra escrita, projetada e construída de Gonçalo Ribeiro Telles (60 min.) 23:31-24:55.

as searas, o grão, as estações, e Ribeiro Telles aprendera a lê-lo antes de ter qualquer formação.

Há aqui uma coerência profunda com o pensamento paisagístico que viria a desenvolver: a atenção ao detalhe vivo, à presença dos animais no espaço doméstico e urbano, à cidade como habitat partilhado entre espécies. Os pássaros da gaiola do pátio e os pardais da Avenida pertencem ao mesmo universo mental, o de quem nunca separou o espaço habitado da vida que nele pulsa.

6. Conclusões

Este artigo partiu de uma pergunta simples: de onde vem a coerência do pensamento de Gonçalo Ribeiro Telles? A partir da vida e obra de Ribeiro Telles, e apoiado nos depoimentos inéditos do filho Miguel Ribeiro Telles e do neto Gonçalo Ribeiro Telles, recolhidos no âmbito da investigação, este artigo propôs uma leitura centrada na ideia de que a academia permitiu articular um pensamento que já se vinha enraizando na família, no território, numa herança filosófica e numa experiência vivida de ligação entre a cidade e o campo.

O primeiro núcleo dessas raízes é territorial. A dualidade entre Lisboa e Coruche não era uma circunstância biográfica acidental: era uma experiência formativa que inscreveu no pensamento de Ribeiro Telles, antes de qualquer teoria, a ideia de que a cidade e o campo são sistemas interdependentes. A paisagem como sistema integrado de relações entre o urbano e o rural estava já presente na experiência quotidiana de quem cresceu entre dois mundos, dois ritmos, duas formas de habitar o espaço.

O segundo núcleo é familiar e filosófico. O tio-avô Joaquim Cardoso Gonçalves ensinou-lhe a ler o mundo através das imagens, a ver nas iluminuras medievais não apenas formas, mas relações de poder, justiça e injustiça. A linhagem monárquica transmitiu-lhe uma ideia burkeana de continuidade: a responsabilidade perante o que existe antes de nós e deve existir depois. E a filosofia grega e agostiniana, deu-lhe a disposição intelectual que nunca separou a vida do pensamento. O encadeamento identificado por Aurora Carapinha com São Tomás de Aquino, Inácio de Loyola, Francisco de Assis revela a espinha dorsal de um pensamento que une a razão à espiritualidade, e a espiritualidade à ação concreta no território.

O terceiro núcleo é o do serviço como vocação política. O conceito de serviço não era uma postura retórica: era a expressão ética de uma convicção simultaneamente enraizada na tradição monárquica, na formação católica e na filosofia tomista. Intervir na paisagem era um ato de responsabilidade intergeracional, não apenas uma prestação técnica.

A academia, quando chegou, deu forma, método e vocabulário ao pensamento que se vinha sedimentando. O trabalho final do curso, dedicado ao estudo de três herdades em Coruche, é o sinal mais claro desta continuidade: o território que o havia formado tornou-se o objeto do seu primeiro projeto formal.

O que este percurso revela, em última análise, é que a coerência do pensamento de Ribeiro Telles não se explica pela fidelidade a uma escola ou a uma doutrina. Explica-se pela profundidade das raízes, que antecediam as categorias disciplinares e atravessavam as filiações partidárias. É aí, na tensão produtiva entre mundos aparentemente opostos, a

cidade e o campo, a república e a monarquia, a ciência e a espiritualidade, que se encontra a origem de um pensamento que continua a interpelar o presente.



Figura 1 – Vista da casa de Coruche. Arquivo Gonçalo Ribeiro Telles, PT PC,IP/SIPA GRT-02-179



Figura 2 – Fotografias da casa de Coruche. Arquivo Gonçalo Ribeiro Telles, PT PC, IP/SIPA GRT-02-183



Figura 3 – Ex-libris de Joaquim Cardoso Gonçalves. Arquivo Gonçalo Ribeiro Telles, PT PC, IP/SIPA GRT-02-183



Figura 4 –Gonçalo Ribeiro Telles. Arquivo Gonçalo Ribeiro Telles, PT PC, IP/SIPA GRT-02-176



Figura 5 – Gaiola de pássaros. Arquivo Gonçalo Ribeiro Telles, PT PC, IP/SIPA GRT-02-176

Fontes e Referências bibliográficas

Fontes primárias orais (inéditas)

TELLES, Miguel Ribeiro - Entrevista à autora, 2026. [filho de Gonçalo Ribeiro Telles]
TELLES, Gonçalo Ribeiro - Entrevista à autora, 2026. [neto de Gonçalo Ribeiro Telles]
PESSOA, Fernando Santos - Entrevista à autora, 2026. [colaborador de GRT no atelier e chefe de gabinete]

Fontes escritas

TELLES, Gonçalo Ribeiro - **Entrevista a Anabela Mota Ribeiro**. <https://anabelamotaribeiro.pt/24603.html> [consultado em 2024].

Referências bibliográficas

ANDRESEN, Teresa (Comissar.) - **Do estádio nacional ao jardim da Gulbenkian. Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitetos paisagistas (1940-1970)**. (Catálogo da exposição), 2003. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

CAETANO, Joaquim (coord.) - **A utopia e os pés na terra: Gonçalo Ribeiro Telles**. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2003.

CARAPINHA, Aurora - **A Beleza que o Homem tem o Dever de Criar**. In Laboratórios Temáticos Transnacionais - Doutoramento em Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos. Iscte, 2025/11/11. Lisboa: DINÂMIA'CET_Iscte.

GRILO, João Mário - **A Vossa Terra**. Realizado por Grilo. Lisboa: Ana Costa e Paulo Trancoso, 2016. Documentário a partir da obra escrita, projetada e construída de Gonçalo Ribeiro Telles (60 min.) 23:31-24:55.

PESSOA, Fernando Santos – Gonçalo Pereira Ribeiro Telles: construtor de ideias e paisagens. In Caetano, Joaquim de Oliveira - **A utopia e os pés na terra**. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2003. p. 20.

PESSOA, Fernando Santos - **Gonçalo Ribeiro Telles: esboço biográfico**. Lisboa: Paulo Trancoso—Costa do Castelo Filmes, 2002.

PESSOA, Fernando Santos - **Gonçalo Ribeiro Telles: o homem e a obra**. Lisboa: Argumentum. 2021.

PESSOA, Fernando Santos - **Gonçalo Ribeiro Telles: a fotobiografia**. Lisboa: Argumentum, 2011.

PESSOA, Fernando Santos - **Gonçalo Ribeiro Telles: Textos escolhidos**. Lisboa: Argumentum, 2016.

REBELO DE SOUSA, Marcelo - **Nota de pesar pelo falecimento de Gonçalo Ribeiro Telles**. Presidência da República, novembro de 2020.

SALDANHA, Rita - **Em Nome da Terra - Gonçalo Ribeiro Telles**. Lisboa: Miguel Ferraz, 2010. <https://www.rtp.pt/programa/tv/p26478>

TELLES, Gonçalo Sousa Tavares Ribeiro – Prefácio. In Prémio Gonçalo Ribeiro Telles para o Ambiente e Paisagem - **Prémio Gonçalo Ribeiro Telles para o Ambiente e Paisagem**. Lisboa: Camara Municipal de Lisboa. P.13.

TELLES, Gonçalo Ribeiro - "Duas Casas". In CAETANO, Joaquim de Oliveira (Coord.) - **A utopia e os pés na terra**. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2003. P.343.

TELLES, Gonçalo Ribeiro, BRANCO, Cristina Castel, FONTES, Edgar, MAGALHÃES, Manuela, SARAIVA, Maria da Graça - Cinquenta Anos de Ensino de Arquitectura Paisagista do Instituto Superior de Agronomia 1942-1992. **AGROS**. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia. N°1 (janeiro-junho 1992).

TELLES, Gonçalo Ribeiro - **Um caso concreto de ordenamento paisagístico: estudo de três herdades no concelho de Coruche**. Lisboa: ISA, 1950. Relatório final do curso de engenheiro agrónomo e arquiteto paisagista.

VASCONCELOS, Domingas; FARINHA-MARQUES, Paulo; REGO, Francisco - Gonçalo Ribeiro Telles: Landscape architect, ecologist and politician in Portugal. In MATOS SILVA, Maria; CASTEL-BRANCO, Cristina; NUNES, João; RIBEIRO, Luís; ANDRESEN, Teresa - **Portuguese Landscape Architecture Education, Heritage and Research: 80 Years of History**. New York: Routledge, 2025. P. 30-61.

Tracing Riverine Lives: A Diachronic Spatial-Toponymic Analysis in Vila Nova da Barquinha, Portugal

Ana Rafaela dos Santos Ribeiro

arsro@iscte-iul.pt

Abstract: The loss of lived experiences and cultural practices associated with the river is reflected across urban, peri-urban and rural contexts, since the rise of industrialisation in the nineteenth century, resulting in political, social, environmental and technological transformations. In this context, toponymy, as a linguistic and historical study of the origins of place names, enables the understanding and access to memories inscribed in these places. Through its interpretation, it is possible to identify traces of everyday practices associated with water, such as those that were progressively erased either by the advance of construction over rivers or by the displacement of commercial practices from the river to the terrestrial environment.

This study proposes a diachronic analysis of the river's significance in local lived experiences by using a spatial toponymic approach. It aims to explore how the names assigned to streets and their surrounding landscapes, which are closely related to water, reflect the collective memories of everyday practices that have, over time, evolved into festive events. In this analysis, we consider the extensive spatial toponymic dimension, examining how spatial uses are categorised typologically. This approach differs from traditional methods, as it seeks to understand language, history, culture, and society through a philological lens, termed intensive toponymy.

The historic centre of the Vila Nova da Barquinha, located in Portugal, was chosen as the case study. Like many other towns in rural areas, it developed around a river, which serves as a source of sustenance and contributes to the town's identity.

The methodological process is organised into three main stages: data preparation, GIS-based processing, and interpretative analysis. In the preparation stage, historical and contemporary maps are consulted to reference local toponymy. This helps identify landscape transformations over time. An extensive survey of toponyms, which includes street names and surrounding landscape elements, is conducted systematically. These toponyms are then classified into typological categories (such as religious, environmental, and industrial) to aid in interpreting spatial use. The GIS-based processing stage involves mapping and georeferencing the toponyms. Each element is recorded with associated attributes within a Geographic Information System (GIS), enabling the analysis of its spatial distribution. Finally, the interpretative stage correlates the collected data with present-day conditions by examining *in situ* elements through photographs. This process allows for identifying and validating the factors that have contributed to spatial transformations in the area.

The contribution of this study lies in its potential to support the mapping of architectural and archaeological elements with cultural and identity significance within a given territory that are not represented in military or archaeological cartography. Through the documentation of local toponymy and its articulation with the surrounding landscape, the study establishes an analytical basis capable of informing future investigations into the relationships between toponymy and potential cultural heritage in the area. Additionally, it highlights its potential to raise awareness among the local population of the surrounding river landscape, fostering

the construction of a shared social imagination through activities that engage different age groups and promote knowledge dissemination.

Keywords: Extensive Toponymy; Intangible Cultural Heritage; Riverine Landscape; Geographic Information Systems (GIS); Spatiotemporal Distribution

1. Introduction

The emergence of industrialisation in the most developed nations during the early nineteenth century brought significant improvements in living conditions, including advances in health, transportation, education, and housing. However, this transformation also led to the replacement of artisan production methods with mechanised systems (Smith, 2021; Polo Martín, 2026).

One of the main factors in this transformation was the introduction of railway networks. This contributed to population growth, urban development, the intensification of internal migration flows in areas served by this network, and the exacerbation of existing territorial inequalities, favouring more dynamic and economically structured areas, such as major urban centres (Silveira et al., 2011). This situation particularly impacted settlements located along riverbanks. Riverine populations, who relied on the river for communication and resources essential for their livelihoods, were forced to alter their customs and transition to land-based industrial systems (Mação, 1995; Wantzen and Cao, 2026). This shift occurred in Portugal as well (Pereira, 1969; Veiga, 2004), driven not only by river silting but also by taxes imposed on maintaining the cultural and economic relationship with the river. This relationship had remained beneficial during times of crisis until it was increasingly disrupted by the construction of dams, which reduced river flow and diminished fishery resources (Gonçalves & Rosendahl, 2011; Roldão, 2014; Roldão, 2020).

At present, both in urban and rural contexts, industrialisation has reshaped ways of life and, consequently, cultural identity. Some recent studies, both national and international, on the loss of river-related lived experiences have used toponymic analysis as a method to interpret these lost ways of life, as well as those partially reshaped by collective memory, both in urbanised spaces, where the city has engulfed the river, and in rural contexts, where toponymy and older generations preserve local culture and identity (Pinna, 2023; Menezes & Costa, 2023).

Building on this approach, the present study aims to interpret the transformations of lived experiences in riverine areas through a diachronic analysis that focuses on spatial toponymy. Recent studies used toponymic analysis in Geographic Information Systems (GIS) to identify changes in landscapes and their relationship with embedded pathways on a territorial scale (Hearn et al., 2024; Mitxelena-Hoyos & Amaro-Mellado, 2024).

With this background, the article employs a qualitative approach rooted in an interpretative paradigm. It utilises a combined research strategy that merges historical research with a spatial analysis method applied to toponymy (Tent, 2015; Fernández, 2020; Menezes & Costa, 2023). The focus of this study is on analysing toponymy as a spatial dataset, examining the distribution and typological classifications of place names in connection with landscape and collective memory (Quesada & Cordero, 2016; Zanatta et al., 2022). This approach emphasises broader patterns rather than delving into the detailed etymology or individual histories of specific toponyms (Tent, 2015; Pereira, 2018).

Therefore, this study aimed to do the following: i) identify place names and analyse their transformation over time within the case study, based on historical and contemporary cartography, as well as historical and administrative documentary sources, including municipal documentation related to property records, and ii) application of a mixed-method approach to toponymic analysis, enabling a spatial understanding of its evolution, integrating extensive interpretation with GIS-based analysis.

This paper contributes to the existing body of knowledge by providing new insights into the study of toponymy in riverine landscapes. It offers a comprehensive analysis that addresses previously unexplored dimensions and suggests new solutions to the existing disconnect between linguistic and spatial interpretations of riverine cultural heritage.

2.Literature Review

2.1 Toponymy: Cultural Significance

The concept of toponymy¹ originated in ancient societies, where people, due to their limited vocabulary, named places based on their distinctive characteristics, such as rivers, mountains, and lakes (Claval, P., 2007). As societies evolved, various crises²

¹ Accordingly, to the Portuguese Etymological Dictionary (1955), the word ‘toponymy’, meaning place names, derives from the Greek words ‘*topos*’ (place) and ‘*ónyma*’ (name). On the other hand, Bluteau (1712) offers an insightful perspective by linking the term “topo” to the German word “Kopf”, which means “head”. He suggests that “topo” refers to something that concludes or completes, like how the head relates to the body. To illustrate this point, he provides examples such as the top of a staircase and carpenters’ terminology for the ends of beams and joists. In this context, the term can be understood not only in its broader sense but also as something that completes and defines the identity of a particular place.

² The term “crisis” is used here in line with its contemporary usage in society, where its meaning extends beyond its original concept, which referred to a turning point that compels a decision and a redefinition of the situation. In the present context, the concept of “crisis” represents not only situations of political, economic, or social instability, but also contexts of positive rupture, as noted by Giancarlo Cataldi (1977).

such as wars, population migrations, and cultural transformations led to changes in place names over time (Alves, J. F., 2011)

Some of these changes have been preserved to the present day due to the impact of their meaning within local communities (Turaevich, 2021; Zanatta et al., 2022).

Within this context, toponymy reflects important elements of culture and cultural heritage (Nègre, 1963), illustrating how power dynamics within societies shape identities, while also reflecting aspects of both the material and spiritual culture of various peoples, some of which have endured for many centuries (Turaevich, 2021). Recognising its importance in forming the identity of a place, toponymy has gradually gained acknowledgement within international cultural heritage frameworks. This began with the establishment of the United Nations Group of Experts on Geographical Names in 1960. The significance of toponymy is further emphasised in the 2003 UNESCO Convention (UNESCO, 2003), which expands the definition of cultural heritage to include its intangible dimensions, such as language and social practices, as addressed in the current study.

2.2. Toponymy in Riverine Contexts: A Review of Existing Studies

The impact of industrialisation through toponymy in riverine contexts can be understood in a multidisciplinary way, and the following approaches have been identified: i) investigations of an ethnographic nature, such as Hearn (2021), in which the research focuses on the disconnection between collective memory and the cultural landscape; ii) investigations of a sociological nature, such as Mustonen and Lehtinen (2021), which demonstrate how industrialisation alters socio-ecological systems (Mela, 2001); and iii) investigations of a geographical nature, such as Pinna (2023), which studies cartographic transformations linked to the river through institutional naming processes.

Regarding the methodology applied in toponymic studies in riverine contexts, two primary approaches stand out: i) spatial analyses using Geographic Information Systems (GIS), and ii) the categorisation of riverine cultural practices.

In recent studies on spatial toponymy, quantitative methods are typically employed to correlate the distribution and evolution of toponyms with fluvial systems.

This is demonstrated by Li et al. (2025) and Jiao and Lu (2024), who apply the Kernel Density Estimation method to identify patterns of spatial concentration and dispersion in the toponymic landscape, as well as highlighting the concentration of toponyms in low-altitude areas and in proximity to water, showing how these patterns have been reshaped by processes of territorial transformation. In other spatial studies, the use of

GIS has primarily served to map data, whether through the interpretation of participatory datasets (Hearn, 2021; Mustonen and Lehtinen, 2021) or diachronic data (Menezes & Costa, 2023).

On the other hand, ethnographic approaches are employed to analyse toponymy as a reflection of collective memory by categorising it (Hearn, 2021; Zanatta, 2022; Pinna, 2023; Hearn, 2024). They can be understood as an extensive analysis (Tent, 2015). As indicated by Hunter and Leahey (2008), it enables the understanding of: i) place-naming practices and patterns; ii) regional distributions of certain types of toponyms or geographic features; iii) settlement patterns; iv) the geomorphology of the region; v) the grammar/syntax of toponyms; vi) linguistic geography; and vii) the influence of names on property values.

Some gaps identified in this study stand out, namely: i) analytical fragmentation and limited interpretative depth: recent studies tend to focus on technical procedures such as mapping and classifying place names, often resulting in fragmented analyses that do not form a coherent interpretative framework capable of explaining how toponyms relate to spatial perception, social memory, or place identity (Li et al., 2025), and ii) lack of historical–geographical integration: there is still insufficient in-depth research addressing the historical and geographical processes underlying the formation of spatial patterns in local toponymy (Jiao, 2024).

3. Materials and methods

3.1. Case Study and Current State

The historic center of Vila Nova da Barquinha, Portugal, was selected for its unique connection to the Tagus River, evident in its toponymy and territorial interpretation.³ Situated on the banks of the Tagus, the municipality has historically developed through its close relationship with the river, reflected in its local name "Vila Nova da Barquinha," meaning "New Town of the Small Boat." The present-day landscape is characterised by a low-altitude riverside setting, marked by fertile alluvial plains, where the presence of water is directly related to soil quality for agriculture (Figure 1), supporting Roldão's view that Barquinha emerged from the relationship between water and agriculture

³ In the historic center, references to river-related practices are limited and primarily found near the river itself, allowing for an exploration of how these cultural practices have been preserved, transformed, or diminished in the toponymic landscape over time. In earlier periods, when it was part of the municipality of Atalaia (16th–19th century), its geographical limits essentially corresponded to the present-day historic core, whose formation was directly conditioned by its proximity to the Tagus River (Table 1). Records dating back to the 15th century refer to the existence of families in port areas where the town of Barquinha is currently located; the toponym "Barquinha" emerged in 1594, superseding earlier names "Bouca," "boiça," and "Barqa" (Roldão, A. L., 2020).

(Roldão, A. L., 2014; Jorge, J., 2021). The landscape has undergone significant transformation since 1545, when the course of the Tagus River changed, and more decisively following the construction of the Castelo de Bode dam in the 1950s, which reduced river flow and ended the agricultural productivity of the floodplains (Velosa, 2009; Gonçalves & Rosendahl, 2011).⁴ What remains today is a small and ageing community where the river is not merely an element of the landscape, but a repository of memory.

3.2. Methodology Approach

The methodological approach of this study aims to address the gap identified in the existing literature on the topic. Additionally, it seeks to enhance our understanding of the spatial development of riverine areas where the river is no longer central to the lives of the local community.

This study uses a qualitative, mixed, and interpretative approach, situated within an intensive research framework. It focuses on analysing spatial and documentary data through a case study. The research combines deductive reasoning, guided by existing theoretical frameworks, with inductive interpretations of empirical data.

Within this framework and considering that toponymy reflects processes of power (Zanatta, 2022) through the appropriation, perception and organisation of space, a multiscale approach was adopted. Three scales were considered in the toponymic analysis, corresponding to different levels of toponyms⁵. This approach helps to understand various forms of spatial reference and usage (Figure 3).

3.3. Data Sources

The study is based on both primary and secondary data, combining in situ observation with the analysis of cartographic sources, historical literature, and geospatial data.

⁴ Until 1545, the Tagus flowed along a southern course, forming a large body of water known as "Lagoa da Fedorenta" near present-day Barquinha. The entire territory was then divided between the Commanderies of Cardiga and Almourol, two major agricultural domains of the Order of Christ (Dias, J. J. A., 1984; Jorge, J., 2021; Ribeiro, A., 2022). Industrialisation in the nineteenth century, and specifically the implementation of Portugal's first railway line in 1856, enabled Barquinha to become a strategic node for both fluvial and overland trade. Until the 1950s, the town functioned as a depot for ice from Segade, shipped along the Tagus River to Lisbon. The socio-political impacts of industrial decline led to significant local migration in the 1960s (Cabral, 2020).

⁵ The three scales explained by Claval, P. (2007):

Regional Toponyms: These are linked to recognised homogeneous or polarised territorial units, which facilitate the interpretation of broader landscape transformations.

Settlement-related Toponyms: These are associated with villages and inhabited areas, allowing for the analysis of patterns of occupation and territorial organisation.

Local Toponyms: These relate to land units and micro-topographic features, enabling the identification of the spatial distribution of land uses and their relationship with existing physical elements.

Primary data include photographic records, field notes, and informal interactions with local users, enabling the relation between toponymy, physical elements, and current spatial practices to be established. Secondary data comprises historical and contemporary cartography from institutional repositories and open-access platforms (e.g. National Library of Portugal, LNEG Geoportal, Virtual Library of Defence, and international historical mapping platforms), as well as historical literature addressing the origin and meaning of place names.

Geospatial data, including Digital Terrain Models (DTM) and altimetric datasets, were used to analyse territorial morphology and identify patterns associated with fluvial dynamics, such as flood-prone areas and former river courses. Together, these data support an integrated reading of toponymy as an indicator of spatial transformation and the declining centrality of the river.

3.4. Data Processing

Preparation

A. Cartographic review and data compilation

The consultation and analysis of historical and contemporary cartography were carried out using institutional repositories, with particular emphasis on representations that include or allow the inference of local toponymy. This stage involved a comparative reading across different periods, enabling the identification of continuities and changes in the river's course, the structure of settlement, and the organisation of the territory. In parallel, a systematic survey of toponyms was conducted using an extensive method, covering all designations present within the study area, including street names and elements of the surrounding landscape. The toponyms were inventoried and organised into a database, constituting the corpus of analysis.

B. Terrain analysis and geomorphological modelling

For the terrain analysis, Digital Terrain Models (DTM) provided by the Directorate-General for Territory (DGT) were used as the base data within ArcGIS Pro. From these data, a Relative Elevation Model (REM) was generated, representing the altimetric difference of the terrain in relation to the riverbed (reference value 0), thus enabling a relative reading of the topography. The REM was derived through the modelling of the river channel surface in relation to the terrain elevation model. This approach allowed the identification of geomorphological features associated with fluvial dynamics, such as flood-prone areas and alluvial terraces of the Tagus River (CWCB, 2022). The

interpretation of the results enabled the recognition of correspondences between the identified geomorphological forms and the documented transformations of the landscape.

Data compilation, digitisation and attribute enrichment

The process began with the systematic compilation of toponyms within the study area, including the mapping of street names in the historic centre and relevant spatial features in the surrounding landscape. These elements were digitised in ArcGIS Pro through the creation of spatial features (point and line feature classes), using Esri-provided basemaps (e.g. Topographic and Imagery) as spatial reference.

Each toponym was recorded in an attribute table, with defined fields including name, typology, location and source. This process resulted in the construction of a geodatabase for organising and managing the toponymy dataset within a GIS environment.

The dataset was processed using geoprocessing tools in ArcGIS Pro, including feature editing, attribute population and spatial organisation. Toponyms were classified into typological categories (e.g. religious, environmental, productive, historical) through attribute field structuring and classification schemes.

The attribute table was then exported to a spreadsheet to enable data enrichment, including semantic meaning, historical origin and contextual interpretation of each toponym. The enriched dataset was reintegrated into the GIS environment, ensuring consistency between spatial and descriptive data.

This workflow results in a georeferenced spatial dataset in which toponyms function as spatial entities linked to multiple attributes, enabling spatial analysis and interpretation.

Interpretative analysis

Toponymic data were cross-referenced with cartographic sources and present-day conditions through *in situ* observation, including photographic records and verification of the correspondence between identified toponyms and existing physical elements. This stage enabled the validation of the persistence, transformation, or disappearance of specific spatial references, as well as the identification of contemporary practices and uses associated with these places.

The interpretation of the data resulted from the integrated analysis of the collected information, articulating toponymic, cartographic, and geospatial data. This process enabled the identification of spatial patterns, the establishment of relationship

between toponymy, territorial morphology, and historical evolution, and the understanding of the main factors contributing to the transformations of the study area.

4. Results

4.1. Historical Toponymy and River-Related Landscape

The map of Campos da Cardiga e Almourol (Figure 4) documents the territory prior to the change during the Tagus River in 1545, when the area was administratively part of Atalaia (Table 1). By assessing the type of toponymy present and its association with fluvial, agricultural, and environmental practices, *Lezíria da Martintina* (yellow: agricultural) and *Lagoa da Fedorenta* (blue: fluvial) are identified, revealing a landscape structured by the coexistence of agricultural practices in the floodplains and fluvial uses, with no reference yet to the settlement of Barquinha, confirmed by Relative Elevation Model (REM) analysis⁶ (Figure 10). In their etymological meanings, as well as in other toponyms also identified in this map, the floodplain area where fertile lands predominated demonstrates a toponymic relationship closely linked to Roman culture. Considering the emergence of the case study following the change during the Tagus, the toponymy of subsequent historical maps is interpreted across different scales (Figure 3). At the regional scale, the cartography of 1778 and 1784 (Figure 5) already demonstrates the consolidation of the toponym Barquinha as a crossing node, coexisting with agricultural and environmental references. The military maps of c. 1801 and 1808 (Figure 6) confirm this regional structure, adding Moita and Ponte da Pedra. At the local scale, the map of 1861–1864 (Figure 3) presents the highest level of toponymic detail: *Porto da Barca da Barquinha*, *Praias da Martintina*, *Cascalheira d'Água Teza*, *Choupos e Milgueiros*, and *Estrada para a Barca da Barquinha*, documenting the centrality of the river in the daily practices of the already consolidated settlement.

⁶ The Relative Elevation Model generated from the Digital Terrain Model (Figure 10) confirms that toponyms associated with water are concentrated in the lowest elevation areas of the study area, corresponding to the Tagus alluvial plain. Toponyms such as *Lagoa da Fedorenta*, *Lezíria da Martintina*, and *Praias da Martintina* coincide with flood-prone areas and former watercourses identified in the REM, while *Cascalheira d'Água Teza* corresponds to an alluvial terrace formation. The geological map (Figure 2) reinforces this correspondence: unit Q2 (sands, gravels, silts, and clays associated with the former port area and the alluvial plain) spatially overlaps with the highest density of fluvial and agricultural toponyms identified in the historical cartography.

4.2 Contemporary Toponymic Structure and Spatial Distribution

The classification of toponymy using an extensive approach (Tent, 2015), applied to the historic centre and mapped in ArcGIS Pro (Figure 11; Table 2), identified three main toponymic types: Eponymous, Descriptive, and Associative, to which the categories of Occurrent and Shift (colonial and national) are added. At the settlement scale, eponymous toponyms (of military, political, royal, and cultural nature) constitute the numerically dominant group, covering most of the internal street network and reflecting processes of institutional renaming dissociated from the relationship with the river.

At the local scale, descriptive toponyms with hydrographic associations (*Rua do Tejo*, *Rua da Fonte*, *Largo do Chafariz*) and associative toponyms of a fluvial and economic nature (*Rua da Barca*, *Cais do Vapor*, *Rua do Sal*, *Rua da Serração*) are spatially concentrated along the riverfront axis, confirming the pattern identified by Li et al. (2025) of higher fluvial toponymic density in low-altitude areas close to water. The mapped distribution (Figure 11) shows that fluvial (blue) and agricultural (orange) associations represent a minority compared to the total number of streets classified as non-specific (grey), while environmental references (green) are limited to the riverbanks of the town.

This spatial asymmetry reveals a progressive toponymic replacement of river-related practices and their associated landscape by commemorative nomenclature, as observed in Pinna (2023) in similarly transforming rural contexts.

4.3 Diachronic Transformation of Toponymy

The comparison between historical cartography (Figures 4, 5, 6, 7, and 8) and the military maps of 1945, 1992, and 2008 (Figure 9), validated through field observation (Figures 12 and 13), allowed the identification of three patterns of toponymic transformation:

- i) Persistence: A limited set of toponyms remains throughout the entire cartographic sequence, predominantly at the regional scale, associated with an already consolidated territory.⁷

⁷ *Porto da Barquinha* is identifiable in all three periods of the military maps (1945, 1992, and 2008); *Cardiga*, *Tancos*, and *Almourol* persist since the earliest cartography (Figures 4 and 5).

- ii) Loss: Several toponyms documented in historical sources no longer have cartographic or functional expression, with a progressive disappearance of hydrographic references and river-related practices.⁸
- iii) Transformation: The assignment of new names to places without altering their location constitutes the most significant pattern of rupture with fluvial memory.⁹

4.4 Toponymy, Practices and Contemporary Uses

Through in situ observation and the photographic documentation (Pombeiro, V. M. A. et al., 2013) collected from the early 20th century (Figures 12 and 13), their comparison reveals a systematic disconnection between toponymic designation and current spatial use. In all analysed cases, the toponym persists as a memory inscribed in the territory, but no longer corresponds to any active spatial practice.¹⁰

4.5 Synthesis: Patterns of Landscape Transformation

The analysis demonstrates that, at the regional scale, toponymy shows greater stability and persistence, while at the local scale, loss and semantic transformation of fluvial-associated toponyms predominate, being restricted to the riverfront (Figure 11). The urban expansion observed between 1945 and 2008 (Figure 9) reinforces this distancing, both physical and symbolic, from the river, which has ceased to structure the nomenclature of the territory and is now only residually evoked through a limited set of toponyms along the riverbank.

⁸ A *Lagoa da Fedorenta* (Figura 4) foi substituída por *Cascalheira d'Água Teza*, actualmente inexistente (Tabela 2); as *Praias da Martintina* (Figura 7) tornaram-se *Marrantinas*, com perda do conteúdo semântico original; o *Largo do Estaleiro*, visível em 1945, desaparece nos períodos subsequentes (Figura 9).

⁹ O *Porto do Doutor Pombeiro* torna-se *Porto da Avenida* entre 1945 e 2008 (Figura 9); o *Cais do Vapor* passa a *Cais da Hidráulica* (Figuras 9 e 12); a *Rua da Barca* é renomeada *Rua das Escadinhas* (Tabela 2); o *Largo Marechal Gomes da Costa*, anteriormente *Canto do Chinelo* (onde os trabalhadores marítimos deixavam o calçado) e *Canto Branquinho*, substitui designações de prática quotidiana por um epónimo militar (Tabela 2).

¹⁰ *Cais do Vapor*, once the centre of port and commercial activity in Barquinha, is now a riverside leisure park, with no remaining trace of its original function (Figure 12). *Largo do Estaleiro*, associated with the unloading of timber transported along the Tagus River for distribution to other territories by rail, has lost all the infrastructure that gave rise to it. *Rua do Sal*, known for its association with the salt trade, is currently a residential street. *Largo do Chafariz*, formerly a public water supply point, has been converted into an urban space without active infrastructure and with no remaining connection to past cultural practices (Figure 13). Barquinha's river beach, once a space of leisure and everyday practices documented photographically, has lost its centrality in local life following the construction of the Castelo de Bode dam and has ceased to exist.

6. Conclusions

This study proposed a diachronic analysis of the riverine toponymy of Vila Nova da Barquinha as a tool for interpreting the cultural and spatial transformation of a fluvial territory. The results demonstrate that toponymy constitutes a stratified record of river-related cultural practices, with patterns of persistence, loss, and semantic transformation dependent on scale, in which fluvial-associated toponyms are increasingly confined to the riverfront, while the remaining toponymy is dominated by institutional nomenclatures dissociated from the river.

The integration of spatial toponymic analysis proved effective in identifying correspondences between toponyms, former land uses, and landscape transformation, providing a replicable analytical framework for similar riverine contexts. The main limitations lie in the scarcity of detailed historical cartography for periods before the 18th century and in the absence of systematised ethnographic data that would allow a deeper understanding of the inferred everyday practices. Future research may benefit from the integration of participatory methodologies and oral data collection from local communities, thereby expanding the intangible dimension of the analysis.

The study contributes to addressing the identified gap by demonstrating the potential of toponymy as a tool for territorial awareness and for supporting the identification of unclassified heritage elements.

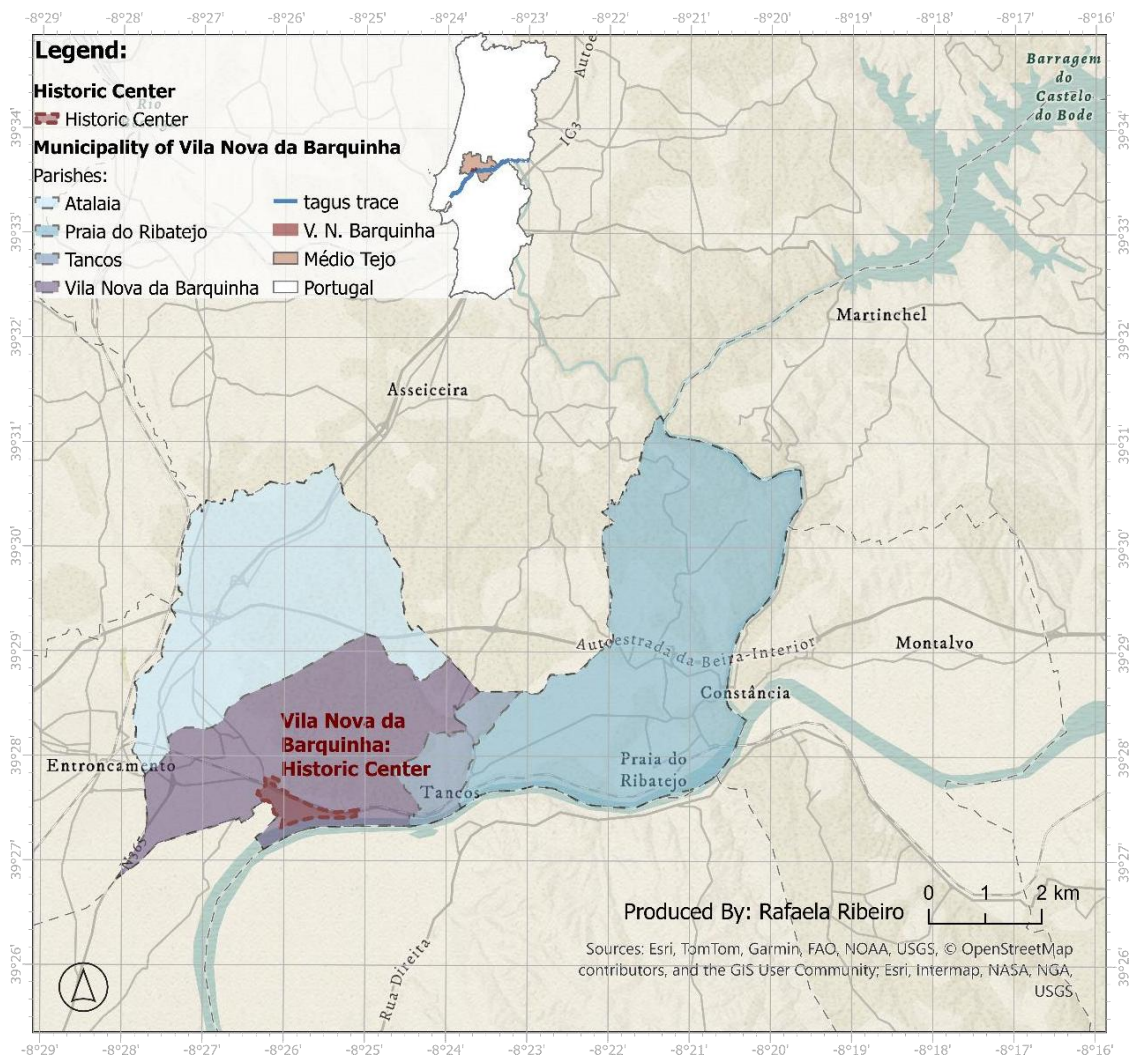
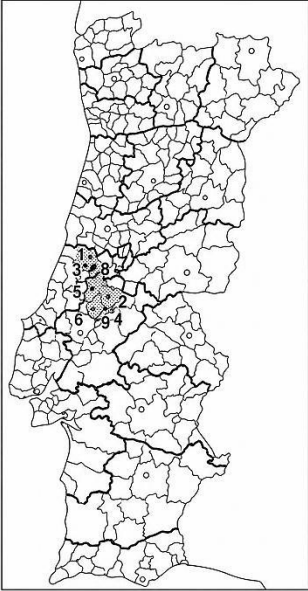




Figure 1 - Location of the study area: Municipality of Vila Nova da Barquinha (Portugal), highlighting the historic center and parish boundaries within the Médio Tejo region. Note. The map identifies the geographic location of the case study along the Tagus River, including all parishes of the Municipality of Vila Nova da Barquinha (Atalaia, Praia do Ribatejo, Tancos, and Vila Nova da Barquinha). The Tagus River course and the Castelo do Bode reservoir are represented for territorial context. Base map data were provided by Esri and OpenStreetMap contributors. © Rafaela Ribeiro, 2026

Table 1 - The administrative, ecclesiastical, and demographic evolution of the parish of Atalaia to Barquinha from 1758 to 1849.

1222	Territorial framework: Tomar Administrative authority: Order of the Templars Settlement: Vila Ferreira and Atalaia Settlement type: Rural settlement within a territorial and defensive network	<p style="text-align: center;">CARTAS DE FORO OUTORGADAS NA ÓRBITA DE TOMAR</p> <div style="display: flex; align-items: flex-start;"> <div style="flex: 1;"> <ol style="list-style-type: none"> 1. Redinha 1159 2. Tomar 1172, 1174 3. Pombal 1174, 1176 4. Castelo do Zêzere 1174 5. Ourém 1180 6. Torres Novas 1190 7. Arega 1201 8. Figueiró dos Vinhos 1204 9. Abiul 1206 <li style="border: 2px solid red; padding: 2px;">10. Vila Ferreira e Atalaia 1222 </div> <div style="flex: 2;">  </div> </div>
1758	Province: Estremadura District: Tomar Municipality: Atalaia Diocese: Lisboa Parish: Atalaia Reference: MP, vol. 5, no. 30, pp. 729–732 Parish Status: Priorado Patron Saint: Nossa Senhora da Assunção	
1801	Province: Estremadura District: Tomar Municipality: Atalaia Diocese: Lisboa Parish: S. Maria Reference: AHP, CX 106, Maço 12, Doc. 26 Parish Priest: João Ozório de Amaral Sarmento Patron Saint: Nossa Senhora da Assunção Households: 669 Population: 2,356 (M: 1,165; F: 1,191) Date of Recognition: 8 April 1802	
1834	Province: Beira Baixa District: Tomar Municipality: Atalaia	

	Parish: S. Maria	
1842	Province: Estremadura District: Santarém Municipality: V. N. da Barquinha Parish: Barquinha	 <p>Municipality: Vila Nova da Barquinha</p> <p>Barquinha</p>
1849	Province: Estremadura District: Santarém Municipality: V. N. da Barquinha Parish: Barquinha Reference: ANTT, ASE, 3371 Households: 252 Population: 936 (M: 429; F: 507)	

Note. Adapted from *Atlas of Historical Cartography* (<http://atlas.fcsh.unl.pt/>) and Reis (2002).

© Rafaela Ribeiro, 2026

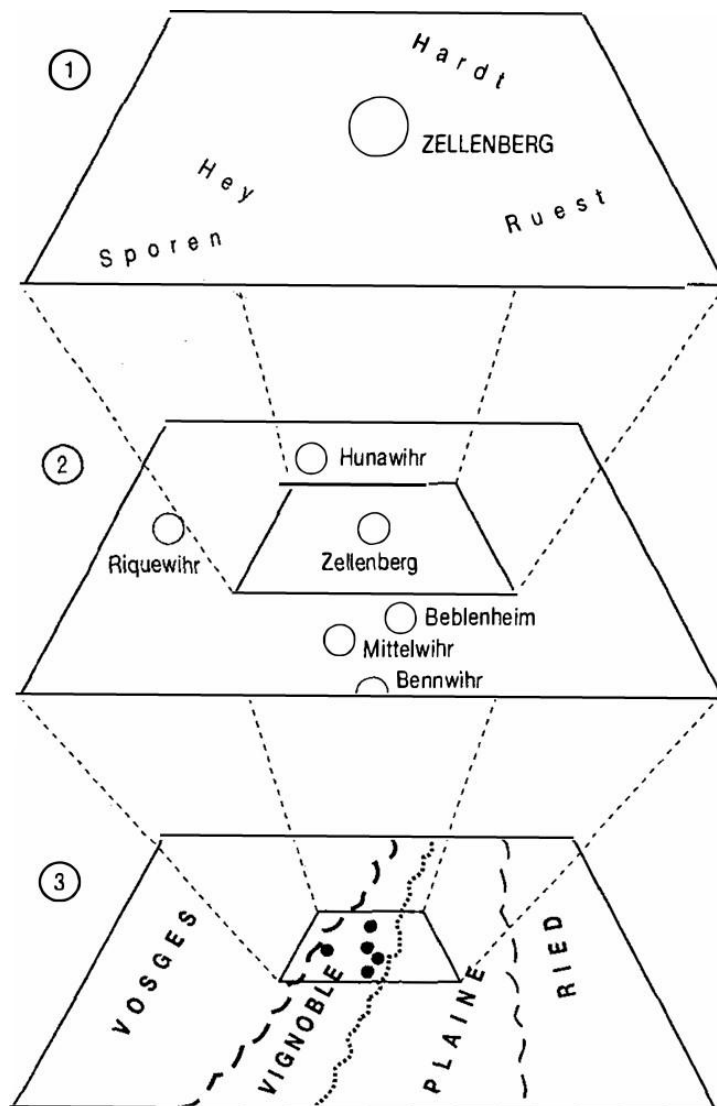
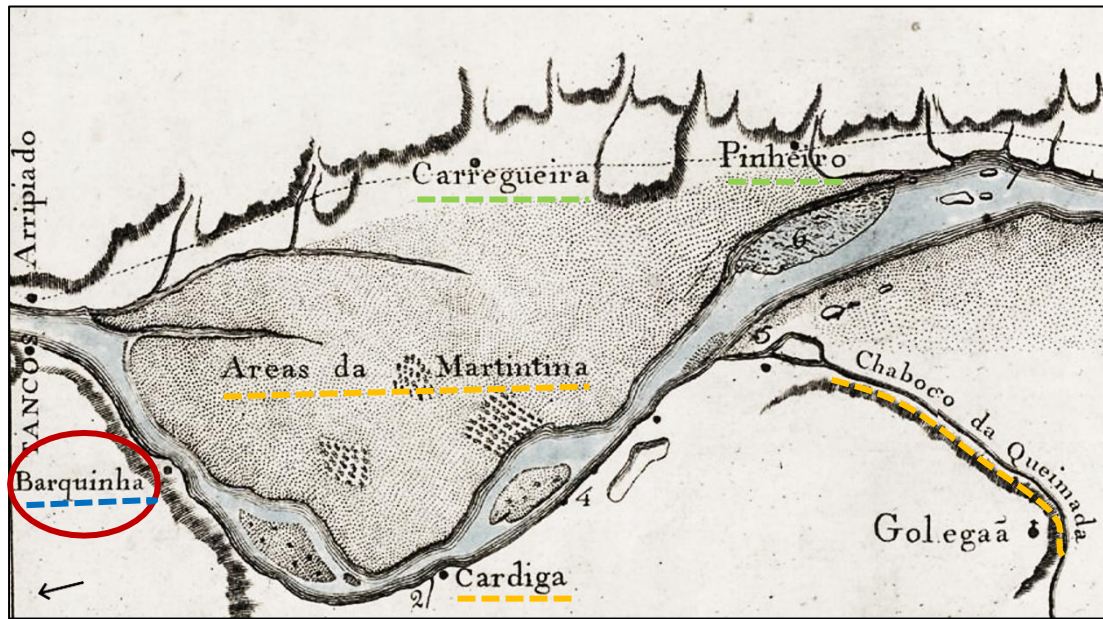


Figure 3 - *Levels of toponymic structuring in rural contexts.*

Illustrative diagram of the organisation of toponymy across three scales: 1) local, land units and micro-relief features, 2) intermediate, villages and settlement units, and 3) regional, homogeneous territorial ensembles. This diagram highlights how naming spaces reflects the appropriation, perception, and structuring of territory in sedentary rural societies.

Adapted from Claval (2007, p. 203).



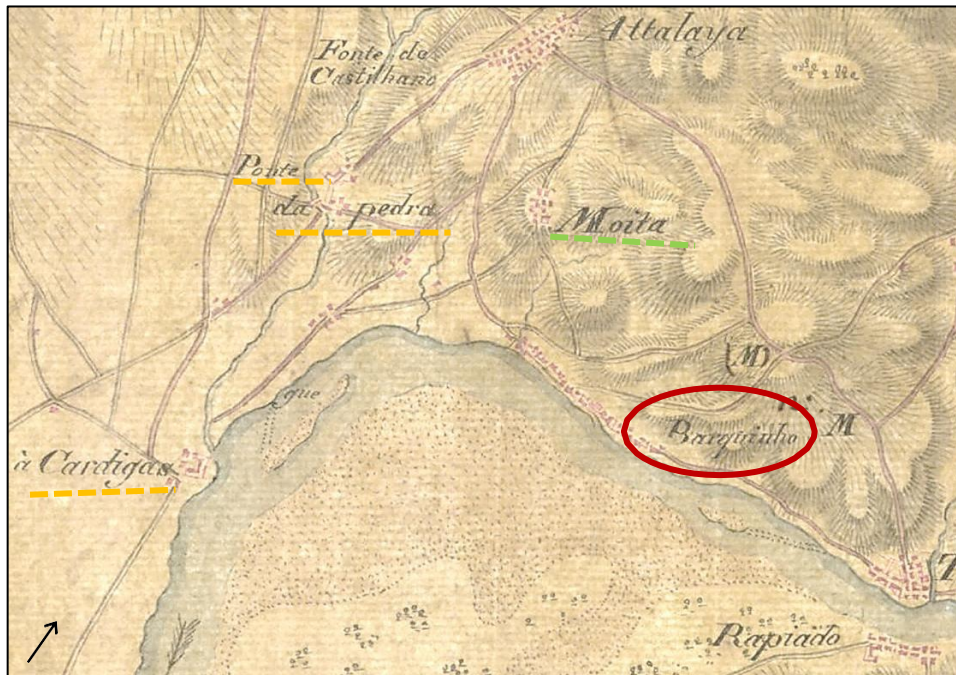
1784



1778

Figure 5 - Historical cartographic comparison of the Tagus Valley and Vila Nova da Barquinha

Top: Map of the Tagus River from Tancos to Vila Franca de Xira (1784), showing the river course and surrounding landscape. Source: *Mappa do Tejo desde a Villa de Tancos ate a Villa Franca de Xira*, Biblioteca Virtual de Defensa. Bottom: General map of the Kingdom of Portugal (1778), showing the territorial organization of the Tagus Valley and the location of Vila Nova da Barquinha within the main settlement axes between Tomar, Golegã, and Abrantes. Adapted from *Mapa General del Reyno de Portugal*, by T. López de Vargas Machuca, 1810 [representing 1778], David Rumsey Map Collection. © Rafaela Ribeiro, 2026



1801?



1808

Figure 6 – Historical cartographic comparison of territorial circulation and military reconnaissance in the Tagus Valley

Top: Military reconnaissance map (c. 1801), showing the river network and surrounding terrain in Vila Nova da Barquinha. Adapted from *Reconnaissance militaire du Terrain Compris entre le Nabao, le Zezere, et le Tage depuis Thomar jusqu'à Tancos*, Biblioteca Virtual de Defensa. Bottom: Military map of the principal roads of Portugal (1808), showing the strategic road network and the location of Vila Nova da Barquinha. Adapted from *Carta Militar das Principaes Estradas de Portugal*, 1808, David Rumsey Map Collection. © Rafaela Ribeiro, 2026

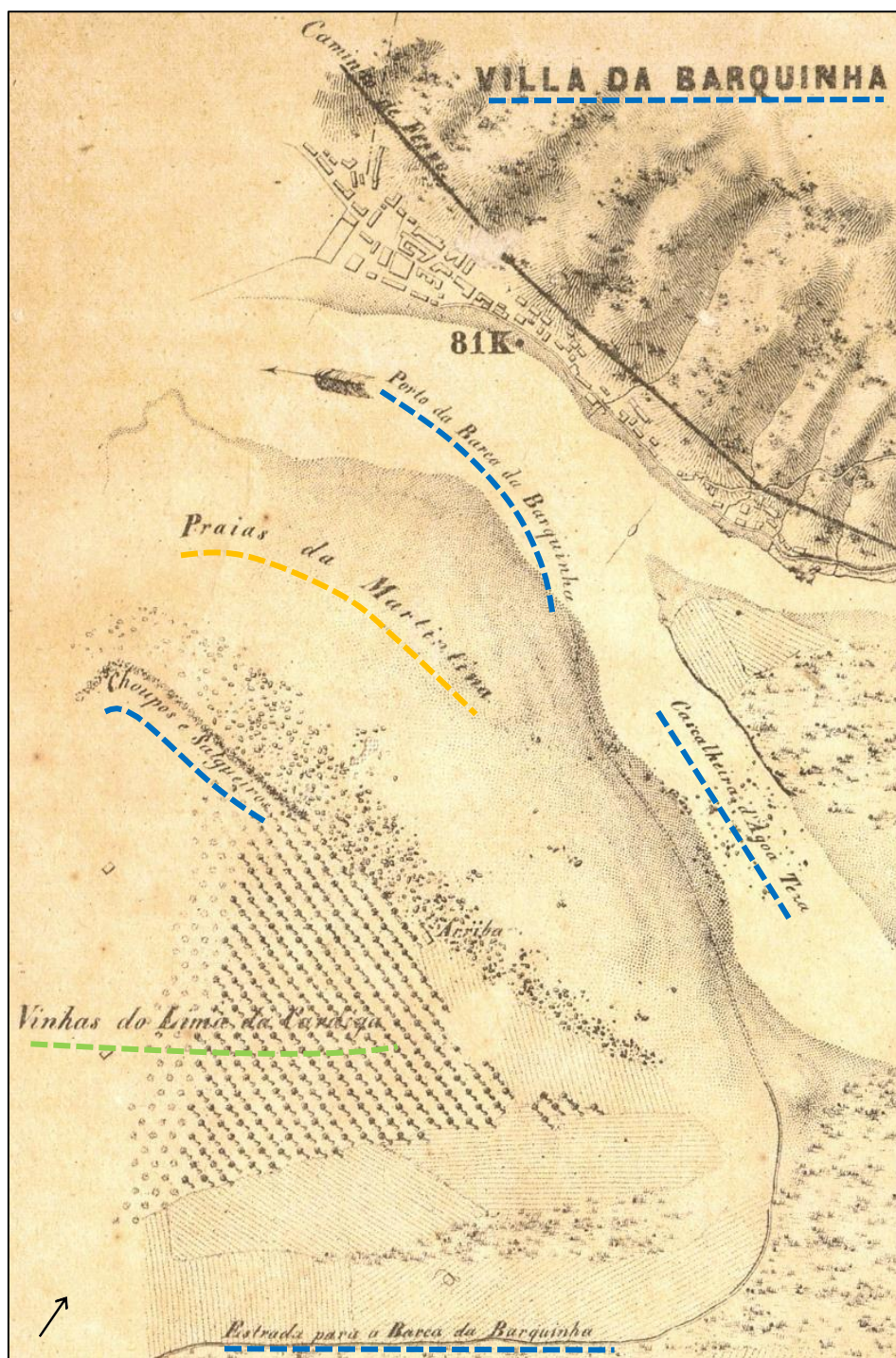


Figure 7 - Vila Nova da Barquinha and its riverfront along the Tagus River (1861–c. 1864). Excerpt from Map of the Tagus River, from Porto da Cereja to the town of Barquinha, sheet 4: for use in studies of the same river (scale 1:20,000), by Manuel José Júlio Guerra.

Lithograph by the National Press, Lisbon. Source: National Library of Brazil.

© Rafaela Ribeiro, 2026

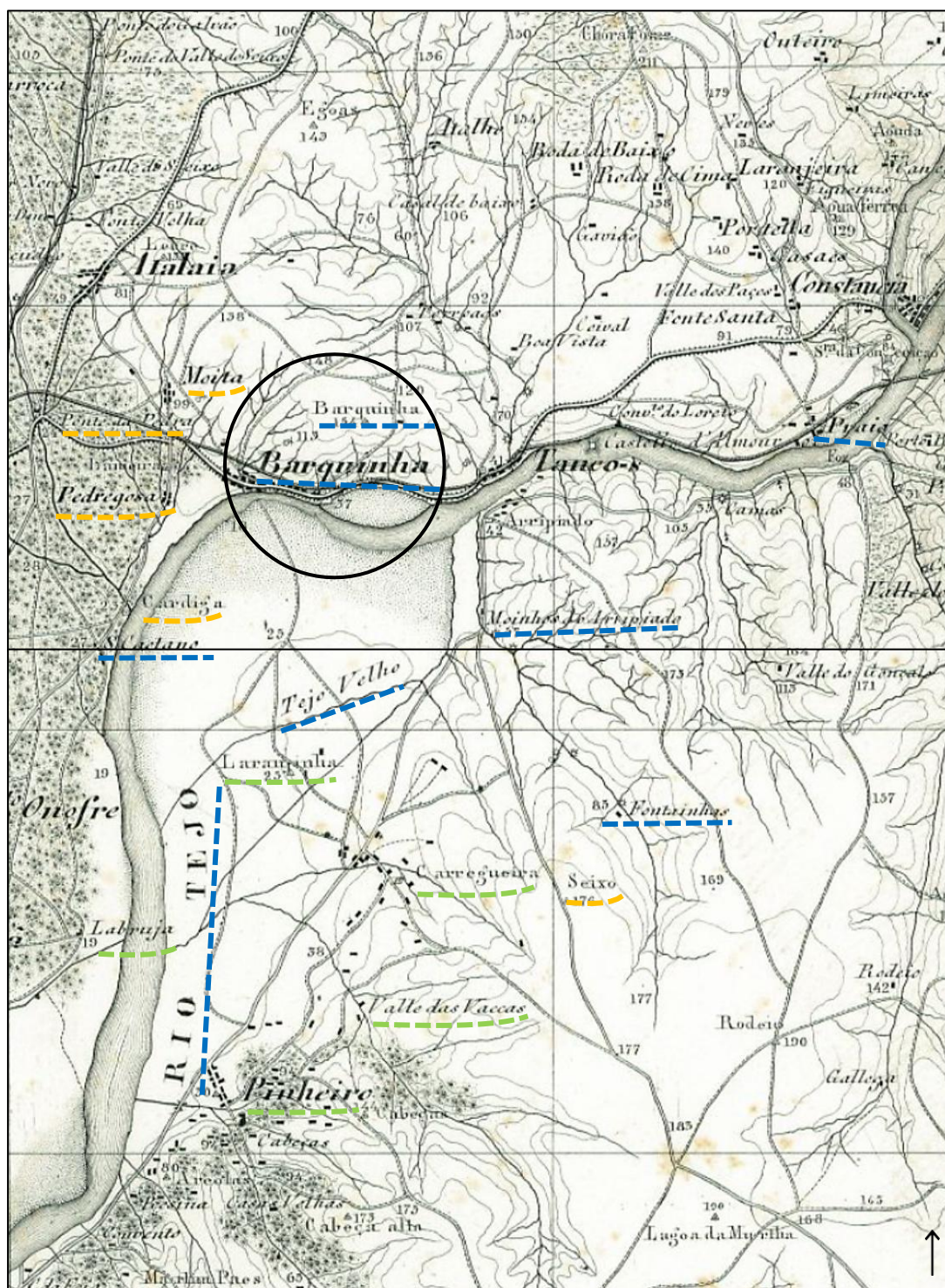
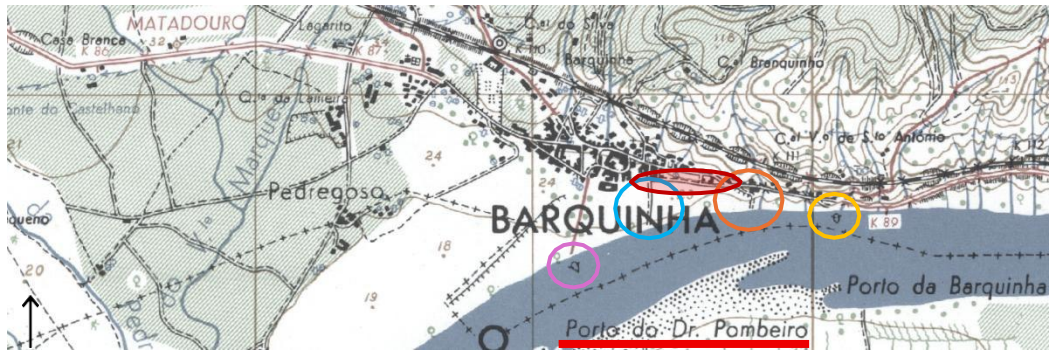
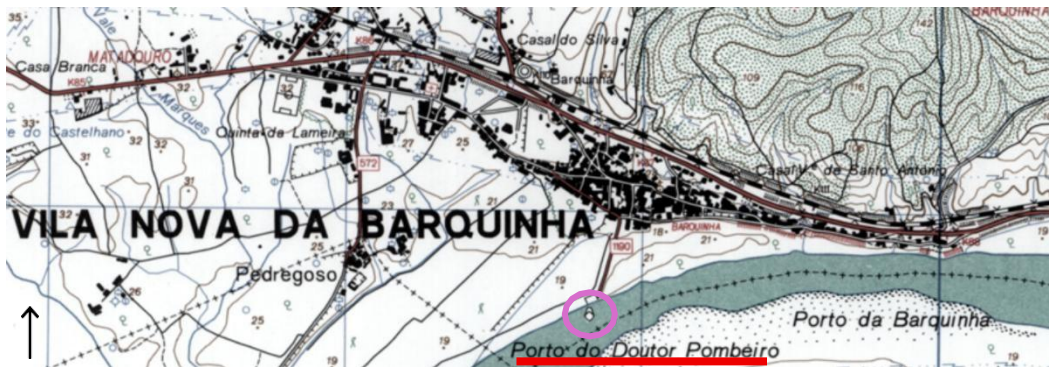


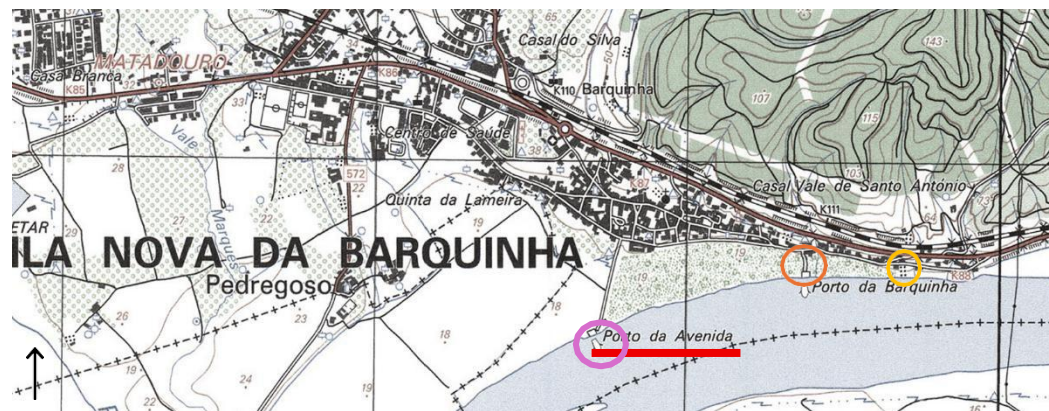
Figure 8 - Cartographic excerpt from 1866 focusing on the area of Vila Nova da Barquinha and its relationship with the change in the course of the Tagus River. Chorographic map of the Kingdom 1:100,000, sheet 20, compiled and engraved at the Geographic Institute under the direction of Councillor F. Folque, published in 1866. Authorship attributed to Barreto, Carvalho, Palha, and Santos. Source: Direção-Geral do Território (DGT), reference 43Dp20. © Rafaela Ribeiro, 2026



1945



1992



2008

- Doutor Pombeiro to Avenue Port
- Former Quay
- Barquinha Port (former port)
- 'Largo do Estaleiro' (Shipyard Square)
- 'Cais do Vapor' (Steamship Quay) | (Today is called Hydraulic Dock)

Figure 9 - Diachronic comparison of military cartography showing the spatial and toponymic evolution of Vila Nova da Barquinha (1945–2008)

Note. The figure presents selected excerpts from military maps corresponding to three different periods (1945, 1992, and 2008), enabling the identification of changes in territorial configuration and the evolution of toponymy. Given the relatively detailed scale of the maps, the toponymy represented refers mainly to landscape features and significant territorial elements. The comparison highlights the expansion of built areas and the consolidation of the settlement, while toponymic variation is more limited, being particularly evident in the changing designation of river ports. Adapted from military cartography. © Rafaela Ribeiro, 2026

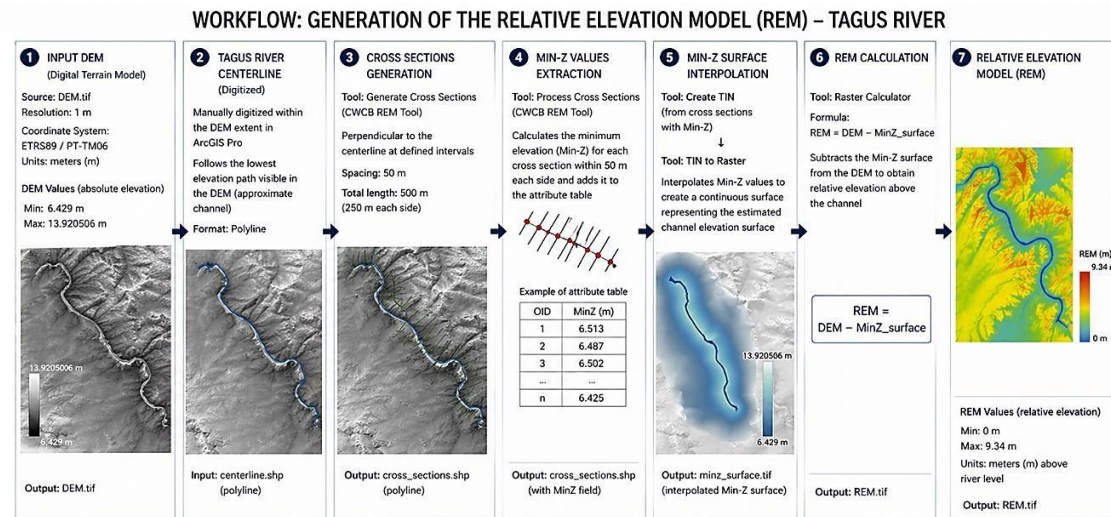


Figure 10 – *Relative Elevation Model (REM) of the Tagus River in the Vila Nova da Barquinha area, obtained from a Digital Terrain Model (DTM) and the modelling of the river channel surface.* The REM represents the altimetric difference in relation to the riverbed (value 0), allowing the identification of variations in the alluvial plain, such as flood-prone areas and fluvial terraces. The altimetric database used for the calculations in the ArcGIS software was provided by the Direção-Geral do Território (DGT) and made available by Esri. © Rafaela Ribeiro, 2026

Note: The images included in the workflow diagram are for illustrative purposes only; all data and analytical results correspond to the original data.

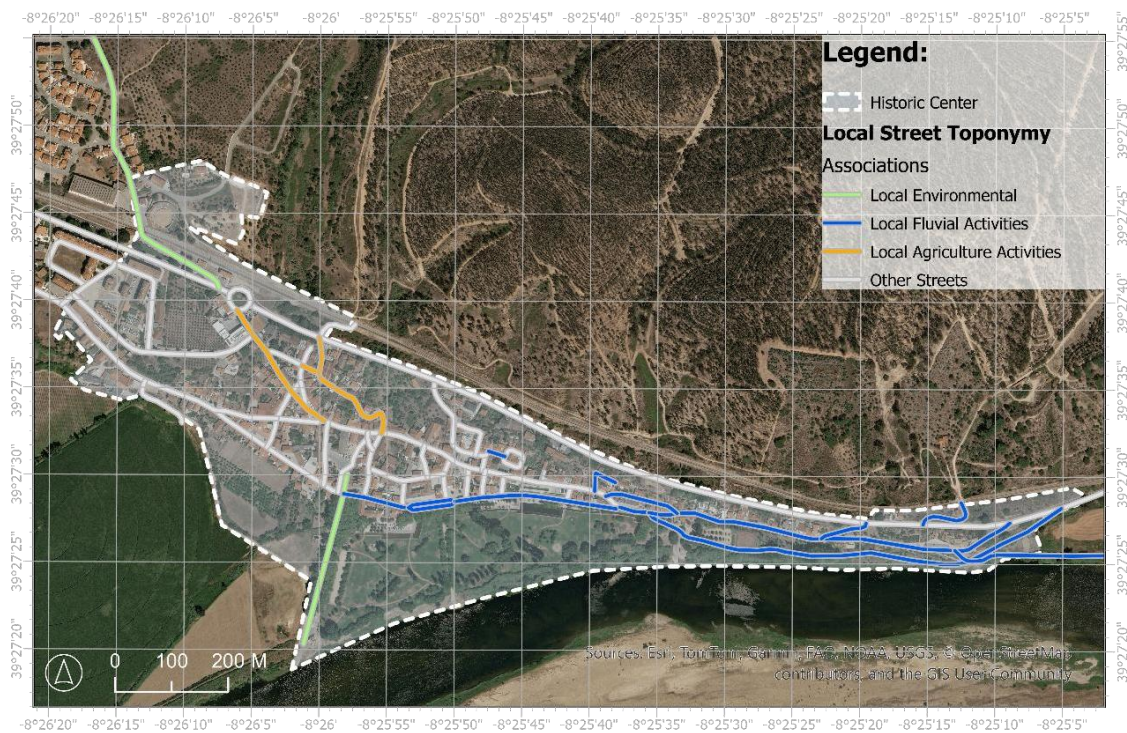
Table 2 -Toponymic Classification of the Historic Centre of Vila Nova da Barquinha, Portugal

Toponym Type	Category	Spatial Name	Toponymy Meaning
Eponyms	Military Political	Rua Marechal Carmona	From Dr Barral Filipe to Portugal, the President's name is Marechal Carmona (1869-1951)
		Rua Salgueiro Maia Largo Marechal Gomes da Costa, conhecido por 'Canto do Chinelo' e Canto Branquinho'	Figure: Revolution 25 th April 1974 From 'Slipper Corner' (where maritime workers left their footwear) and 'White Corner' to the Military Leader of the 1926 Coup
	Royal Religious	Rua Dona Maria II Travessa de São Mamede Igreja de Santo António	Queen of Portugal: 19 th Cent. Battle of São Mamede in 1128 Saint Anthony Church: Patron Saint of the Parish
	Cultural Historical	Largo de Camões	Portuguese Poet: 16 th Cent.
		Rua Pedro Álvares Cabral	Portuguese Navigator: 16 th Cent.
		Rua Vasco da Gama	Portuguese Navigator: 15 th Cent.
		Rua Doutor Barral Filipe	Doctor Local Figure: 20 th Cent.
		Rua Alfredo Martinho da Fonseca	Local Olive Oil Merchant: 20 th Cent.
		Largo Infante Santo	Infante Ferdinand, Holy Prince: 15 th Cent. Medieval Knight: Founder of Tomar
	Commemorative	Rua Benvenida	Local Individual
Rua Conceição Pereira		Military Officer, Explorer: 19 th Cent.	
Rua Victor Cordon		First Municipal President: 19 th Cent.	
Descriptive	Vegetation	Rua Pirão	
		Avenida dos Plátanos	'Platanus Avenue' (Latin: <i>Platanus</i>): Introduced in the 20th century.
		Choupos e Salgueiros	'Poplars and Willows': Riparian Vegetation

Hydrographic	Rua do Tejo	‘Tagus River Street’ (Latin: <i>Tagus</i> = to flow) From
	De Praias da Martintina para Marrantinas	‘Martintina Beaches’ (Latin: <i>Martinus</i> = of Mars), the Roman God of War and Agricultural Guardian, to ‘Marrantinas’
Topographic	Rua da Fonte Largo do Chafariz	Linked to “Fonte da Moita”:
	De Lagoa da Fedorenta para Cascalheira d’Ágoa Teza. (Atualmente Inexistente)	Spring of the Thicket Public fountain, now municipal space Means Gravel Area of Fast-Flowing Water (Latin: <i>Aqua Tensus</i> = Fast-flowing stretch of river), formerly ‘Lagoa da Fedorenta’, which means Stinking Lagoon.
Morphologica 1	Rua da Chã	‘Highland Plain Street’: A street leading to a flat land linked to a religious site
Associative	Travessa Estreitinha	Diminutive of Narrow Alley
	Rua das Escadinhas	From ‘Boat Street’ to Stepped Street
Fluvial Transport	Rua da Barca	‘Boat Street’: River Crossing Point
Economic	De Porto da Bouca, Bouça ou Barco para Porto da Barquinha	From ‘Bouca, Bouça or Barco Port’ to ‘Barquinha Port’: River crossing Point
	Cais do Vapor	‘Steam Pier’
Industrial	Rua do Sal	‘Salt Street’ trade route (river-based commerce) Ice transport route from Segade to Barquinha, and then to Lisbon via the Tagus River
Public Service Infrastructure	Marco do Caminho de Segade, Serra da Lousã à Barquinha	‘Sawmill Street’ (Wood processing activity)
Mythological	Rua dos Bombeiros	‘Firefighters Street’
Occurrent	Estrada N3	National Road 3
	Nereas	Associated with the Greek <i>Nereus</i> and the Nereids (sea nymphs), representing aquatic environments.
Political Event	Rua 25 de Abril Rua 5 de Outubro Travessa 28 de Maio	Carnation Revolution 25 th April 1974 The First Portuguese Republic in 1910 Portuguese Military Coup in 1926

		Largo do Primeiro de Dezembro		From the festivities square to national commemoration (1640 Restoration)
	Historical Event	Travessa dos Descobrimentos		'Age of Discovery': Portuguese Maritime Expansion 15 th to 16 th Century
	Military Event	Travessa Heróis de Kionga		'Heroes of Kionga': WWI Campaign
Shift	Colonial	Rua 9 de Abril		The Battle of La Lys in 1918
		Travessa de Angola		Former Portuguese Colony
		Travessa da Índia		Former Portuguese Colony: Indian Coast
		Travessa da Guiné		Former Portuguese Colony
		Travessa do Brasil		Former Portuguese Colony
	Internacional	Rua de Cabo Verde		
		Rua de Dissay		Foreign City: Barquinha Sister City
	National	Rua Cidade de Rio Maior		National City: Barquinha Sister City
Evaluate	Emotional	Rua da Saudade		Portuguese Expression: Longing

■ Local Environmental
 ■ Associations to Local Fluvial Activities
 ■ Associations to Local Agriculture Activities



Produced By: Rafaela Ribeiro

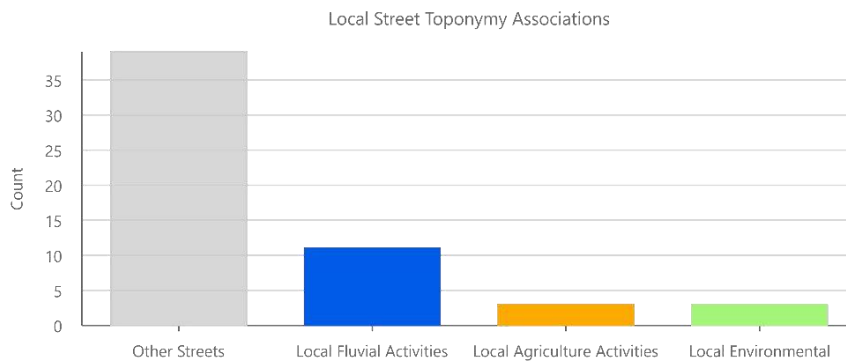


Figure 11 - *Spatial distribution of local street toponymy associations in the historic centre of Vila Nova da Barquinha*

Note. The figure illustrates the spatial distribution of street toponyms in the historic centre, classified into environmental (green), fluvial (blue), and agricultural (orange) associations, alongside non-specific toponyms (grey). Classification is based on the semantic analysis of street names and their correspondence with physical landscape elements and current spatial practices. The accompanying chart presents the distribution of each category. © Rafaela Ribeiro, 2026.

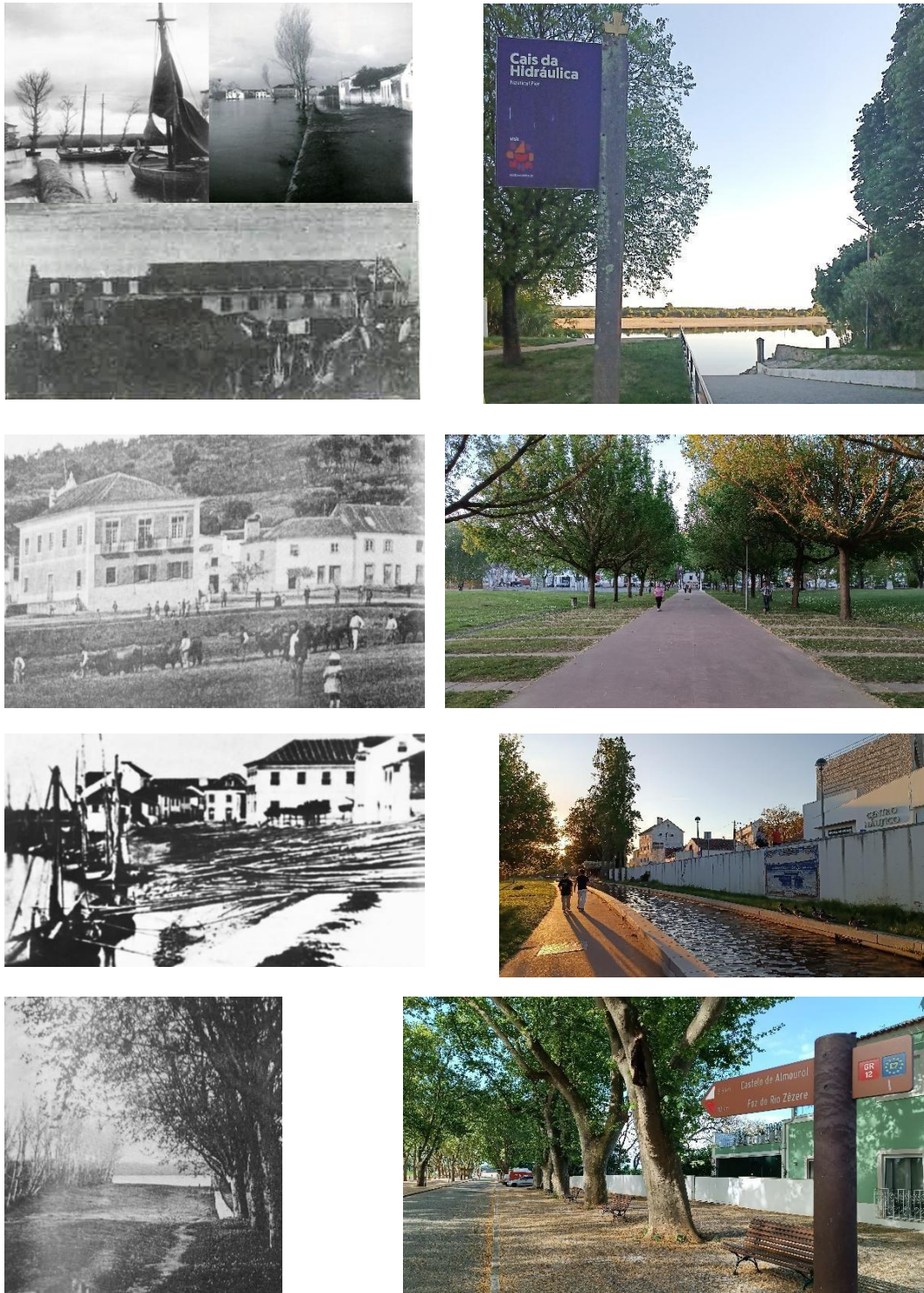


Figure 12 - Comparative visual documentation of river-related sites associated with trade and economic activities in Vila Nova da Barquinha

Note. The figure presents a comparative set of images of selected locations associated with river-based transport and commercial activities in Vila Nova da Barquinha. Historical photographs (left) are sourced from *Photografia Alves: Vila Nova da Barquinha 1913–2013*, while contemporary photographs (right) were taken by the author during fieldwork. © Rafaela Ribeiro, 2026.

The sequence includes: 1) Cais do Vapor, 2) Barquinha’s former river landing place, 3) ‘Largo do Estaleiro’, and 4) Avenida dos Plátanos.



Figure 13 - *Comparative visual documentation of everyday life and water-related practices in Vila Nova da Barquinha.*

Note. The figure presents a comparative set of images of selected locations reflecting everyday life and water-related practices in Vila Nova da Barquinha. Historical photographs (left) are sourced from *Photografia Alves: Vila Nova da Barquinha 1913–2013*, while contemporary photographs (right) were taken by the author during fieldwork. © Rafaela Ribeiro, 2026.

The sequence includes: 1) Barquinha's public river beach, 2) Praça da República, 3) Rua do Sal, and 4) Largo do Chafariz. These locations illustrate the role of water in shaping daily life, including leisure, commercial activities, water supply, and the impact of seasonal flooding.

Referências Bibliográficas:

- Alves, J. F. (2011). *A indústria em Portugal, ao longo do tempo*. Porto: CITCEM – Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Bluteau, R. (1712). *Vocabulário Portuguez e Latino*. Collegio das Artes da Companhia de Jesu.
- Cabral, M. V. (2020). *A sociedade portuguesa na década de 1960*. In Brito, J. M. B. de, Santos, P. B. (Eds.), *Os anos sessenta em Portugal. Duas governações, diferentes políticas públicas?*, pp. 37-50. Porto: Afrontamento
- Cataldi, G. (1977). *Per una scienza del territorio : studi e note*. Firenze: UNIEDIT.
- Claval, P. (2007). *A geografia cultural* (3ª ed., L. F. Pimenta & M. C. A. Pimenta, Trans.). Editora da UFSC.
- Colorado Water Conservation Board (CWCB). (2022). *Relative Elevation Model (REM) Generator: Guidance* (Version 4). <https://cwcb.colorado.gov>
- Dias, J. J. A. (1984). *Uma grande obra de engenharia em meados de quinhentos: A mudança do curso do rio Tejo*. *Nova História*, (1), 66–82
- Gonçalves, M., & Rosendahl, S. (2011). *Impacte das grandes obras de engenharia: A barragem do Castelo do Bode e a freguesia de Cernache do Bonjardim*. In *Proceedings of the International Conference on Engineering UBI2011*. University of Beira Interior.
- Hearn, K. P. (2021). *Mapping the past: Using ethnography and local spatial knowledge to characterize the Duero River borderlands landscape*. *Journal of Rural Studies*, 82, 37–53. <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2021.01.024>
- Hearn, K. P. (2021). Using participatory mapping as a tool to recall toponymy to characterise cultural landscapes. In *Landscape Archaeology Conference 2021: Virtually Together, Madrid (8–11 June 2021), Book of abstracts* (p. 187).
- Hearn, K. P., Atik, M., Kanabakan, A., & Ortaçesme, V. (2024). *Discovering change in agrosilvopastoral landscapes with toponymy in the Mediterranean region*. *Landscape and Urban Planning*, 243, 104955. <https://doi.org/10.1016/j.landurbplan.2023.104955>
- Jiao, M., & Lu, L. (2024). Spatiotemporal distribution of toponymic cultural heritage in Jiangsu Province and its historical and geographical influencing factors. *Heritage Science*, 12, 377. <https://doi.org/10.1186/s40494-024-01492-y>
- Jorge, J. (2021). *A Quinta da Cardiga: Aproximação à sua arquitetura, paisagem e território* (Dissertação de mestrado integrado, Universidade de Évora, Escola de Artes).
- Li, J., Xiao, Y., Yan, J., Liang, C., & Zhong, H. (2025). *Spatiotemporal evolution characteristics and causative analysis of toponymic cultural landscapes in traditional*

villages in Northern Guangdong, China. *Sustainability*, 17, 271. <https://doi.org/10.3390/su17010271>

Mação, H. V. (1995). *Tancos: ecos do passado no presente*. Câmara Municipal de Vila Nova da Barquinha.

Martins, A. A., & Cunha, P. P. (2017). Evolução da paisagem e dinâmica sedimentar do rio Tejo em Portugal, durante o Plistocénico – registo em perfis longitudinais regularizados com substrato rochoso e nos de leito aluvial. *XVII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada*. <https://doi.org/10.20396/sbgfa.v1i2017.2066>

Mela, A., Belloni, M. C., & Davico, L. (2001). *A sociologia do ambiente* (I. T. Santos, Trad.; 1.ª ed.). Estampa.

Menezes, M., & Costa, D. (2023). Memórias dos rios e ribeiras na toponímia da cidade de Lisboa. In C. Smaniotta Costa et al. (Eds.), *RUN: Rios urbanos naturalizados* (Culture & Territory, Vol. 6, pp. 325–339). <https://doi.org/10.60543/ecati/b6af-7210>

Mitxelena-Hoyos, O., & Amaro-Mellado, J.-L. (2024). *GIS-based relationship between pathway names and landscape: A multilingual case study: Euskadi, Spain*. *GeoJournal*, 89, 96. <https://doi.org/10.1007/s10708-024-11064-z>

Modrego Fernández, R. (2020). La dimensión espacial de la toponimia histórica a través del análisis kernel: Hacia una arqueología del paisaje medieval en Sierra Mágina (Jaén). *@arqueología y Territorio*, 17, 159–172.

Mustonen, T., & Lehtinen, A. A. (2021). *Endemic renewal by an altered boreal river: Community emplacement*. *Climate and Development*, 13(9), 807–815. <https://doi.org/10.1080/17565529.2020.1870424>

Nègre, E. (1963). *Les noms de lieux en France*. A. Colin.

Pereira, B. B. de S. (2018). O léxico toponímico pela via filológica: O entrecruzar de língua, cultura e história. *Revista de Estudos de Cultura*, 4(2), 169–180.

Pereira, M. H. (1969). *Demografia e desenvolvimento em Portugal na segunda metade do século XIX*. *Análise Social*, 7(25/26), 85–117. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

Pinna, S. (2023). *Cartographic erasure of landscape as a social concept: Changes in ancient rural practices and land-use policy behind the study of toponyms. A case study from Sardinia*. *Catena*, 229, 107229. <https://doi.org/10.1016/j.catena.2023.107229>

Polo Martín, B. (2026). *The loss of culture and identity in rural areas in Spain from the 19th century*. In *Book of Proceedings IAE 2026* (pp. 47–55). <https://doi.org/10.46793/zblIEP25.047PM>

Pombeiro, V. M. A., Vieira, J. A. de M., Alves, G. C. de F. M., & Passos, P. (2013). *Photografia Alves: Vila Nova da Barquinha 1913–2013*. Câmara Municipal de Vila Nova da Barquinha.

- Reis, A. M. (2002). *Origens dos municípios portugueses*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Ribeiro, A. (2022). *O silêncio, o som e o sentido: Integrados na paisagem bucólica da Quinta da Cardiga na margem do Tejo* (Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa).
- Roldão, A. L. (2014). A Barquinha. In A. Cruz (Ed.), *Carta galeria arqueológico-histórica do concelho de Vila Nova da Barquinha* (pp. xx–xx). Centro de Pré-História, Instituto Politécnico de Tomar.
- Roldão, A. L. (2014). *Barquinha: Crónicas históricas* (Vol. 1). Município de Vila Nova da Barquinha.
- Roldão, A. L. (2020). *Barquinha: crónicas históricas II* (Vol. 2). Município de Vila Nova da Barquinha.
- Silveira, L. E. da, Alves, D., Lima, N. M., Alcântara, A., & Puig-Farré, J. (2011). Caminhos de ferro, população e desigualdades territoriais em Portugal, 1801–1930. *Ler História*, (61), 7–38.
- Smith, L. C. (2021). *Rivers of power: How a natural force raised kingdoms, destroyed civilizations, and shapes our world*. Penguin Book
- Tent, J. (2015). Approaches to research in toponymy. *Names: A Journal of Onomastics*, 63(2), 65–74. <https://doi.org/10.1179/0027773814Z.000000000103>
- Torres Quesada, G. J., & López Cordero, J. A. (2016). Toponimia del término de Pegalajar a mediados del siglo XVIII. *Sumuntán*, 34, 277–318.
- Turaevich, T. M. (2021). *Toponyms as a cultural value heritage*. *International Journal on Integrated Education*, 4(6), 22–24.
- UNESCO (2003). *Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage*. Paris: UNESCO.
- Veiga, T. R. (2004). *A população portuguesa no século XIX*. Edições Afrontamento. (pp. 49-57).
- Velosa, J. M. N. B. C. (2009). *Os efeitos das grandes barragens no desenvolvimento socioeconómico local* (Dissertação de mestrado, Engenharia Civil).
- Wantzen, K. M., & Cao, Y. (2026). Cultural practices in European riverine floodplains: Formation, typology, co-decline of biocultural diversity, and emerging drivers of conservation and sustainable management. *Nature Conservation*, 62, 195–215. <https://doi.org/10.3897/natureconservation.62.156771>

Zanatta, Y. P., Granville, N. C., & Campos, F. R. G. (2022). Toponímia, simbolismo e poder: Estudo do nome dos municípios do norte do Rio Grande do Sul. *Caderno de Geografia*, 32(68), 324–347. <https://doi.org/10.5752/p.2318-2962.2022v32n.68p.324>

Analysis of Proportional Systems in the Azorean Churches: Nossa Senhora da Estrela and São Vicente Ferreira

Maria Antónia Rocha Vieira

maria_antonia_09@hotmail.com | marva@iscte-iul.pt

Abstract: The article presents research developed within a PhD in Architecture that focuses on identifying proportional, metric, and rhythmic systems in eighteenth- and nineteenth-century Azorean religious architecture, specifically on the islands of São Miguel and Santa Maria. Given the scarcity of historical documentation concerning authorship and construction processes, the study relies on the direct analysis of the built fabric, employing metric surveying, digital modelling, and geometric interpretation. Its primary aim is to understand the compositional principles underlying these churches, even in the absence of written records. The article provides a partial account of the methodology and presents the preliminary results of this investigation.

From a theoretical perspective, the study is situated within the broader debate on proportion and geometry in architecture, highlighting the indirect influence of European and Portuguese treatise traditions, particularly in the context of the post-Council of Trent period (1545–1563). Although there is no direct evidence of the circulation of such treatises in the Azores, formal affinities can be observed with models such as the Church of the Gesù in Rome, as well as with principles disseminated through the literature of classical architectural treatises. Azorean religious architecture is therefore understood as the result of a process of selective adaptation, through which external references were reinterpreted in response to local conditions. Within this framework, the study argues that architecture articulates both measurable and conceptual dimensions, with proportion functioning simultaneously as a design instrument and an analytical tool.

The research focuses on two churches in particular, Nossa Senhora da Estrela (Matriz) and São Vicente Ferreira, analysing both their plans and façades. The methodological approach is based on the method of overlapping polygons, with particular emphasis on the $\sqrt{5}$ rectangle as a fundamental compositional module.

In the analysis of the Church of Matriz, a three-nave structure, it was found that the $\sqrt{5}$ rectangle establishes the proportional relationship between the central and lateral naves and determines the building's overall length. The subdivision into bays reveals a coherent modular organisation, in which elements such as the transverse doorways play a structuring role in the spatial hierarchy. In the façade, despite the greater compositional freedom, the same geometric principles remain identifiable, ensuring coherence between plan and elevation. The tripartite division, the relationship between levels, and the overall proportion reveal a consistent proportional system.

In the case of the Church of São Vicente Ferreira, a single-nave building, the same $\sqrt{5}$ module is used, although it serves different functions. Here, the rectangle primarily establishes the proportional relationship between width and length. The smaller-scale façade similarly follows proportions close to those of the Church of Matriz, demonstrating that, despite typological differences, continuity exists in the underlying compositional principles.

In conclusion, the study confirms the relevance of geometry, proportion, and metric systems as essential tools for understanding Azorean religious architecture. The systematic application of the $\sqrt{5}$ rectangle and its variants reveals consistent patterns in the spatial and formal organisation of the buildings. However, these results should not be interpreted as evidence of a single, consciously applied system, but rather as the identification of plausible regularities arising from constructive practice. The research thus helps to address existing gaps in knowledge, demonstrating that geometric analysis can reveal underlying design logics even in contexts with limited documentation, and thereby opening avenues for future research.

Keywords: Religious Architecture, Azores, Proportional Systems, $\sqrt{5}$ Rectangle.

Introduction

This article aims to present one of the methodological instruments developed within the framework of ongoing doctoral research, designed to identify proportional, metric, and rhythmic patterns or systems in the structural and ornamental components of Catholic churches, both parochial and non-parochial, constructed between the eighteenth and nineteenth centuries on the islands of São Miguel and Santa Maria (Azores). However, given the nature of this exercise and of this article, the focus is on a detailed analysis based on the graphic examination of the plans and façades of two Azorean churches.

The absence of documentation on the authorship of the designs (designers, master builders, constructors) meant that reliance had to be placed exclusively on the direct analysis of the built fabric. Through metric surveying, digital modelling, and the analysis of the resulting data, it was possible to formulate hypotheses concerning the compositional principles adopted, even in the absence of written records (VIEIRA et al., 2023; VIEIRA, 2024).

Accordingly, this article aligns with the main outcomes of the ongoing doctoral research in *Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos* (Architecture of Contemporary Metropolitan Territories, conducted at Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Centro de Investigação em Ciências da Informação, Tecnologias e Arquitetura, Lisboa, Portugal). It presents part of the method, the analysed data, and the preliminary conclusions in a structured and explicit manner.

Theoretical Framework

Portuguese religious architecture has been extensively studied, particularly within mainland urban contexts (GOMES, 1987; SOUSA, 1990; 1991; 2012; PEREIRA, 1992; PEREIRA, 2022; FERNANDES, 1999; 2008; CALDAS, 2011; 2012; 2018a; 2018b). In contrast, research on the Azores remains fragmented and relatively underdeveloped, particularly regarding the analysis of church typologies and compositional systems (SOUSA, 1990; 1991; CALDAS, 2012; 2018a; VIEIRA et al., 2023; VIEIRA, 2024).

The lack of direct documentation on the reception and dissemination of European treatise literature, particularly within the framework of post-Tridentine reforms, has led several studies to identify typological and formal affinities indicative of its indirect influence in the Azorean archipelago (CALDAS, 2011; 2018a; LARANJEIRA, 2008).

Among the most significant references is the treatise by St. Charles Borromeo (2000), whose normative prescriptions, centred on functional organisation, spatial clarity, and liturgical suitability, find clear parallels in several Azorean churches. The emphasis on the chancel, eastward orientation, hierarchical spatial organisation, and formal restraint are aspects frequently associated with this conceptual framework. Nevertheless, their application should be understood as plausible rather than demonstrably verified (VIEIRA, 2024).

Recent historiography (CALDAS, 2011; 2018a; LARANJEIRA, 2008) has also highlighted the importance of the Renaissance treatise traditions in shaping architectural solutions in the archipelago. On the island of São Miguel, a clear affinity with the model of the Church of the Gesù, associated with Vignola, is evident, particularly in the adoption of tripartite façades and the tendency towards spatial unification of the nave, albeit through simplified reinterpretation (CALDAS, 2011; 2018a). By contrast, the Cathedral of Angra displays a closer affiliation with Serlio's treatise tradition (SERLIO, 1537; TAVARES, 2013) and with the "plain architecture", combining a refined classical language with pragmatic construction solutions (LARANJEIRA, 2008). This differentiation suggests that the reception of treatise literature in the Azores was not homogeneous, varying across islands and resulting in hybrid architectural solutions.

In this context, the theoretical debate on proportion and method in Renaissance architecture becomes particularly relevant. Wittkower (1998) identified proportional systems grounded in mathematical and musical relationships, advocating a form of geometric universality. This perspective was later expanded and critiqued by March (1998), who highlighted the diversity of geometric procedures involved in architectural design. In turn, Boudon (2003) and Cohen (2013, 2018) emphasised contextual factors, distinguishing between a measurable dimension of proportion and a conceptual dimension linked to design intent.

Azorean religious architecture should therefore be understood as the result of a process of selective adaptation, in which treatise-based models circulated indirectly and were reinterpreted in light of local conditions. The central question thus shifts from identifying which treatises circulated in the archipelago to understanding how these references were appropriated, transformed, and integrated into specific construction practices.

Within this framework, the present research seeks to address this gap. Its conceptual foundation rests on the premise that Azorean religious architecture is not merely a formal expression, but also a manifestation of spatial-organisational systems guided, consciously or unconsciously, by principles of proportion, symmetry, and rhythm (VIEIRA et al., 2023; VIEIRA, 2024; 2025).

The relationship between geometry and proportion has been widely debated within architectural theory and history and is recognised as one of the principal instruments for understanding the built form. Over time, numerous authors (WITTKOWER, 1998; MARCH, 1998; AVVA, 2003; BOUDON, 2003; MCCAGUE, 2003; COHEN, 2013; 2018; PÁRAMO, 2001; JORGE, 2006; BENUTTI, 2008; OTTENHEYM, 2014; PEREIRA, 2015; WANG & HANN, 2019; MAIA, 2021; HALES, 2024) have demonstrated that architecture does not arise solely from functional decisions, but also from the application of rational systems that structure space and confer coherence upon buildings.

Historically, proportion played a structuring role from Antiquity, with Vitruvius associating it with universal order, a notion that continued through the Middle Ages. In the Renaissance, authors such as Alberti, Serlio, and Palladio systematised these principles through treatises, whose reception in Portugal occurred at a comparatively later stage (MAIA, 2021).

Recent research has reinforced the importance of geometry as an operative instrument, demonstrating that proportional schemes often derive from simple geometric constructions based on elementary figures and rational relationships (PÁRAMO, 2001; JORGE, 2006; BENUTTI, 2008; OTTENHEYM, 2014; PEREIRA, 2015; WANG & HANN, 2019; MAIA, 2021; HALES, 2024). Within this framework, proportion should be understood not only as a design principle but, above all, as an analytical tool, particularly relevant in contexts with limited documentation, such as those of Azorean churches.

Metric analysis should be understood not merely as a technical instrument, but as an integral component of architectural design systems. Its examination enables the identification of modules, dimensional relationships, and organisational patterns, constituting an essential means of architectural interpretation in contexts where design documentation is scarce.

Thus, geometric and proportional analysis enables the identification of internal organisational logics, the assessment of architectural coherence, and the understanding of local adaptations. Nevertheless, such analysis requires a critical, methodologically rigorous approach, grounded in reliable data and attentive to relevant constructive and historical contexts.

Methodology

The methodology adopted in this article is derived in part from the process currently being developed within the ongoing doctoral research. It is based on an integrated approach that combines architectural surveying, metric data processing, and graphic visualisation using digital tools, particularly AutoCAD™. This strategy aims to address the scarcity of historical documentation, both graphic and written, relating to the buildings' construction period (VIEIRA et al., 2023; VIEIRA, 2024; 2025), thereby enabling an indirect reconstruction of the proportional systems underlying Azorean religious architecture.

Following “in-situ” validation of the architectural survey, drawings (plans, sections and elevations) were produced and vectorised in AutoCAD. This was followed by a phase of graphical simplification, in which represented elements were reduced to emphasise the buildings' formal structure (VIEIRA et al., 2023; VIEIRA, 2024; 2025). Subsequently, the constituent volumes of each church were identified, distinguishing original composition elements from later additions. The analysis, therefore, focuses on the nave body, in both plan and elevation, as this component most clearly expresses the underlying compositional logic.

It should be noted that the present study constitutes a partial application of the overall methodology, focusing on a limited number of cases. Specifically, the metric and

proportional analysis was applied to two churches, Matriz and São Vicente Ferreira, restricted to the ground-floor plans and the main façades.

Data Presentation and Analysis

In parallel with the identification of principles such as rhythm, symmetry and organisational logic, the research adopted an approach centred on geometric analysis, intrinsically linked to proportional and metric systems. This choice derives from the theoretical framework, characterised by the absence of evidence for a local corpus of architectural treatises and for a formally codified proportional system within the construction milieu.

Accordingly, based on tests involving the superimposition of different proportional systems onto the drawings, the overlapping-polygons method (VIEIRA, 2024) was employed. This approach revealed a recurring correspondence with the system of root rectangles, particularly the $\sqrt{5}$ rectangle, that is, the rectangle whose longer side measures $\sqrt{5}$ (**Fig. 1**).

From this base rectangle, operative variations were generated, namely its mirror image and its multiplication, allowing the construction of more complex geometric schemes, including the inscription of circles and squares (**Fig. 2**). The method was applied systematically to the plans and elevations of both single- and three-nave churches, using a fixed reference point, namely the lower left corner of the plan and of the main façade, thus ensuring consistency in comparative analysis (**Fig. 3**).

Analysis of the Plan of the Church of Matriz

The plan analysis shows that the $\sqrt{5}$ rectangle (the rectangle whose longer side measures $\sqrt{5}$), when applied across the full width of the church, establishes the proportional relationship between the naves. It determines the width of the side aisles relative to the central nave and aligns coherently with the structural axes. In particular, the position of the generating square's line for the $\sqrt{5}$ -edge rectangle, shown in pink (**Fig. 4**), aligns with the outer face of the pillars, making this proportional relationship clearly identifiable.

Its variations, the $\sqrt{5}$ square and the $2\sqrt{5}$ rectangle, articulated through displacement and using the circumference as a hinge, enable the determination of the total length of the nave body. This includes the wall thickness, indicated by the circular arc extending beyond the rectangle, and reveals an overall proportion close to 1:2 (**Fig. 4**).

Once the overall dimensions of the nave body and the proportional relationship between the naves had been established, the body was subdivided into bays by dividing the length into six equal parts, corresponding to the number of bays in the church, and thereby identifying the structural axes. In this context, the position of the hinge of the lateral transverse doorways emerges as a decisive anchoring point, establishing the spatial hierarchy and defining the first bay.

The analysis thus reveals a coherent modular organisation in which the apparent dimensional irregularity, resulting from the reduced depth of the first bay, constitutes a deliberate strategy of spatial hierarchisation and rhythmic control. The duplication of the first bay's structure along the axial alignment reduces the spacing between the pillars, reinforcing this spatial rhythm (**Fig. 5**).

Analysis of the Façade of the Church of Matriz

In the analysis of the façade, the compositional reading becomes more complex due to greater formal freedom. Nevertheless, the same geometric principles remain evident, ensuring coherence between plan and elevation and supporting Pereira's (2015) assertion that compositional logic must remain consistent across architectural elements.

The first stage involved examining how the structural principles of the plan are expressed in the façade, despite the partial misalignment between the façade's formal structure and that of the plan. Three fundamental axes were identified: the dashed yellow line corresponding to the plan's structural axis; the dashed magenta line marking the axis of the pilasters; and the dashed green line indicating the axis of the $\sqrt{5}$ -edge rectangle adopted as the compositional module (**Fig. 6**).

Once dimensions and spatial organisation had been defined, the façade's development, although permitting greater aesthetic freedom, remained constrained by the placement of doors and windows, ensuring an externally coherent rhythm dominated by the central bay. Accordingly, regardless of the proportional relationship between the bays, the simplest structural scheme corresponds to dividing the façade into three equal parts. One-third corresponds exclusively to the central bay, while the remaining two-thirds comprise the lateral bays, quoins and pilasters. In metric terms, the proportional relationship between the central bay and the lateral bays, framed symmetrically by the pilasters, is approximately 5/7 (**Fig. 7**).

The vertical organisation of the façade levels clarifies the compositional logic of the bays and pilasters, particularly where no explicit height-related construction constraints are evident. Although the plan determines the façade's width, its height allows for greater design autonomy, shaped by proportional balance and compositional harmony as defined by the builder.

The $\sqrt{5}$ -edge rectangle and its variation, the $\sqrt{5}$ square, prove fundamental in defining the façade's overall proportions. Applied horizontally, the module establishes the heights of the plinth, the first level, and the pediment's proportional configuration. In an overall reading, the façade approximates a 1:1 proportion inscribed within a square, while the first level corresponds to a $\sqrt{5}$ -edge rectangle, representing half the total height (**Fig. 8 – scheme 1**).

Applied vertically, the full width of the $\sqrt{5}$ square determines the height of the central bay, revealing a direct width-to-height proportional relationship that reinforces compositional unity (**Fig. 8 - scheme 2**). This positioning further clarifies subsidiary dimensions, such as the width of the quoins and the height of the lateral doors.

Additional horizontal applications of the $\sqrt{5}$ -edge rectangle, inserted within the first level, define the height of the central bay and confirm a consistent proportional relationship. The height of the second level is subsequently derived from the square constructed above the lower $\sqrt{5}$ -edge rectangle, bounded by the entablatures, demonstrating continuity between vertical subdivisions (**Fig. 8 - scheme 3**).

Conversely, the vertical insertion of the $\sqrt{5}$ -edge rectangle within the central bay indicates the approximate dimensions of the pilasters and the heights of both levels, consolidating

the reading of geometric balance and reinforcing the system's modular nature through its replication in the lateral bays (**Fig. 8** – scheme 4).

Analysis of the Plan of the Church of São Vicente Ferreira

In single-nave churches, the compositional scheme could, in principle, be interpreted through simpler regular forms such as the square. Nevertheless, the $\sqrt{5}$ -edge rectangle was retained as the primary analytical module. Although it does not determine the structural layout, as in three-nave churches, it clearly defines the proportional relationship between width, length, and wall thickness.

When applied across the full width of the plan, including the walls, the $\sqrt{5}$ edge rectangle reveals that the São Vicente Ferreira church, like the Church of Matriz, articulates two modules, that is, a $2\sqrt{5}$ rectangle, corresponding to an overall proportion of 1:2. Unlike the Church of Matriz, however, the lateral transverse doors are positioned equidistant from both ends of the nave, centred within the nave body (**Fig. 9**).

Analysis of the Façade of the Church of São Vicente Ferreira

Despite its smaller scale, the façade of the single-nave church adheres to similar proportional principles. When the variant, the $\sqrt{5}$ square, is applied horizontally, the overall façade dimension, including the pediment, reveals an approximate 1:1 proportion inscribed within a square (**Fig. 10** - scheme 1).

Applied vertically, the full width of the $\sqrt{5}$ -edge rectangle determines the height of the bay (**Fig. 10** - scheme 2), confirming a direct proportional relationship between width and height and reinforcing compositional unity. This module also provides additional dimensional references, including the width of the quoins.

Further horizontal applications of the $\sqrt{5}$ -edge rectangle, excluding the quoins and plinth, show that its insertion within the first level determines the partial height of the bay and the position of the entablature, corresponding to one and a half $\sqrt{5}$ -edge rectangles (**Fig. 10** - scheme 4).

Concluding Remarks

The results confirm the central role of geometry, proportion, and metric systems as operative tools for understanding Azorean religious architecture. These findings are fully consistent with the proposed theoretical framework. As has been widely demonstrated in the literature, historic architecture does not merely respond to functional or constructive requirements. It also incorporates rational systems that structure space and ensure formal coherence. In the Azorean context, however, the absence of local treatises or explicit references to proportional systems distinguishes this case from more extensively documented regions, thereby reinforcing the relevance of analytical approaches grounded in the geometric and metric reading of built forms.

The systematic application of the overlapping-polygons method revealed that the $\sqrt{5}$ -edge rectangle, its variants, and the square constitute a consistent reference framework in the organisation of plans and façades. This framework enables the identification of proportional and metric relationships underlying the architectural composition. Such relationships emerge both in the definition of the naves and bays and in the articulation between width and height, revealing a coherent internal logic even if not explicitly formalised.

The analysis also revealed that, alongside geometric systems, simple metric relationships based on modular divisions and proportional ratios contribute to the structuring of space and to the hierarchical organisation of architectural elements. The coexistence of these geometric and metric layers confirms the complexity of design processes, in which constructive practice integrates abstract principles with operative solutions.

In three-nave churches, the $\sqrt{5}$ -edge rectangle validates the proportional relationship between the naves, while its variants, particularly the double square, define the overall length, establishing a 1:2 ratio (length = 2 × width), a pattern also observed in single-nave churches. The study further highlights the importance of the transverse doors as spatial organisers, positioned at the centre of the plan. In three-nave churches, these doors additionally contribute to the spatial hierarchy by excluding the first bay and assigning it a secondary character.

Regarding the façade, the degree of design freedom does not preclude the use of modular or $\sqrt{5}$ -based proportional systems. On the contrary, this proportion remains present and is reinforced by the overall balance of the façade, which approximates a 1:1 ratio (width = height), including the pediment. Moreover, the same rectangle governs the proportional relationship between the first and second levels in three-nave churches. Despite differences in scale, the proportional system remains consistent across both single- and three-nave typologies, in plan and elevation.

It is important to emphasise that these results should not be interpreted as evidence of the conscious and systematic application of a single proportional model. As noted in the literature, the identification of such systems results from an analytical reconstruction process subject to variations, local adaptations, and constructive constraints. Instead of idealised schemes, the research identifies plausible and recurrent patterns aligned with the knowledge and practices of the period in question.

In this sense, the study advances our understanding of Azorean religious architecture by demonstrating that, even in the absence of direct documentation, it is possible to identify underlying organisational principles embedded in the built form. Geometry and metric systems thus emerge not only as analytical instruments but also as fundamental means for interpreting the design logics at work, opening avenues for future research that may expand, validate, or refine the findings presented here.

Acknowledgements

This work aligns with the main outcomes of the ongoing doctoral research in Architecture of Contemporary Metropolitan Territories, conducted at Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Centro de Investigação em Ciências da Informação, Tecnologias e Arquitetura, Lisboa, Portugal. This article was supported by national funds through Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. (FCT) [FCT Ref: 2021.08545.BD; ISTAR Project: UID/04466/2025, <https://doi.org/10.54499/UID/04466/2025>].

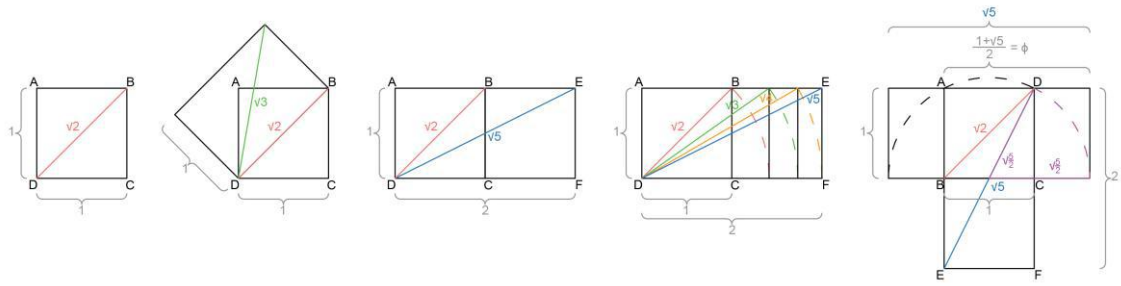


Fig. 1 - Proportional Systems: Root Rectangles (Irrational Ratios); Prepared by Vieira after Benutti (2008)

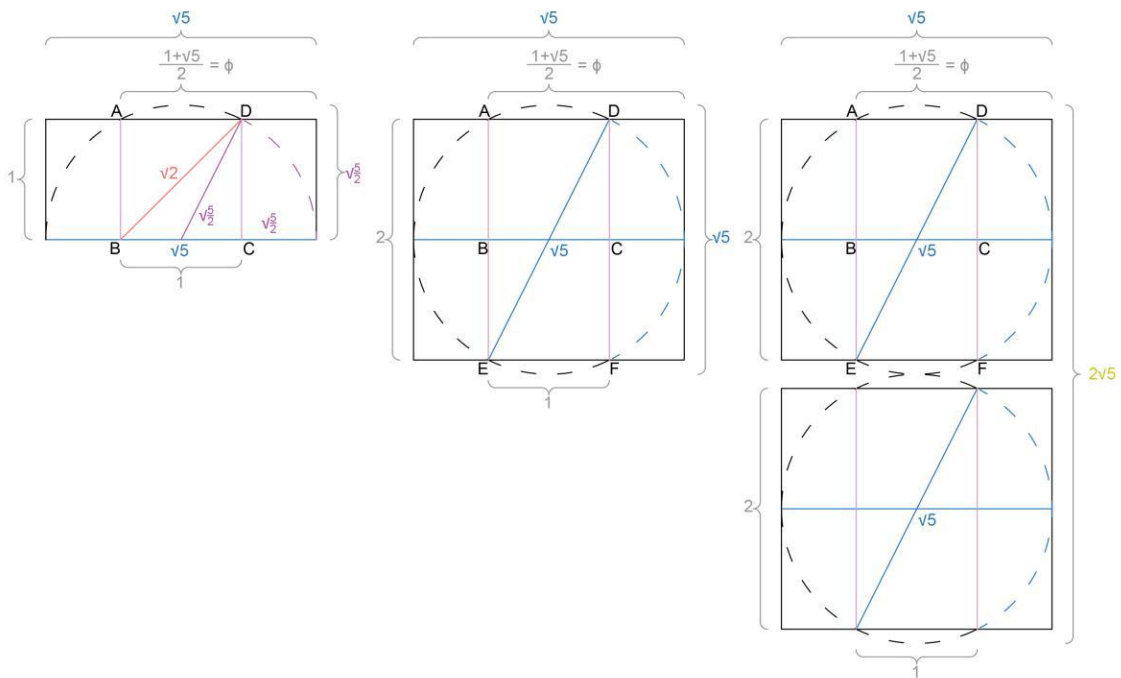


Fig. 2 - Proportional Systems: (left) rectangle whose longer side measures $\sqrt{5}$; (centre) mirrored variation; (right) multiplied variation; Prepared by Vieira

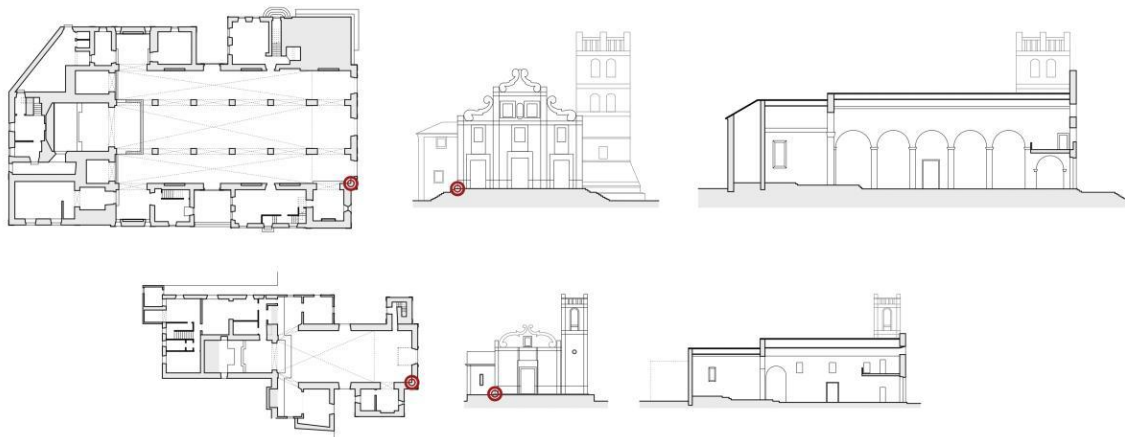


Fig. 3 - Reading position of the proportional module (top: Church of Matriz; bottom: Church of São Vicente Ferreira); Prepared by Vieira



Fig. 4 - Superimposition of the modules in the Church of Matriz: (left) rectangle with a $\sqrt{5}$ side; (right) its multiplied form ($2\sqrt{5}$ rectangle); Prepared by Vieira

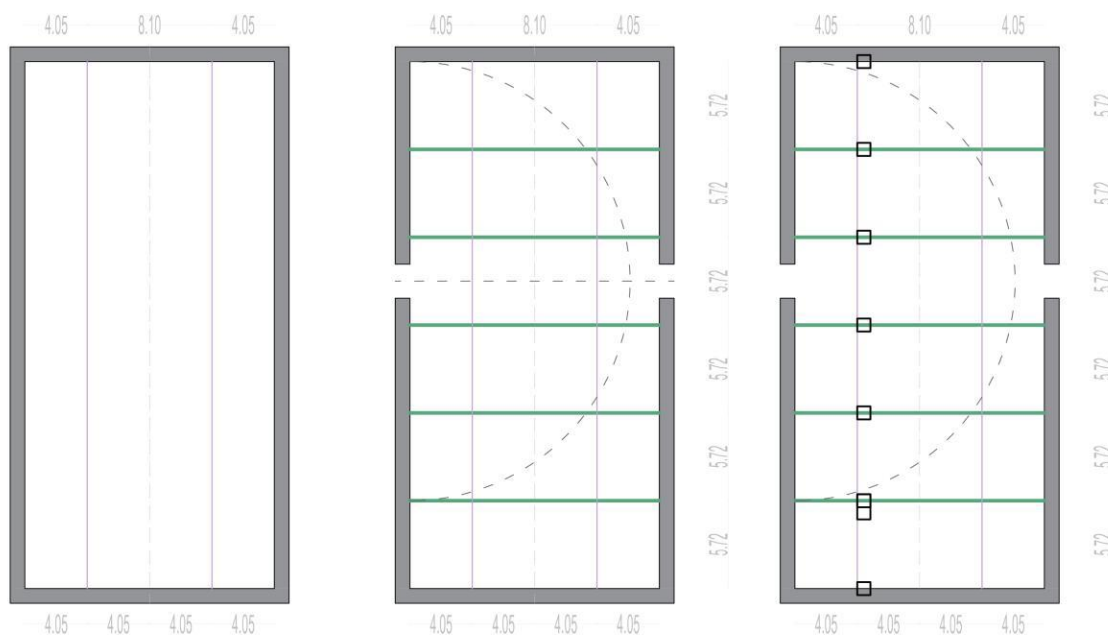


Fig. 5 – Modulation of the bays and of the lateral transverse doors of the Church of Matriz; Prepared by Vieira

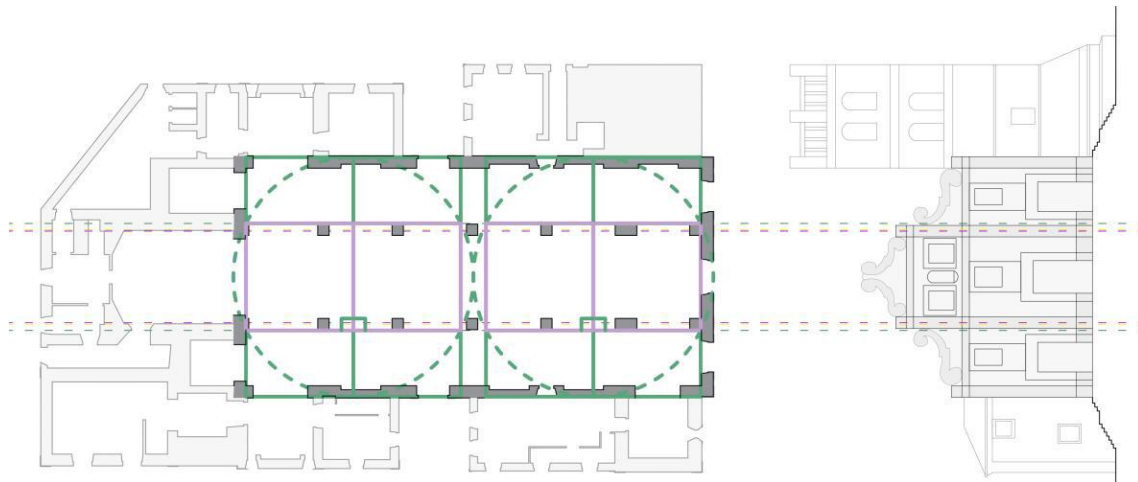


Fig. 6 - Relationship between the internal structure and the external "structure" of the Church of Matriz; Prepared by Vieira

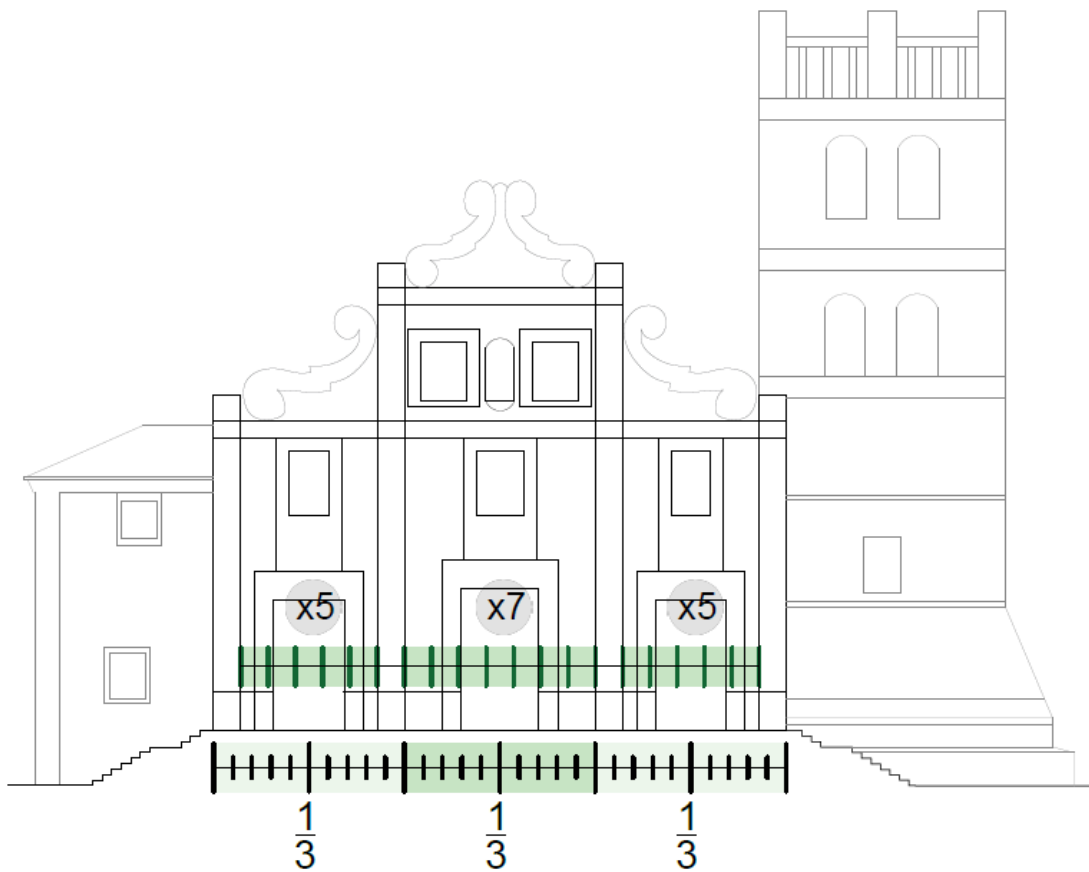


Fig. 7 – Modulation of the façade bays of the Church of Matriz; Prepared by Vieira



Fig. 8 - Modulation of the façade of the Church of Matriz; Prepared by Vieira

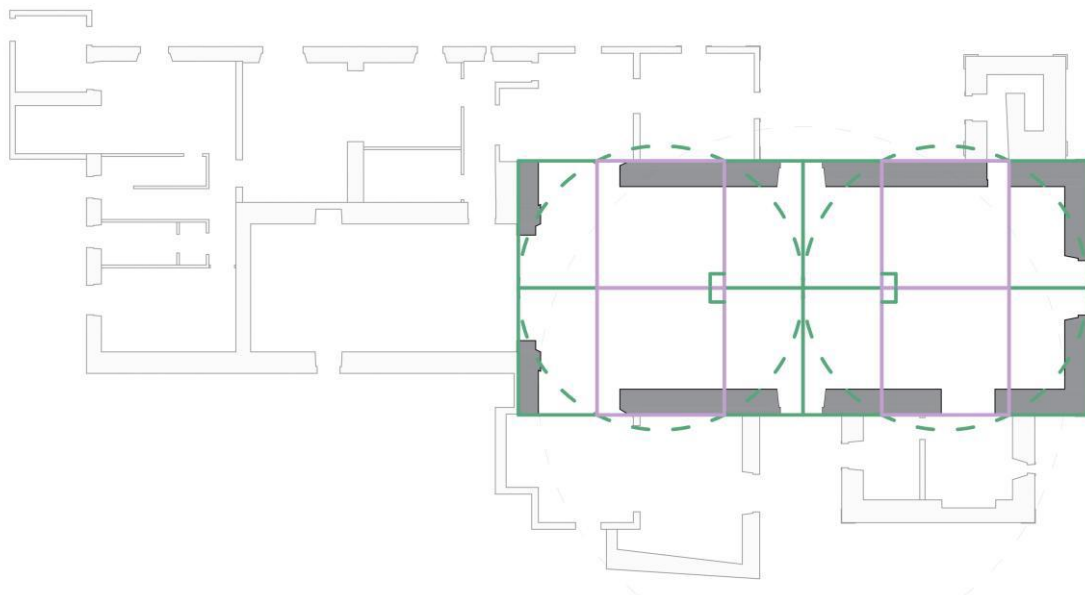


Fig. 9 - Superimposition of the modules in the plan of the Church of São Vicente Ferreira: ($2\sqrt{5}$ rectangle); Prepared by Vieira

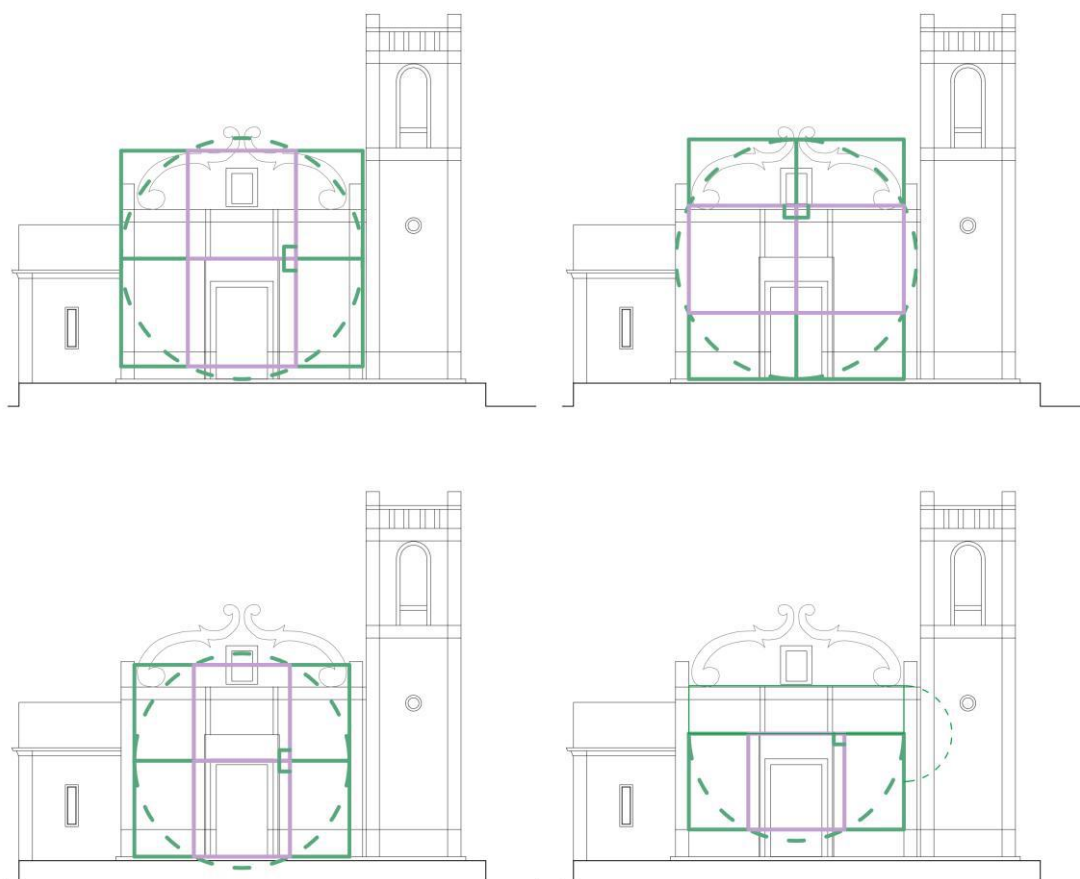


Fig. 10 - Modulation of the façade of the Church of São Vicente Ferreira; Prepared by Vieira

Referências Bibliográficas:

AVVA. - **Teoria da arquitetura: do Renascimento até aos nossos dias (Theory of Architecture: From the Renaissance to the Present Day)**. Köln: Taschen, 2003. ISBN 3822826936.

BORROMEO, Carlos - **Instructiones fabricae et supellectilis ecclesiasticae (Instructions for the Construction and Furnishing of Churches)**. Libreria Editrice Vaticana. 2000. (Obra original publicada em 1577).

BOUDON, Philippe - **Sur l'espace architectural: Essai d'épistémologie de l'architecture (On Architectural Space: An Essay in the Epistemology of Architecture)**. Éditions Parentlèses, 2003. ISBN 2-86364-621-4.

BENUTTI, Maria Antonia - **Proporções e Estruturas da Geometria Sagrada na Antiguidade (Proportions and Structures of Sacred Geometry in Antiquity)**. In **Revista Educação Gráfica**. Bauru (Brasil): FAAC - UNESP. vol. 12, n.º02, 2008 (CD-ROM). ISSN 2179-7374

CALDAS, João Vieira - **Pequeno ensaio sobre as igrejas de três naves do Nordeste (Short Essay on the Three-nave Churches of the Nordeste)**. In **Nordeste: São Miguel:**

Inventário do património imóvel dos Açores. 1ª ed. Angra do Heroísmo (Azores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, coord. Paulo Vilela Raimundo, 2011, pp.25-35. ISBN 9789726472636.

CALDAS, João Vieira - A matriz velha da Povoação e a sua fachada “micalense” (The Old Matrix of *Povoação* and Its “Micalense” Façade). In **Povoação: São Miguel: Inventário do património imóvel dos Açores.** 1ª ed. Angra do Heroísmo (Azores): Direcção Regional da Cultura: IAC- Instituto Açoriano de Cultura, coord. Paulo Vilela Raimundo, 2012, pp.39-46. ISBN 9789726472865.

CALDAS, João Vieira - A arquitetura religiosa do classicismo pós-tridentino (Religious Architecture of Post-Tridentine Classicism). In **História da Arte nos Açores (c.1427-2000).** 1ª ed. Angra do Heroísmo (Azores): Secretaria Regional da Educação e Cultura dos Açores, coord. Delfim Sardo, João Vieira Caldas e Vítor Serrão, 2018a, pp.249-301. ISBN 978-972-647-324-4.

CALDAS, João Vieira - A arquitetura religiosa do tempo barroco (Religious architecture of the Baroque Period). In **História da Arte nos Açores (c.1427-2000).** 1ª ed. Angra do Heroísmo (Azores): Secretaria Regional da Educação e Cultura dos Açores. coord. Delfim Sardo, João Vieira Caldas, Vítor Serrão, 2018b, pp.369-427. ISBN 978-972-647-324-4.

COHEN, Matthew – Proportion and Proportional Systems. Chap.1. In **Beyond beauty: reexamining architectural proportion in the Basilicas of San Lorenzo and Santo Spirito in Florence.** Linotipia Saccuman sr l, Vicenza, 2013, pp. 17-51.

COHEN, Matthew - Ten Principles for the Study of Proportional Systems in the History of Architecture. In **Proportional Systems in the History of Architecture: A Critical Consideration.** Chap.25, coord. Matthew A. Cohen e Maarten Delbeke. North America: University of Chicago Press, Leiden University Press, 2018. [Online]. Disponível em WWW: <<http://www.jstor.org/stable/j.ctv30hx40h>>.

FERNANDES, José Manuel – Barroco na arquitetura (Baroque in Architecture). In **Enciclopédia Açoriana,** DRAC, CEPCEP; UCP. 1999. [Online]. Disponível em WWW: <<https://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/Default.aspx?id=5946>>.

FERNANDES, José Manuel - **História Ilustrada da Arquitetura dos Açores (An Illustrated History of Architecture in the Azores).** Angra do Heroísmo (Azores): Instituto Açoriano de Cultura: Angra do Heroísmo, 2008. ISSN 978-989-8225-09-2.

GOMES, Paulo Varela – **O essencial sobre a arquitectura barroca em Portugal (The Essentials of Baroque Architecture in Portugal).** Lisboa: INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987.

HALES, Jonathan - Gothic Geometry in Two Hawksmoor Churches. In **Architectural Histories.** 12(1). 2024. pp. 1–30. DOI: <https://doi.org/10.16995/ah.10268>.

JORGE, Virgolino Ferreira - Arquitetura, medida e número na igreja de São João de Tarouca (Portugal) (Architecture, Measurement, and Number in the Church of São João de Tarouca (Portugal)). In **Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Amadeu**

Coelho Dias. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006, vol. 2, pp.367-385.

LARANJEIRA, Mateus - **São Salvador de Angra: uma catedral sebástica (São Salvador de Angra: A Seabastic Cathedral)**. Angra de Heroísmo (Azores): Instituto Açoriano de Cultura, 2008. ISBN 9789729213908.

MAIA, Joana - **A dimensão intrínseca: validade do conceito de proporção na arquitetura portuguesa a partir de meados do século XX (The Intrinsic Dimension: The Validity of the Concept of Proportion in Portuguese Architecture from the Mid-20th Century Onward)**. Coimbra: FCTUC Arquitectura - Teses de Doutoramento: Tese de Doutoramento em Arquitetura, apresentada ao Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. 2022. <https://hdl.handle.net/10316/105073>>.

MARCH, Lionel - **Architectonics of humanism: essays on number in architecture**. London: Academy Editions, 1998. ISBN 0471977543.

MCCAGUE, Hugh. - A mathematical look at a medieval cathedral. In **Math Horizons**. 10(4), 2003. pp. 10–13. DOI: <https://doi.org/10.1080/10724117.2003.11975187>.

OTTENHEYM, Konrad - Proportional Design Systems in Seventeenth-Century Holland. In **Architectural Histories**, 2(1): 10, 20 June 2014, pp. 1-14. DOI: <http://dx.doi.org/10.5334/ah.bj>.

PÁRAMO, Lorenzo Arias - Fundamentos Geométricos, metrológicos y sistemas de Proporción en la arquitectura altomedieval asturiana (siglos XIII y X) (Geometric and Metrological Foundations and Systems of Proportion in Asturian Early Medieval Architecture (8th–10th Centuries)). In **AEspA (Archivo Español de Arqueología)**. N.º 74, 2001, pp.233-280.

PEREIRA, José Fernandes – **Arquitetura Barroca em Portugal (Baroque Architecture in Portugal)**. 2ª ed. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, 1992.

PEREIRA, Paulo - **Arquitetura Portuguesa: História Essencial (Portuguese Architecture: Essential History)**. Lisboa: Temas e Debates, 2022.

PEREIRA, Miguel - **O traço divino: A geometria como instrumento de sacralização do espaço na igreja de Santa Maria Maior (The Divine Trace: Geometry as a Tool for Sacralizing Space in the Church of Santa Maria Maior)**. Universidade do Porto: Repositório da Universidade do Porto, 2015. Dissertação de Mestrado. [Em linha]. Disponível em WWW: <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/81110>>.

SERLIO, Sebastiano - **I sette libri dell'architettura (The Seven Books of Architecture)**. 1537.

SOUSA, Nestor de - Arquitetura Religiosa nos Açores: da expressão manuelina ao “estilo chão” (Religious Architecture in the Azores: From the Manueline Tradition to the “Plain Style”). In **III Curso de verão de história da arte**, 1990. (unprecedented).

SOUSA, Nestor de - *Arquitectura barroca nos Açores (Baroque Architecture of the Azores)*. In **Actas do I Congresso Internacional do Barroco**. Porto: Reitoria da Universidade do Porto, 1991. vol. 2, pp. 463-482.

TAVARES, Domingos - **Sebastiano Serlio: Tratadismo normative (Sebastiano Serlio: Normative Treatise Tradition)**. Porto: Dafne. 2013. ISBN: 9789898217240.

VIEIRA, Maria Antónia, SAMPAYO, Mafalda Teixeira de e CUNHA, João Alves da - *Uma tipologia de igrejas nos Açores. Uma particularidade de fachada na ilha de São Miguel e o estudo do seu sistema de proporção, nos séculos XVIII e XIX (A Typology of Churches in the Azores: A Façade Particularity on the Island of São Miguel and the Study of Its Proportional System in the 18th and 19th Centuries)*. In *Antologia de Ensaios. Laboratório Colaborativo: dinâmicas urbanas, património, artes IX – Seminário de investigação, ensino e difusão. coord. Paula André. DINÂMIA’CET-ISCTE /Iscte-Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2023, pp. 111-131.* <http://hdl.handle.net/10071/29421>.

VIEIRA, Maria Antónia - *Metodologia: Num processo de investigação em torno dos sistemas proporcionais das igrejas micaelense (Methodology: A Research Process on the Proportional Systems of the Churches of São Miguel)*. In **9ª edição do Colóquio Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos**, Lisboa: CIUL e ISCTE-IUL, 2024.

VIEIRA, Maria Antónia - *Análise Gráfica das Fachadas e das Plantas das Igrejas Açorianas: Estrutura e Proporções Arquitetónicas (Graphic Analysis of Azorean Church Façades and Plans: Architectural Structure and Proportional Systems)*. In **10ª edição do Colóquio Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos**, Lisboa: CIUL e ISCTE-IUL, 2025. [Em linha]. Disponível em WWW: <conferenceobject_98014.pdf>

WANG, Chaoran; HANN, Michael Andrew - *Serendipity? The Inspiration of the Medieval Masons in Cathedral Floor-plan Design*. In **The Design Journal An International Journal for All Aspects of Design**. 22:sup1, 2019, pp.1821-1840. DOI: 10.1080/14606925.2019.1594942.

WITTKOWER, Rudolf - **Architectural principles in the age of humanism**. London: Academy Editions, 1988. ISBN 0856708755.

Hans Scharoun – Escolas em Darmstadt, Lünen e Marl

Maria José Fernandes

Maria_Jose_Fernandes@iscte-iul.pt

Resumo: Nesta tese, com o título “Saber - Fazer - Relacionar - Ser, trans-(*formar*) o espaço educativo. Steiner, Scharoun e Neutra”, a reflexão recai sobre estes três arquitetos. Após análise sistematizada, defendemos que a sua relevância é vital para o estudo da arquitetura do século XX. Apesar de serem personagens de diferentes universos, a sua experiência prática e teórica caracteriza-se por uma "ética" intelectual paradigmática. Por vezes incompreendidos, relegados para um plano que não é condizente com as suas posturas e estaturas profissionais, tal como o seu grau de dedicação ao ofício. Outras vezes apenas estimados e glorificados em pequenos circuitos, mas não é algo que seja único na história da arquitetura. Poder-se-iam estabelecer um conjunto de analogias com as relações que alguns arquitetos ou não arquitetos tiveram com o meio académico, com a sociedade, ou com grupos instalados, mas não nos cabe fazer essa resenha histórica. Sabemos sim, que a história vai sendo (re)desenhada, (re)escrita, com graus de distanciamento, com reflexões, análises e espírito crítico condizentes com o legado que alguns autores nos deixaram.

Este ensaio apresenta Hans Scharoun (1893-1972), um dos arquitetos em estudo. A sua obra, expoente de um “tipo” de arquitetura Expressionista, atribui uma importância fundamental à pedagogia ao tratar o edifício escolar, não apenas como uma construção técnica, mas como um veículo para a aprendizagem e o desenvolvimento humano, com preocupações e valores que devem fazer parte da democracia.

Assim, os pontos centrais da sua abordagem aos espaços educativos são resumidos a seguir, a Escola como vivida, utilizada e usufruída, como Espaço de Vida e Democracia. Scharoun defendia que a escola deve transmitir uma "conceção de vida" baseada no princípio universal da democracia. Para ele, arquitetura e democracia são inseparáveis e devem colaborar para formar cidadãos livres. As suas escolas, tanto nas tipologias, como nas questões programáticas e funcionais rompem com o academicismo clássico e o "panótico" disciplinar, buscando criar "espaços do saber" que funcionem como uma obra total (obra de arte total), unindo programa, função e expressão formal.

Outra abordagem fundamental é a introdução do conceito de "Moradia Escolar" (Schülerwohnungen). Uma das inovações mais marcantes de Scharoun foi a criação de espaços que fizessem o aluno se sentir "em casa". Partindo deste ponto, organizou as suas escolas em "moradias" ou apartamentos para os alunos, agrupando as salas de aula em núcleos que promovem a identificação e o pertencimento.

Scharoun, ao rejeitar a ideia de escolas construídas por simples adição de salas tornava assim o edifício, um organismo, propondo que cada parte da escola fosse um órgão de um todo, colaborando para o funcionamento de um "organismo escolar".

Também salientamos neste curto ensaio, a importância das viagens como metodologia de aprendizagem, num aprender com o corpo, tomando o objeto arquitetónico e o seu contexto como matéria de sensações, de ambientes e de atmosferas. São os registos, também, qualquer que seja a sua tipologia, uma ferramenta e instrumentos de aprendizagem, de análise e de reflexão. Nas viagens está também incluída a visita ao vasto arquivo de Scharoun.

Palavras-chave: Hans Scharoun, Pedagogia, Escolas, Tipologias, Espaço, Viagens

Na investigação de doutoramento em curso, com o título “Saber – Fazer – Relacionar - Ser, trans-(*formar*) o espaço educativo. Steiner, Scharoun e Neutra”, a reflexão recai nestes três arquitetos, figuras cuja relevância defendemos que é vital para o estudo da arquitetura do século XX. Não obstante a sua proveniência de universos distintos, a sua experiência prática e teórica caracteriza-se por uma “ética” intelectual paradigmática. Rudolf Steiner, Hans Scharoun e Richard Neutra deixaram um legado que exige uma análise com o espírito crítico e o distanciamento condizentes com a história que vai sendo (re)escrita. Esta apresentação centra-se na obra de Scharoun, que idealiza o edifício escolar como um organismo vivo e um veículo para a cidadania democrática, mediando a relação harmónica entre o homem, a natureza, a técnica e a cultura.

Esta tese fundamenta-se também num entendimento sistémico e holístico inspirado pelo pensamento de Edgar Morin, procurando uma convergência interdisciplinar onde a arquitetura integra saberes diversificados para (re)pensar o habitar e a aprendizagem. Ao adotar os quatro pilares da educação – Saber, Fazer, Relacionar, Ser – e incorporando o paradigma da complexidade de Morin, a investigação valoriza as contradições e a incerteza como motores de conhecimento, propondo alternativas pedagógicas assentes na diversidade.

1- Darmstadt – “O Homem e o Espaço”, 1951

A publicação *Mensch und Raum. Das Darmstädter Gespräch 1951*, integrada na série *Bauwelt Fundamente*, constitui um documento fundador para a compreensão da arquitetura e do urbanismo no imediato pós-guerra europeu. Realizado em Darmstadt, apenas seis anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, o encontro e a exposição que lhe estiveram associados configuraram-se como um espaço de debate público e interdisciplinar, deliberadamente distante de fóruns estritamente técnicos ou profissionais.

Os cinco princípios orientadores das Conversas de Darmstadt — a centralidade das ideias sobre as personalidades, a abertura ao diálogo crítico, a rejeição de dogmatismos partidários, a recusa de soluções fechadas e a valorização da compreensão como objetivo último — estabeleceram um quadro singular de reflexão sobre a relação entre o homem e o espaço, num período marcado pela destruição material, pela crise cultural e por uma profunda sensação de “ausência de pertença” (*Heimatlosigkeit*). Neste contexto, o tema “O Homem e o Espaço” (Blundell Jones, 2013) não surge como mera abstração filosófica, mas como resposta direta à necessidade de repensar o habitar humano, a cidade e a arquitetura enquanto práticas éticas e culturais.

As intervenções de figuras como Martin Heidegger, José Ortega y Gasset, Rudolf Schwarz, Otto Bartning e Hans Scharoun expuseram posições distintas, mas convergentes na crítica a uma modernidade técnica reduzida a eficiência, funcionalismo e racionalidade instrumental. Heidegger, na conferência “Construir, Habitar, Pensar” devolveu ao termo “construir” o seu sentido originário de “habitar”, entendendo o homem como ser-no-mundo que só constrói porque já habita; Ortega y Gasset, por sua vez, problematizou a técnica como condição essencial do humano contemporâneo, advertindo para o risco de uma técnica autónoma, desligada de um projeto cultural e existencial.

A exposição associada ao encontro reforçou esta dimensão teórica ao articular retrospectiva histórica e projeção futura, desde a Colônia de Artistas de Darmstadt de 1901, até às obras-primas de Darmstadt propostas (os chamados *Meisterbauten*), entre os quais se destacou o projeto não construído de Hans Scharoun para uma escola em Darmstadt. Neste quadro, arquitetura e cidade deixam de ser entendidas como somatórios de objetos ou respostas funcionais isoladas, passando a ser concebidas como sistemas de relações, lugares de mediação entre indivíduo e comunidade, entre técnica, natureza e cultura. Para a presente investigação de doutoramento, *Mensch und Raum* constitui assim um referencial teórico indispensável, não apenas pela centralidade do debate sobre o habitar e o espaço, mas também por oferecer um campo privilegiado onde se cruzam filosofia, arquitetura e pedagogia, permitindo compreender de que modo projetos como as escolas de Hans Scharoun emergem de um pensamento profundamente enraizado numa visão humanista e crítica da modernidade.

2- Darmstadt – O Paradigma

A escola de Darmstadt (1951) possui uma importância seminal no percurso (Fig. 1) de Hans Scharoun, pois embora nunca tenha sido construída, serviu como o fundamento teórico e projetual para as suas escolas posteriores e como um manifesto da sua arquitetura “dita” orgânica aplicada ao ensino.

A importância desse projeto refletiu-se como um marco teórico e filosófico. O projeto foi apresentado na conferência de Darmstadt de 1951, um evento histórico que reuniu, como já referimos, intelectuais como o filósofo Martin Heidegger. Nesse contexto, o projeto de Scharoun dialogou com a famosa conferência de Heidegger, estabelecendo uma nova forma de “habitar o mundo” após a destruição da Segunda Guerra Mundial. Scharoun utilizou Darmstadt para propor uma arquitetura que respondesse às necessidades psicológicas e pedagógicas dos alunos, rompendo com os modelos disciplinares tradicionais. Embora não construída, como já salientámos foi pioneira ao fundamentar o projeto em questões de psicologia e pedagogia, com percursos interiores especializados para as artes e as ciências.

A rejeição do ângulo reto evitava simetrias rígidas, em favor de uma assimetria fluida, criando espaços que deslizam uns nos outros “como as nuvens” criando espaços que remetessem para a natureza.

Darmstadt consolidou o conceito de que o edifício escolar não deve ser construído por princípios aditivos (simples soma de salas), mas como um organismo vivo. No relatório explicativo do projeto, Scharoun afirmou que as partes da escola são “órgãos de um todo” que trabalham juntos para espelhar a essência da vida escolar. Essa visão orgânica permitiu que o espaço fosse pensado a partir da função social e do movimento dos estudantes, e não de uma vontade formal ou estilo pré-definido.

As suas reflexões sobre os espaços eram o resultado da análise e estudos sobre possíveis práticas pedagógicas inovadoras; o espaço educativo deve ser um local de encontro, liberdade e diversidade, onde a arquitetura atua silenciosamente na formação intelectual e social do indivíduo.

Nota-se um aprofundamento na relação com o contexto e com a natureza, o projeto de Darmstadt demonstrou um rigoroso cuidado com a definição do lote e a topografia, permitindo uma forte relação com o rio e o ambiente externo (Fig. 2). Scharoun desenhou

percursos interiores especializados e espaços auxiliares, integrando a aprendizagem prática ao ambiente construído.

A escola de Darmstadt tem uma relação intensa com o local e com o seu contexto, a entrada principal, situada estrategicamente, é ladeada por duas partes distintas, com formas que se adequam; a primeira, à administração, e a segunda, a espaços destinados para as artes e as ciências.

No exterior, a sul, situa-se uma construção destinada a exposições e eventos públicos, servindo de ponto de referência para um conjunto de salas.

Terá sido a torre um elemento de ancoragem com todo o contexto, pois permitiu uma relação com outras três torres nas proximidades. Situada num dos topos do edifício, encerra de modo poético a planta que se vai espraiando, de forma livre.

Em termos de implantação, a escola confina a norte com uma rua; a sul relaciona-se com o espaço aberto (zonas verdes); e a sudeste acompanha o curso sinuoso de um pequeno rio, que vai desaguar no lago. A relação da escola com o rio é realizada através de um passadiço, que se eleva ao longo do seu curso, terminando no lago.

Resumindo, o programa mostra uma escola dividida em vários sectores, correspondendo às diferentes fases de aprendizagem das crianças, sempre com espaços próprios ao ar livre, e proporcionando simultaneamente uma forma diversificada e individualizada. Para as crianças mais novas, o grupo de salas de aula destina-se a desenvolver através do jogo, a sua integração social e o desenvolvimento da sua consciência social através da convivência.

A escola de Darmstadt funcionou como o protótipo ideal que permitiu a Scharoun testar a validade da sua "metodologia de projeto orgânico", servindo de base direta para as consagradas escolas que ele viria a construir em Lünen (1955) e Marl (1960).

3- Lünen e Marl – Experiências

A *Geschwister Scholl* em Lünen (1955-62) ficou famosa pelas suas plantas irregulares que transformam a experiência espacial em algo rico em sensações e estados de ânimo (Fig. 3).

Aqui foram aprofundadas as questões da diferenciação por faixa etária; para as crianças menores, os espaços são desenhados de forma "nest-like" (como ninhos) e labirínticos, respeitando a natureza lúdica e curiosa da infância; para os alunos mais velhos, os ambientes tornam-se mais racionais e voltados para o pensamento abstrato, condizentes com as fases avançadas do desenvolvimento cognitivo.

Em Lünen é possível verificar que o projeto assume uma dimensão urbana (Fig. 4), relacionando-se com a cidade, mas formando também o seu próprio tecido (Genovese, 2001). Talvez nesta intervenção, a articulação entre as várias partes assumam uma forma mais complexa; uma linha dorsal que flui através de duas secções que permitem a inclusão de uma praça ou um pátio. Este último está organizado em torno de um quadrado, em que numa das extremidades se encontra um espaço de forma pentagonal e uma série de outros espaços, capazes de comportar uma série de eventos, numa fragmentação do próprio vazio. Com os respetivos espaços exteriores, as salas de aula apresentam uma configuração hexagonal, mas com uma composição escalonada, composta por uma zona

de entrada, um espaço auxiliar, um pátio (aberto ou fechado, conforme a característica da tipologia) e o espaço da sala de aula. Podemos caracterizar a sala como um fragmento que faz a transição e, simultaneamente, articula o espaço interior e exterior.

Destaca-se também, a relevância atribuída ao cromatismo e à acuidade com que é tratada a luz natural (Fig. 5). A primeira é notória pelo seu esquema de cores específico e pela colaboração de artistas no design dos ambientes para evocar diferentes estados de ânimo. Os percursos interiores são desenhados para serem ricos em sensações táteis e visuais.

Uma das marcas do arquiteto alemão é a relevância do "Espaço do Meio" (*Raum der Mitte*) como o coração da escola, onde a comunidade escolar se encontra, reforçando o ideal de uma educação para a democracia. O espaço central em projetos como a Escola em Marl-Drewer (1960-71) define-se como um auditório central em forma de concha, com 522 lugares, como o coração do edifício, ao redor da qual as unidades de ensino se distribuem, simbolizando a vida comunitária (Fig. 6).

Esta escola é uma construção de grande escala que inclui 20 salas de aula, ginásio e o grande auditório central. Por ser um edifício que evita posições fixas ou perspectivas únicas, não existe um ponto de observação ideal no hall principal, incentivando o aluno a explorar o espaço e as sobreposições arquitetônicas; é o exemplo máximo da sua capacidade de criar ambientes que respondem às necessidades específicas dos utilizadores.

Neste projeto confirma-se uma forte relação com a natureza e uma cuidada e rigorosa integração com o ambiente; a arquitetura procura associações com elementos naturais, sendo às vezes descrita como "naturesimultânea". No edifício de Marl, a natureza está presente fisicamente através de aquários, aviários em pátios de luz e herbários.

Recentemente, o edifício foi reabilitado e passou a servir como escola regional de música, reafirmando sua importância como ícone da arquitetura do pós-guerra.

Habitados à maneira de pensar e de projetar de Scharoun, estes espaços de ensino, apesar de uma fragmentação propositada, conseguem uma articulação interessante entre a parte e o todo (Fig. 7), com diferentes ambientes entre interior e exterior. As escolas são lugares de encontro entre os alunos, mas também espaços de convívio com a população, em que se encontram características de um mundo racionalista, mas também de um mundo orgânico.

4- Viagens, o (re)conhecimento do Lugar

As viagens foram ao longo do percurso de inúmeros arquitetos, um processo de profunda aprendizagem, não apenas da arquitetura propriamente dita, mas de aspetos sociais, culturais e artísticos relevantes, para se construir uma reflexão mais aprofundada sobre questões técnicas, construtivas e estéticas.

A literatura está repleta de obras paradigmáticas e de autores que se embrenharam em relatos de viagens e passeios, uns mais realistas, outros mais fantasmagóricos. De Júlio Verne a Raymond Roussel, passando por Italo Calvino, Fernando Távora e Le Corbusier. No nosso caso, as viagens fizeram, foram e fazem parte de uma metodologia de registo, aproximações e sensações relevantes para uma abordagem mais fenomenológica e até empírica dos objetos arquitetónicos, nas suas várias dimensões e contextos.

As várias viagens e visitas permitiram uma aprendizagem sobre habitar os espaços, uma abordagem que enfatiza a experiência sensorial e a percepção do espaço pelo corpo humano.

A primeira viagem foi realizada a Berlim, com o objetivo de fazer pesquisa no arquivo Hans Scharoun (Fig. 8), que integra um dos acervos mais importantes e extensos do Arquivo de Arquitetura da *Akademie der Künste*. O estudo realizado fundamenta-se não apenas na análise documental, mas também na experiência empírica obtida nas várias visitas diretas ao arquivo, que permitiram também manusear alguns originais de Scharoun.

Este acervo compreende aproximadamente 16.000 elementos arquitetônicos e mais de 1.000 desenhos e aguarelas, abrangendo 331 projetos de construção. No entanto, devido à fragilidade dos materiais e aos sinais de uso e armazenamento inadequado, uma parte significativa deste espólio necessitava urgentemente de medidas de conservação, para permitir a sua exploração acadêmica aprofundada.

Entre 2008 e 2011, a *Akademie der Künste* levou a cabo o projeto "Papier – Linie – Licht" (Papel – Linha – Luz), que visou a sistematização, conservação e digitalização de cerca de 5.000 elementos de 138 projetos. O trabalho incidiu particularmente na identificação de diferentes tipos de foto-reproduções, cujos materiais e estado de envelhecimento eram até então pouco conhecidos (Fig. 9). As técnicas de preservação incluíram o planeamento meticuloso para o alisamento de papéis enrolados, limpeza de superfícies, reparação de rasgos em papel vegetal e o acondicionamento em condições de arquivo controladas.

A análise técnica destes documentos revelou que Scharoun utilizava o desenho não apenas como representação, mas como uma ferramenta ativa no processo de planeamento, frequentemente adicionando anotações e correções em desenhos dos assistentes. O projeto destacou a importância de preservar tanto as obras construídas como as não realizadas, uma vez que as ideias que fluíram da mão do arquiteto permanecem vivas e relevantes no século XXI.

Em Berlim foram visitados inúmeros edifícios de sua autoria, seguindo-se numa outra viagem, a visita às emblemáticas escolas de Lünen (*Geschwister-Scholl-Gymnasium*) e Marl (*Haupt-und Grundschule Marl-Drewer Süd*). Estas visitas permitiram confrontar os registos teóricos e os planos preservados com a materialidade e a vivência espacial destes recintos educativos, consolidando a investigação sobre a importância do espaço pedagógico na obra de Scharoun. Dentro da vasta seleção de projetos de Scharoun, destacam-se como "ícones" da história da arquitetura as suas intervenções no âmbito educativo.

Foi também realizada outra viagem, a Estugarda, com o propósito de conhecer alguns edifícios relevantes de Scharoun, na tipologia de habitação unifamiliar e coletiva.

5- Discussões e Reflexões

O encontro em Darmstadt, realizado em 1951 sob o título "O Homem e o Espaço" (*Mensch und Raum*), é considerado um marco fundamental para a arquitetura do pós-guerra por ter promovido um diálogo profundo entre a filosofia e a prática arquitetónica.

Sobre a reflexão do "Habitar", Heidegger propôs uma mudança de paradigma: em vez de ver a construção apenas como uma técnica, ele defendeu que a arquitetura deve ser uma resposta à questão de como "habitar o mundo".

O encontro e, especificamente, os textos de Heidegger apresentados, tornaram-se fundadores para a teoria da arquitetura moderna e contemporânea, influenciando gerações de arquitetos na exploração da fenomenologia do espaço e da experiência sensorial do "habitar".

Realizado após a catástrofe da Segunda Guerra Mundial, o encontro serviu para analisar as características do território e discutir como os projetos de reconstrução deveriam ir além da mera funcionalidade técnica, para restaurar a dignidade humana. Pode-se afirmar que o encontro procurou e promoveu um diálogo interdisciplinar, reunindo personalidades de diversas áreas, promovendo uma convergência entre pensamento filosófico, arte e técnica.

A discussão após a comunicação de Heidegger foi presidida por Otto Bartning, que era o diretor da escola de arquitetura em Weimar após a Bauhaus ter sido transferida para Dessau e cujos projetos construídos em Berlim incluem habitação em Siemensstadt; a nós interessa-nos a intervenção que Scharoun teve neste encontro. Um conjunto de arquitetos apresentou projetos, principalmente escolas, destacando-se nomes como Max Taut, Dudok e o próprio Scharoun (Umpiérre & Quintana, 2012). Este último apresentou o projeto (não construído) para uma escola de ensino básico e secundário, em Darmstadt. A apresentação de Scharoun mostrou uma nova abordagem para a concepção de escolas, utilizando a psicologia e a pedagogia para responder a novas propostas educativas. Interessante é que, apesar do sucesso do Projeto, esta escola nunca foi construída.

Em Darmstadt podemos afirmar que o elemento agregador é o "caminho". Ele, simultaneamente conecta e comunica com os vários espaços pedagógicos, provocando uma escola "horizontal". A intenção foi criar um conjunto de espaços fragmentados, que permitam às crianças e jovens uma integração com o processo e o "modelo" de ensino e aprendizagem.

Scharoun utilizou o encontro para apresentar o seu projeto para a Escola de Darmstadt, que serviu de manifesto para o seu pensamento e considerações teóricas relacionadas com uma "concepção de vida". Para o arquiteto alemão, o espaço educativo tinha a responsabilidade ética de transmitir a "Escola como Manifestação Democrática" (Bartning, 1991), baseada no princípio da democracia, tratando o edifício como um organismo vivo que responde às necessidades psicológicas e pedagógicas do indivíduo. Em suma, Darmstadt representou o momento em que a arquitetura alemã tentou reencontrar a sua alma no pós-guerra, substituindo o funcionalismo rígido por uma visão orgânica e humanista do espaço construído.

Uns anos mais tarde, na conferência "Space and Environment of the School", Congresso da XII Trienal de Milão, em 1960, Scharoun apresentou os princípios-base de concepção dos seus edifícios escolares. Em 1956, cinco anos após o projeto de Darmstadt, foi desenhada a escola Geschwister em Lünen, e construída até 1962.

Tal como a escola de Darmstadt foi construída num só piso, mas assume uma planta mais compacta. A localização não lhe permitiu socorrer-se de elementos estruturantes no tecido

ou na malha urbana, dado que o terreno se situa num espaço suburbano. Esta singularidade permitiu-lhe estender a planta em todas as direções. Mas apesar desta fragmentação, Scharoun elaborou os seus espaços em torno da sala da assembleia. Mais uma vez os elementos assumem características particulares; o corredor como um itinerário, as salas também de forma hexagonal e o auditório com uma planta em leque. Este último destaca-se pela sua versatilidade: um pequeno teatro e cinema ou sala de concertos, mas também espaço de repouso. Mas não devia ser um espaço apenas para os alunos, o arquiteto alemão pretendia que fosse utilizado pela comunidade, tal como o ginásio e as oficinas. Esta decisão implicou localizações específicas para estes espaços, tendo em conta os seus programas e funções.

Pelas características organizacionais e programáticas, são as salas de aulas que constituem o elo mais importante do projeto. Estes espaços, como nos casos anteriores, diferem, tendo em conta os vários níveis de aprendizagem. Se para o primeiro ciclo são concebidas salas hexagonais irregulares, para o nível intermédio são mais arredondadas, e para as classes superiores são retangulares.

Em Darmstadt e Milão o arquiteto alemão explora um conjunto de pressupostos teóricos que explana nos seus projetos e edifícios educativos. Tece considerações sobre a vida e condição humana vivida em comunidade, em Democracia. Percebemos os seus anseios, as suas vontades e, principalmente, a sua ética perante o ser humano, fundamentada na diversidade e liberdade.

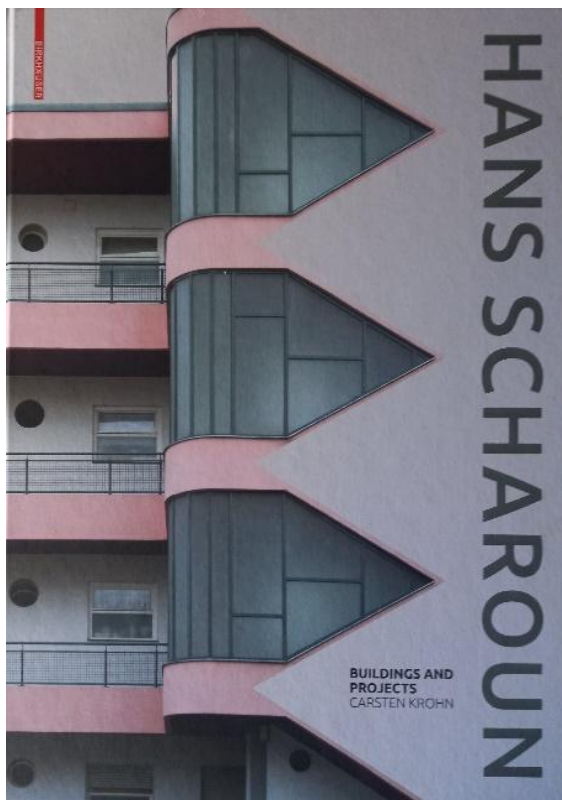


Fig. 1 – Capa do livro, “Hans Scharoun. Buildings and Projects” - Hans Scharoun, 2018.

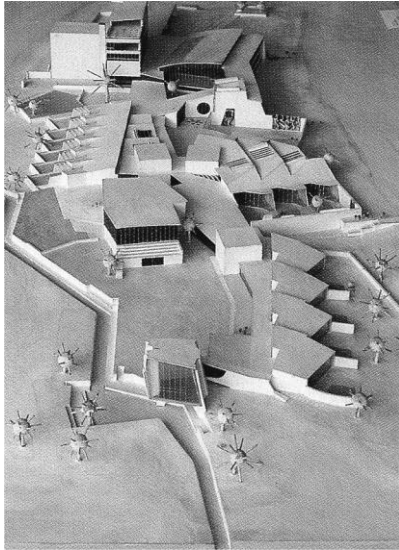


Fig. 2 – Maqueta da vista este, Escola em Darmstadt - Hans Scharoun, 1951.



Fig. 3 – Vista dos espaços exteriores, Escola em Lünen, 1955-62.



Fig. 4 – Vista dos espaços exteriores, Escola em Lünen - Hans Scharoun, 1955-62.



Fig. 5 – Vista de sala de aula, Escola em Lünen - Hans Scharoun, 1955-62.



Fig. 6 – Planta do piso térreo, Escola em Marl – Hans Scharoun, 1960-71.



Fig. 7 – Vista interior do átrio da Escola em Marl – Hans Scharoun, 1960-71.



Fig. 8 – Akademie der Künste, Hans-Scharoun-Archiv, Spandauer Damm 19, Berlin-Charlottenburg-Wilmersdorf.



Fig. 9 – Akademie der Künste, Hans-Scharoun-Archiv, vista interior da sala de consulta, Spandauer Damm 19, Berlin-Charlottenburg-Wilmersdorf.

Índice de Imagens

Fig. 1. Capa do livro, “Hans Scharoun. Buildings and Projects” - Hans Scharoun, 2018.

Fig. 2. In Umpiérre, M. O.; Quintana, L. M. (2012) Los proyectos presentados a la Conferencia de Darmstadt.

Fig. 3. In Krohn. C. (2018) Hans Scharoun. Buildings and Projects. Basel: Birkhäuser. pág. 134.

Fig. 4. Fotografia da autora - novembro, 2012.

Fig. 5. Fotografia da autora - novembro, 2012.

Fig. 6. In Krohn. C. (2018) Hans Scharoun. Buildings and Projects. Basel: Birkhäuser. pág. 155.

Fig. 7. Fotografia da autora - novembro, 2012.

Fig. 8. Fotografia da autora - novembro, 2011.

Fig. 9. Fotografia da autora - novembro, 2011.

Referências bibliográficas:

Bartning, O. (Ed.). (1991). *Mensch und Raum: Das Darmstädter Gespräch 1951* (Neuausg.). Vieweg. (Bauwelt Fundamente, Vol. 94)

Blundell Jones, P. (2013). *A forty year encounter with Hans Scharoun (Commentary on the submission of a PhD by publication)*. School of Architecture, The University of Sheffield.

Bürkle, J. C. (1993). *Hans Scharoun*. Birkhäuser.

Delors, J., et al. (1996). *Educação: um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. UNESCO.

Expressionist architects: Rudolf Steiner, Erich Mendelsohn, Hans Scharoun, Henry van de Velde, Bruno Taut, Hans Poelzig, Otto Bartning. (2010). Books LLC.

Geist, J. F., Kürvers, K., & Rausch, D. (1993). *Hans Scharoun: Chronik zu Leben und Werk*. Akademie der Künste.

Genovese, P. V. (2001). *Hans Scharoun: Scuola a Lünen* (Universale di Architettura, Vol. 89). Testo & Immagine.

Glück, E., Brückle, I., & Barkhofen, E.-M. (Eds.). (2012). *Papier – Linie – Licht: Konservierung von Architekturzeichnungen und Lichtpausen aus dem Hans-Scharoun-Archiv [Paper – line – light: The preservation of architectural drawings and photoreproductions from the Hans Scharoun Archive]*. Akademie der Künste.

- Heidegger, M. (1958). *Essais et conférences*. Éditions Gallimard.
- Krohn, C. (2018). *Hans Scharoun: Buildings and projects*. Birkhäuser.
- Morin, E. (2003). *Introdução ao pensamento complexo* (4.^a ed.). Instituto Piaget.
- Morin, E. (2002). *Os sete saberes para a educação do futuro*. Instituto Piaget.
- Pfankuch, P. (Ed.). (1974). *Hans Scharoun: Bauten, Entwürfe, Texte*. Berlin: Akademie der Künste.
- Umpiérre, M. O., & Quintana, L. M. (2012). *Los proyectos presentados a la Conferencia de Darmstadt*. Escuela Técnica Superior de Arquitectura.
- Akademie der Künste. (n.d.). *Hans-Scharoun-Archiv* [Arquivo]. Akademie der Künste, Berlin.

Do Projeto Comum da Habitação. O Tema da Racionalidade no virar da Década de 70: Investigação Técnica e à Prática Experimental

João Carlos Almeida Gaspar
jcagr@iscte-iul.pt

Resumo: Portugal combina hoje uma emergência habitacional com uma descapacitação do sector da construção e uma ausência de debate conceptual e técnico sobre como construir habitação. Este cenário é o resultado de décadas de desinvestimento em habitação que desmantelaram a capacidade produtiva e relegam o debate crítico para as margens da disciplina. A urgência desta crise exige que não só a disciplina se recentre em torno da questão habitacional como todo o sector associado à produção habitacional se recapacite para dar resposta à dimensão das necessidades. Para tal é essencial que a disciplina não esqueça o património operacional da construção da cidade habitacional que precedeu o período de esvaziamento das últimas décadas.

Neste artigo é revisitado o momento de virar de década de 70, um contexto particularmente rico na problematização da operacionalidade da arquitetura de habitação, aqui abundam experiências e estudos que procuravam – com reconhecido ímpeto - transformar a disciplina e do sector. Uma transformação que teria por base um esforço de ampliação da capacidade construtiva com vista a dar resposta à grave crise habitacional da altura. São analisados em detalhe dois estudos desenvolvidos pelo LNEC –*Funções e exigências de áreas da habitação* (Portas, 1969b) e *Racionalização do processo de projecto: coordenação dimensional modular: princípios e aplicações*. (G. S. Byrne, 1970). Trabalhos de grande rigor e síntese, que se propunham como guias de projeto e de processo. O primeiro com o objetivo de definir áreas mínimas de habitação, que informaria tanto o projeto como a política habitacional; o segundo que estuda a disciplina da coordenação modular e propõe um sistema a adotar tanto pelo projetista como pelos fabricantes e construtores que permita o processo eficiente de produção de construção modular industrializada.

Complementariamente à análise destes documentos é apresentado sumariamente o caso de estudo do conjunto habitacional conhecido como “Pantera Cor-de-Rosa” (1971-1974) em Chelas, com o foco na componente experimental, diretamente relacionado com os estudos de Gonçalo Byrne e de António Reis Cabrita, autores simultaneamente do projeto do edifício e de investigações do LNEC.

Como conclusão são ensaiadas algumas pontes com a contemporaneidade procurando reflexos deste capital operativo em projetos recentes que exploram também, por vias experimentais, formas de racionalização e sistematização dos processos produtivos de habitação. São ainda convocados dois casos contemporâneos que toma a questão da aproximação experimental à indústria com vista a proposição de novas soluções de produção, incorporando as condicionantes no desenho arquitetónico.

Palavras-chave: Habitação; Experimentalismo; Racionalidade; Investigação em Arquitetura

1 - Introdução

O presente artigo insere-se num trabalho de investigação de tese de doutoramento que propõe a revisita **ao capital operativo de propostas experimentais de arquitetura de habitação colectiva** da década de 70. Esta investigação decorre de uma bolsa promovida pela Casa da Arquitetura e centra-se nas **experiências laboratoriais de habitação colectiva** de três arquitetos: Gonçalo Byrne, Manuel Correia Fernandes e Pedro Ramalho cujos espólios estão depositados no arquivo da Casa da Arquitetura. A escolha destes três arquitetos decorre da relevância que a sua prática experimental teve na transformação do paradigma da cidade habitacional daquela década. A análise à sua obra é feita sob uma matriz temática com o objetivo de identificar ferramentas operativas de arquitetura. Os temas apurados são identificados entre as questões da habitação contemporânea e relacionam-se com o carácter experimentalista dos diferentes casos de estudo, os temas são: **Racionalidade**, em que se abordam as questões da industrialização, da modulação, do espaço mínimo e da eficiência construtiva; **Colaboração** – em que convocam as problemáticas da participação, da coabitação e do acesso alternativo ao mercado da habitação; **Bricolage Urbana** – em que se exploram as questões da transformação, da reciclagem e da reabilitação. A análise do capital operativo de cada caso de estudo é depois cruzada com experiências contemporâneas e avaliada a sua potencialidade de informar práticas presentes.

Neste artigo é feita uma incursão de detalhe no tema da racionalidade, percorrendo literatura fundamental para descodificar o trabalho dos três autores, resultante de investigações técnicas realizadas no LNEC entre 1969 e 1972. Para além da introdução e da conclusão, o artigo divide-se em 5 pontos. O ponto 2 que faz um enquadramento da questão da habitação no virar da década de 70, quando um conjunto de acontecimentos coloca a questão da precaridade habitacional no foco público e mediático e desencadeia uma série de transformações, entre as quais um esforço comum de racionalização e de industrialização da construção. O ponto 3 visita a investigação *Funções e exigências de áreas da habitação*, da autoria do arquiteto Nuno Portas, dedicada à definição de áreas habitacionais mínimas com o objetivo de informar tanto o projeto como as políticas habitacionais. O ponto 4 visita a investigação *Racionalização do processo de projecto: coordenação dimensional modular: princípios e aplicações*, de Gonçalo Byrne, que propõe uma sistematização de dimensões modulares a adotar no projeto, fabrico e construção. O ponto 5 visita de forma condensada outros dois estudos, um de António R. Cabrita sobre a comunicação do projeto à obra e um de Alexandre A. Costa sobre a sistematização da escolha de esquemas do fogo. O ponto 6 olha de forma sintética para um dos casos de estudo – o conjunto Pantera Cor-de-Rosa de G. Byrne – onde se assinala o carácter experimental e a aplicação dos princípios das investigações citadas. Estes estudos analisados – e o seu reflexo em práticas experimentais - terão ficado aquém do objetivo transformador do paradigma da produção de habitação revelam, no entanto, um importante esforço de sistematização e de estruturação de todo o processo construtivo sendo hoje um testemunho do Projeto Comum - político, conceptual e técnico – de dar resposta às exigências da questão habitacional daquela época.

2 - A questão habitacional no virar da década de 70

No final da década 60 o problema da habitação urbana assume um lugar central na agenda pública portuguesa. As **cheias de Lisboa em 1967**, conjugadas com a precaridade habitacional, causaram a morte de centenas de pessoas. Esta foi a pior catástrofe na região de Lisboa desde o terramoto de 1755, no entanto, “não houve nenhum tremor de terra, foi apenas chuva, muita chuva”(Roseta, 2024). O fenómeno meteorológico não causou

mortes em zonas consolidadas da cidade, mas sim em áreas limítrofes onde existia muita habitação precária de construção clandestina. Este é momento em que Helena Roseta reflete como o despertar da consciência de que “a habitação pode fazer a diferença entre a vida e a morte”(Roseta, 2024).

Em 1969, Nuno Teotónio Pereira na sua intervenção intitulada “**Habitações para o maior número**” (Pereira, 1969) descreve não apenas uma carência de fogos, mas uma crise profunda do modelo de crescimento urbano, uma generalização da precaridade, um desajuste económico estrutural. O autor cita estudos do III Plano de Fomento em que “90% da população portuguesa não auferir rendimentos suficientes para pagar a renda de uma habitação mínima” (Pereira, 1969). Este diagnóstico fundamenta a necessidade de mudar de paradigma para um em que a responsabilidade pública devesse ser reforçada, em que habitação devesse ser acessível economicamente e para tal argumenta que “*a construção de habitações para o maior número exige o recurso a processos de racionalização e de industrialização da construção.*”(Pereira, 1969)

O Ministério das Obras Públicas no mesmo ano organiza o **Colóquio de Políticas da Habitação** (Figura 1) no Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC). O relatório final aponta as implicações estruturais da habitação ao nível do planeamento, financiamento e propõe adaptações à estrutura orgânica do estado. Propostas que viriam a ter repercussões efetivas, designadamente na orgânica do Fundo de Fomento à Habitação (FFH) recém-criado. No ponto 5.5 “refere-se como reconhecidamente necessário, o fomento da racionalização da indústria da construção que vise o aumento da produtividade e a redução de custos de execução.”(Fernandes et al., 1969: 31), recomendado o estudo das medidas operacionais a adotar assim como o fomento de iniciativas de industrialização da construção.

É neste contexto, com Nuno Portas enquanto diretor da Divisão de Arquitetura, que o LNEC promove um conjunto de trabalhos de investigação “tendente à melhoria de conceção de habitação urbana em geral e neste, em particular, do sector com finalidade social.”(Portas, 1969: 7). Muito dessa investigação é focada na criação de instrumentos de **racionalização e sistematização** do projeto e do processo produtivo de habitação. Realça-se a centralidade do campo disciplinar da arquitetura neste plano de estudo, como veremos são repetidas as preocupações com os modos de vida, as necessidades “psicossomáticas”, as questões de composição e qualidade arquitetónica. Um facto indiciador da questão da habitação no centro da arquitetura, e da arquitetura no cerne da mudança de paradigma da questão da habitação.

3 – A questão do espaço mínimo

Nuno Portas no seu estudo *Funções e exigências de áreas da habitação* é levantada a necessidade de contruir conhecimento das necessidades humanas (física, psicológicas e sociais) para informar tanto o projeto como a política de habitação. Identifica a principal dificuldade de tais estudos na necessidade de previsão da evolução económica e cultural constante, o que implica “novos processos de análise baseados na observação e experimentação”. Essa dificuldade é inerente ao objetivo **de definir os “standards” ou níveis (mínimos) de habitabilidade admissíveis para um dado estágio de evolução**” (Portas, 1969: 2) levando à necessidade de traçar pontes para estados mais prováveis de evolução. Este tema é explorado em maior detalhe no capítulo 4 que se debruça sobre os

desafios da evolução social identificando os eixos de transformação¹. A questão da definição do mínimo de habitabilidade é abordada no segundo capítulo, esclarecendo que as **exigências físicas das atividades ultrapassam as da mecânica das ações e incluem exigências psicossomáticas** que se não forem atendidas “podem causar insatisfação e perturbações, mesmo quando se dispõe do espaço mínimo necessário para o desenrolar de uma dada atividade” (Portas, 1969: 7)². É também atestado que, ainda que baseadas em áreas mínimas, o custo correspondente às habitações desenvolvidas com base neste estudo representa um enorme desnível face à capacidade das famílias a que se destina, diagnóstico em linha com o diagnóstico apresentado por N. T. Pereira. O autor sintetiza a definição de espaço mínimo **“conjunto das condições abaixo das quais a habitação concorreria com a probabilidade significativa, para restringir o grau de desenvolvimento individual ou do grupo que a sociedade já permitiria uma dada fase da sua evolução”** (Portas, 1969: 8) Aproximando-se da preposição estatística de que “a realização de uma dada função da habitação, que dependa do espaço físico e das características da envolvente, parece fazer-se segundo uma curva de satisfação provável evidenciando uma brusca subida com incrementos relativamente pequenos” (Portas, 1969:8) (Figura 2).

O capítulo 3 prossegue com uma visita à evolução dos mínimos das políticas habitacionais, de onde salientamos a nota de que “se constatou a necessidade de tomar como área útil mínima de uma habitação durável, não evolutiva, um número da ordem dos 70m²”. O capítulo 5 apresenta uma proposta de aplicação das áreas mínimas procedendo-se também a uma comparação com outras normas internacionais. Também neste capítulo é apresentado o quadro-síntese (Figura 3) das áreas mínimas decomposto em dois estádios ou categorias de habitabilidade decomposto por tipos definido pela relação de número de quartos e de ocupantes.

Segue-se a segunda parte em que a análise das diferentes funções da habitação³ é sistematizada em fichas com a fundamentação das áreas mínimas. Em cada ficha são abordadas as questões de Programa – focado nos dados das necessidades atuais e previsíveis, materializados em exigências mínimas daí decorrentes; e as questões de Projeto – exigências de ambiente a “atender na resolução” das necessidades de programa. Não obstante do interesse de cada uma destas fichas no presente artigo apresentamos apenas uma revisão de uma destas funções a fim de retratar o perfil operativo do documento. A título ilustrativo olhamos para a função (1) Dormir. Quanto ao Programa é definido o âmbito, “da acção de reouso dos indivíduos e actividades conexas”, naturalmente associado ao quarto, que normalmente incorpora outras funções⁴. Somando mais alguns detalhes técnicos chegamos ao programa de equipamento (figura 5) da qual

¹ Os eixos de transformação apontados são: o papel da mulher na casa, a intensificação da vida ativa no lar e um novo equilíbrio entre privacidade e vida de relação.

² Relacionado com este fator é identificada a dificuldade da articulação do conjunto de atividades em se somam as questões de privacidade e de “representação valorativa” inserindo a atitude em relação à casa num contexto mais complexo. Esta relação justifica que “em condições muito precárias de vida, ou em períodos de emergência, a dotação de espaço habitável se possa encontrar substancialmente reduzida sem que chegue a constituir motivação direta de eventuais comportamentos patológicos” (Portas, 1969: 7). Este argumento, na opinião do autor, autorizaria, mediante certas precauções o recuso a soluções de habitat evolutivo.

³ As fichas organizam-se pelas seguintes funções/ conjunto de funções (Figura 4): (1) Dormir; (2) Alimentação-preparação; (7) Actividades particulares-recreio; (13) Higiene; (14) Permanência em exterior; (15) Separação-comunicação de zonas; (16) Arrumos interiores, e naquelas que permitem análise conjunta, (3 e 4) Alimentação – refeições, “correntes” e “especiais”; (5 e 6) Estar – Reunião e Recepção; (8 e 9) Actividades particulares – estudo ou de outro trabalho; (10, 11, 12) Tratamento de Roupas – passar-costura, lavagem e secagem.

⁴ Como seja: (7) Recreio – crianças; (8) Estudo – jovens; (9) Trabalho – adultos

resultam necessidades de espaço (figura 6). Quanto ao ponto do Projecto, a ficha enumera as condições gerais: a) “condições de zona íntima”; b) conforto acústico; c) obscurecimento total; d) penetração solar, de preferência matinal; e) contacto visual com o exterior. A tradução das exigências do programa em área mínima resulta numa área de dormir por ocupante superior a 4,75m², dependente do tipo de divisão que se adote, da definição do equipamento base e da compartimentação desta zona na área útil (figura 7 e 8). Analisam-se ainda as “exigências de articulação” que convocam a necessidade de privacidade e isolamento, de se agregar com as instalações de (13) higiene, de acesso próprio, a possibilidade de utilização diferente entre outras atribuições de cariz fortemente espacial e de modos de habitar⁵. O padrão de sistematização das exigências e áreas mínimas é repetido para todas as funções ou grupos de funções. Dependendo da especificidade de cada uma existem notas particularmente interessantes como seja a da cadeia de operações no espaço da função (2) Alimentação- Preparação (figura 9). Este documento terá tido uma repercussão relevante à época, nas entrevistas realizadas no âmbito da tese a arquitetos com obra relevante nesta época – Pedro Ramalho; Manuel Correia Fernandes e Gonçalo Byrne todos o referem como guia de trabalho.

4 – Processo de Projecto – a coordenação dimensional modular

Parte do mesmo plano de estudo analisamos aqui o estudo *Racionalização do processo de projecto : coordenação dimensional modular: princípios e aplicações*. (Byrne, 1970). O capítulo introdutório caracteriza a disciplina da coordenação dimensional modular e a sua transversalidade fabrico-projecto-montagem. Nota que se trata de uma disciplina “em aberto, cujos princípios foram lançados há cerca de 35 anos, procurando desde então uma crescente adaptação”(Byrne, 1970: 5). Expõe as necessidades deste tipo de conhecimento face ao incremento da produção e emprego de elementos de construção produzidos industrialmente assim como as vantagens que traz a nível de rendimento, reduzindo o tempo de construção, simplificando as operações.

O autor enquadra o **problema da racionalização da construção em Portugal**, que tem sido retardada tanto pela indústria com a “pulverização de pequenas empresas com baixos índices de mecanização”, “a não garantia da continuidade da procura” e as “carências da mão-de-obra”; como pelos projetistas: “pouco abertos a uma comunicação com aquele sector, ou mesmo entre si” e “desligados das necessidades dos futuros utentes” ou “produzindo projectos para obra em que abundam lacunas, desarticulação ou sobreposição de funções”. O documento identifica a necessidade de reconversão da construção tradicional através da adoção de uma “base de coordenação modular”. Para tal reconversão são sugeridas medidas como a criação de uma “entidade normalizadora” a nível nacional ou a introdução no ensino profissional e universitário dos princípios e os métodos de aplicação da coordenação modular. É clarificado o objetivo de “abrir uma generalizada discussão de base que permita, pela intervenção activa dos profissionais ou entidades, estabelecer uma plataforma comum de acção no domínio da coordenação modular.” (Byrne, 1970: 7) O segundo capítulo dedica-se à definição da problemática do módulo. São definidos os termos do estudo com um número associado⁶. O primeiro passo

⁵ Tema do estudo de Alexandre Alves Costa “*Racionalização de soluções da habitação: análise e selecção de esquemas*” do fogo citado mais à frente

⁶ 1. Módulo; 2. Módulo base; 3. Multi módulo; 4. Submódulo; 5. Dimensão; 6. Dimensão Base; 7. Dimensão modular; 8- Dimensão multi-modular; 9. Dimensão sub-modular; 10 Dimensão preferencial; 11. Coordenação modular; 12. Coordenação modular.

para a adoção de um sistema dimensional modular é a “escolha do módulo base”⁷, denominador comum de todas as grandezas que interessam à coordenação, aqui fixado em M=10cm. O capítulo 3, debruça-se sobre a **aplicação da disciplina modular ao projeto**, também aqui articulando conceitos de nomenclatura própria⁸ num método de trabalho que parte da definição dos módulos e da escolha das coordenadas de referência para os grandes elementos (paredes estrutura, escadas etc.) e sequentemente progride para os elementos parciais da construção adotando malhas modulares adaptadas (figuras 10 e 11). É apresentado um conceito operacional que resulta da utilização de planos chave, horizontais e verticais, tangentes aos grandes elementos (paredes, pilares, pavimentos, etc) nas superfícies acabada definindo aquilo que se designa por zona, articulada com os conceitos de espaço utilizável, linhas de controle, dimensões de coordenação. (figura 12). Este capítulo acaba com um conjunto de recomendações na comunicação de projecto que procura evitar sobreposições desnecessárias e facilitar a comunicação entre as partes fazendo referência que tal processo é objeto de estudo no LNEC⁹. No capítulo 4, o autor explora a aplicação das dimensões modulares nos elementos, fazendo a mesma revista de termos (figura 13). São detalhados os princípios gerais, sendo que no elemento modular nem todas as dimensões são passíveis de ser modulares, daí a importância das dimensões gerais de coordenação, o que para um vão, a título de exemplo, significa a dimensão do aro+tolerância, sendo que as restantes serão necessariamente não modulares (figura 14). O capítulo 5 debruça-se sobre a aplicação da teoria modular à construção. Aqui são identificados os diferentes elementos da construção propondo uma sistematização do dimensionamento modular. A título de exemplo, para lajes de pavimento devem ser escolhidos entre valores de 3M; 6M ou 5M, co caso de vãos, portas e janelas é proposto um quadro de dimensões preferenciais compatível com as exigências genéricas de fenestração na habitação (figura 15). O último ponto deste capítulo aborda o posicionamento modular dos elementos da construção, que na sua relação com a estrutura resistente estabelece dois métodos: o Método 1: em que algumas linhas coincidem com a malha modular de referência com eixo nos principais elementos de construção, permitindo manter a distância entre eixos modular, mas podendo gerar espaços interiores não modulares. (figura 16) ; e o Método 2 em que se faz coincidir algumas linhas da malha com as faces dos mesmos elementos. Podendo produzir distâncias entre elementos não modulares, mas produzindo espaços entre elementos modulares (figura 17). O documento conta ainda com dois anexos: anexo I - em que se faz um estado da arte sobre o tema, documento em si de grande interesse, que traça uma breve história da coordenação dimensional desde 2000a.c.; o anexo II – em que reúne um “glossário internacional de termos próprios à coordenação modular” e o anexo III com a bibliografia sobre coordenação modular. Elementos essenciais para a compreensão do contexto do estudo no entanto laterais ao presente artigo.

5 – Outros estudos

Provavelmente integrantes do mesmo plano de estudos que Nuno Portas, visitámos outros dois documentos: 1 - “*Organização de projectos de edifícios: método e modelo do*

⁷ “Módulo base – M: módulo fixado, por acordo, em 10cm usando a coordenação de dimensões dos elementos e das construções” fixado em Agosto de 1955 na Reunião de Munique da A.E.. e também adotado na Norma Portuguesa NP 88 1956

⁸ Sobre o “1. sistema de coordenadas de referência” são adoptadas diferentes malhas: 22. Malha de referência”; “3. Malha modular base”; “4. Malha modular”; “5. Malha de Projecto”; “6. Malha modular de projecto”. Outros conceitos desta aplicação são “7. Módulo de projecto; 8. Módulo de estrutura; 9. Planos principais; 10 Zona; 11. Linha de referência; 12. Dimensão e coordenação; 13. Medida.

⁹ referindo-se, presumivelmente ao “*Projecto de Comunicação à Obra*”, desenvolvido por António Reis Cabrita, à frente citado

projecto de comunicação à obra PCO - modelo do PCO “ (Cabrita, 1972). Nesta obra o autor propõe um modelo de comunicação do projeto alternativo ao tradicional, que passa por desintegrar a informação “de tal modo que possa ser re-arrumada de acordo com a(s) logica(s) da produção”(Cabrita, 1972:8). Argumentando que a estrutura e complexidade do projeto corrente não corresponde à complexidade das operações construtivas necessárias, mas antes à imagem acabada da obra. O autor analisa os criticamente o processo de comunicação do “Projecto de Execução” corrente apontando diversas falhas de ausência de controle da informação, falta de rigor nos diferentes critérios, falta de adaptação ao evoluir da obra entre outras. A resposta possível às dificuldades diagnosticadas é proposta através de um “modelo de substituição” que permita uma “crescente racionalização do modo de projectar” (figuras 18 e 19). 2 - *Racionalização de soluções da habitação: análise e selecção de esquemas do fogo.*(Costa, 1966). Esta investigação é em muito complementar à investigação de Nuno Portas, aqui A. Alves Costa procura sistematiza processos e métodos de avaliação e selecção de esquemas de fogo, chegando a ensaiar um tratamento automático da informação, através da relação lógica entre exigências funcionais, interligações e a organização do fogo. (figuras 20 e 21).

Os dois estudos analisados – o de Nuno Portas e de Gonçalo Byrne – e estes outros apenas citados – de António Reis Cabrita e de A. Alves Costa – são apenas uma amostra que procura retratar um momento de **refundação dos princípios operacionais da arquitetura habitacional**. No panorama geral da tese estes documentos serão aprofundados e serão exploradas as experiências que compunham este movimento de racionalização do projeto, do processo e da obra – como é o caso do Plano integrado de Guimarães (1971-1981) de Pedro Ramalho ou o conjunto habitacional conhecido por Pantera Cor de Rosa (1972-1979) dos arquitetos Gonçalo Byrne e António Reis Cabrita, do qual aqui trazemos algum enquadramento e relação com estas investigações.

6 – A prática experimental – o caso da Pantera

O conjunto da Pantera Cor de Rosa (Figuras 22 a 25) insere-se num legado de experiência arquitetónicas que urbanas que pode ser traçado até ao sucesso da urbanização do sítio de Alvalade em 1945 que se tornou “numa base credível para as experiências que surgiram em continuidade”(Tavares & Duarte, 2018). Estas grandes operações são Olivais Norte e Olivais Sul e Chelas. No caso de Chelas foram-se sucedendo diversos planos propondo diversas visões de cidade, sendo a versão edificada a desenvolvida nos inícios da década de 60 pelo **Gabinete Técnico de Habitação**, adotando uma estrutura linear, que pretendia organizar ao longo dos principais eixos viários zonas de “vida urbana intensa. Estes eixos concentravam vários usos e equipamentos assim como habitação de categoria elevada”, partir destes foram estruturadas 5 zonas habitacionais (I,J L,M N) e o núcleo de equipamento (O)(GTH, 1965). Em 1969 com a criação do **Fundo de Fomento à Habitação** a edificação do plano de urbanização de Chelas ganha novo folgo e surge a encomenda para o conjunto dos lotes 222 a 229 da zona N2 do Plano de urbanização de Chelas. A encomenda é feita ao arquiteto Nuno Teotónio Pereira que com a sua a prisão política deixa aos colaboradores Gonçalo Byrne e António Reis Cabrita à frente do projeto e onde se reverteriam as investigações que ambos realizaram no LNEC a convite de Nuno Portas.

O projeto revela a nível urbano, uma alternativa à visão do plano de Chelas, procurando através da implantação dos edifícios definir uma estrutura urbana de forma a “*criar uma sequência de espaços através de elementos urbanos estruturantes: circulação viária,*

praça, quarteirão, rua interior pedonal e pontes de ligação entre edifícios (Byrne, n.d.). Os 382 fogos de categoria II¹⁰ do GTH são organizados numa **megaestrutura**¹¹ de escala urbana. Os próprios edifícios integram elementos do vocabulário urbano, com as galerias e os volumes das escadas a prolongarem o espaço público como ruas aéreas. Combinando nestes elementos a intenção urbana de construir um edifício-cidade e o exercício de economia e racionalidade do desenho, reduzindo ao mínimo a necessidades mecânicas de comunicação vertical. A história conturbada da sua ocupação e das primeiras décadas de uso associaram à sua presença icónica um lastro de negatividade associado ao tráfico e consumo de droga. Um olhar presente para o conjunto consegue adivinhar os indícios de regeneração e reconhecer a generosidade do conjunto que se estabelece como centralidade urbana, pela praça, pela ocupação por algum comércio e pela forma como se liga à circulação pedonal. Se “a arquitetura pode pouco como instrumento para modificar substancialmente o contexto social”(Portas, 1969a), também será possível afirmar que neste caso as debilidades do contexto não têm gênese arquitetónica.

Quanto à operatividade do processo são de assinalar a adoção do Projeto de Comunicação à Obra (Cabrita, 1972) (figura 26) com a estratificação da informação de projeto por níveis de detalhe, num princípio gráfico depurado de quaisquer grafismos adjectivantes e com a adoção de um sistema de referência interna. Quanto a incorporação dos estudos de Gonçalo Byrne sobre a Coordenação Dimensional Modular (Byrne, 1970), são presentes o sistema métrico baseado num módulo base de 6x6 metros, e mesmo não se tratando de uma construção com elementos prefabricados, são utilizados os sistemas de malhas e linhas de referência e controle expostos naquele estudo. (figura 27). A definição das áreas dos fogos dos fogos baseia-se no estudo das Funções e Exigências de Áreas da Habitação de Nuno Portas, como a análise da planta permite verificar, em que as áreas das funções são bastante próximas das recomendadas no estudo (figura 28).

7- Conclusão

A revisita a este momento de virar da década de 70 não pode deixar de convocar um paralelo com o momento atual. Hoje habitação volta a ser central no debate público, mas a arquitetura parece não acompanhar o tempo da discussão. **A distância temporal ao capital técnico, conceptual e operativo das experiências históricas deixam o experimentalismo e a renovação conceptual da habitação ao arbítrio do arquiteto, do mercado ou da tecnocracia das restrições técnicas e legais.** Naquele virar da década de 70 a arquitetura e as instituições¹² procuravam construir um referencial técnico e conceptual sobre como fazer a habitação que tinha de ser feita. **Importa hoje encontrar as formas de desenvolver um corpo crítico que permita atualizar a discussão técnica e conceptual sobre a produção de habitação.** Provavelmente menos guiada pelas instituições, provavelmente mais plural, mas que não se limite à repetição dos modelos do passado, em especial de um passado recente particularmente escasso em capital operativo.

O tempo presente não é, no entanto, completamente desprovido de vias de experimentação, em particular no tema da racionalização da construção. No contexto

¹⁰ O GTH definia, no decreto-lei nº42454, 4 categorias de habitações diferenciadas por valores limites de rendas mensais, Percentagem das diferentes categorias e custo máximo dos terrenos. A categoria 2 é a segunda de renda mais baixa – 400 a 600 escudos mensais em 1959

¹¹ Construída com “influências directas de outras megaestruturas” como o Park Hill de Jack e Ivor Smith (1957-1961); Robin Hood Gardens de A. e P. Smithson (1968-1972) ou o Runcorn de James Sirling (192-1977).

¹² é referida repetidamente nas entrevistas realizadas a competência dos quadros e do trabalho técnico desenvolvido no seio das instituições como o LNEC, o GTH ou o próprio FFH

desta investigação foram identificados casos em que **o projetista se aproxima da indústria** para o desenvolvimento de soluções que exploram a racionalidade e otimização do processo construtivo. Os edifícios de arrendamento acessível em Marvila da arquiteta Inês Lobo (figura 29 e 30) incorporam vários elementos prefabricados, desde a fachada/varanda às instalações sanitárias, **tornado a sistematização modular num argumento de desenho arquitetónico de grande generosidade**. Outro caso que **explora as premissas da pré-fabricação a um nível global** é o conjunto em São Maçal do atelier Summary (Figura 31 e 33), em que sobre duas bases com núcleos de acessos construído in situ são montados 43 apartamentos em módulos idênticos, completamente acabados em fábrica. Tendo para tal sido desenvolvidos sistemas específicos de montagem. Ambos procurando uma aproximação à indústria e assumindo o sistema modular como argumento compositivo da arquitetura e fator de racionalização e otimização do projeto.



Figura 1 - Capa do relatório final do Colóquio Sobre Política da Habitação, 1969, MOP

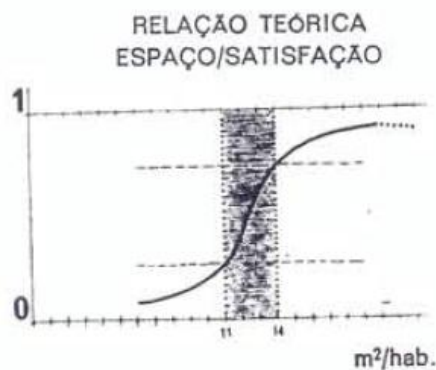


Figura 2 - Curva de satisfação provável em relação à área por habitante, Nuno Portas, (Portas, 1969b)

TABELA DE ÁREAS ÚTEIS — Au + Av — MINIMAS

Exigências funcionais a satisfazer	A. Parcelares	CATEGORIAS BASE E TIPOS PROPOSTOS												
		A					B							
		t1	t2	t3	t4	t5	t1	t2	t3	t4	t5			
REPOUSO (Quartos)														
limitados a função dormir (1)	11+9+9+6	11.0	20.0	29.0	38.0	44.0	11.0	20.0	29.0	38.0	44.0			
adicional para jogos (7) estudo (8) ou trabalho individual (9)		—	—	—	—	—	1.0	3.0	5.0	7.0	8.0			
CÓZINHAR — REFEIÇÕES CORRENTES — TRABALHOS														
limitada à preparação de refeições (2)	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0
adicional para refeições correntes (3) ou arranjo roupas (10)	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0
adicional para lavagem roupas (11)	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0
adicional para separação de arranjo roupas (10) e máq. lavar (11)	3.0	—	—	—	—	—	3.0	3.0	3.0	3.0	3.0	3.0	3.0	3.0
REFEIÇÕES — ESTAR — RECEBER														
limitada a sala única indiferenciada (4) (5) (6)	14.0	14.0	14.0	14.0	14.0	14.0	16.0	16.0	16.0	16.0	16.0	16.0	16.0	18.0
adicional para definição zonas de refeições (4) e estar (5) (6)	2.0	—	2.0	2.0	4.0	4.0	—	—	—	—	—	—	—	—
adicional para separação de uma das zonas (2 espaços de estar)		—	—	—	—	—	—	4.0	6.0	8.0	8.0	8.0	8.0	8.0
PROLONGAMENTO EXTERIOR (TRABALHOS-ESTAR)														
limitada a secagem roupas (12) e trabalhos (10, 11)	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0
adicional para local estar (5) ou repouso	2.0	—	2.0	2.0	2.0	2.0	—	—	—	—	—	—	—	—
adicional para separação zonas de estar (5) e trabalhos (12)	4.0	—	—	—	—	—	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0
ENTRADA — DISTRIBUIÇÃO INTERIOR														
limitada a entrada independente (15-a)	2.5	2.0	2.0	2.5	2.5	2.5	3.0	3.0	3.5	3.5	3.5	3.5	3.5	3.5
limitada a distribuição parcial (de zona repouso) (15-b)	1.5	1.5	1.5	1.5	1.5	2.0	—	—	—	—	—	—	—	—
adicional para maior independência de acessos e isolamento	2.5	—	—	—	—	—	3.0	3.0	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0	4.0
HIGIENE PESSOAL														
limitada a peça única (lavabo, banho, W.C.)	3.5	3.5	3.5	3.5	3.5	3.5	3.5	3.5	3.5	3.5	3.5	3.5	3.5	3.5
adicional para subdivisão lavabo banho/lavabo W.C.	1.5	—	—	1.5	1.5	—	—	1.5	1.5	—	—	—	—	—
adicional para desdobramento lavabo banho W.C./lavabo W.C.	3.0	—	—	—	—	—	—	—	—	3.0	3.0	3.0	3.0	3.0
ARRUMOS GERAIS														
roupelheiro geral	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0
arrumo-reserva	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	1.0	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0	2.0
Áreas totais		46	59	70	81	89	59	78	90	106	113			

A aplicação do método proposto — baseado na decomposição das exigências de espaço a satisfazer por funções ou actividades elementares — foi feita para elaboração de uma tabela de áreas mínimas que permita controlar a variação do rendimento funcional de dois níveis de habitabilidade — A e B — a que se pretende reduzir a dispersa gama de categorias actualmente praticadas no País. (Tabela apresentada para aprovação no Grupo de Coordenação de Estudos de Habitação.)

Figura 3 - Tabela de áreas úteis mínimas, Nuno Portas (Portas, 1969b)

LISTA DAS FUNÇÕES E ACTIVIDADES DA HABITAÇÃO

Actividades	Designação do grupo
— dormir ou descanso	Dormir
— fazer a cama	Descanso pessoal
— tratar de doentes ou crianças	
— vestir-se e arranjar-se	
— arrumar roupas, etc.	
— receber, conservar alimentos	Alimentação
— preparar, lavar, cortar alimentos	Preparação
— cozinhar	
— preparar pratos	
— lavar a loiça e talheres	
— arrumar trém cozinha e de mesa	
— eliminar detritos	
— pôr a mesa	Alimentação
— servir os alimentos	Refeições correntes
— comer	Alimentação
— levantar a mesa	Refeições formais
— conversar, jogar	Estar
— descanso, leitura, escrita individual	Reunião tempos livres
— ouvir rádio, ver TV, discos	
— actividade de bricolagem, tocar música, etc.	
— atender telefone	
— receber e acompanhar desde e até à entrada	Estar
— actividades diversas como em (5)	Receber
— actividade lúdica	Recreio — Crianças
— vigilância e tratamento	
— trabalhos escolares ou outros	Estudo recreio — Jovens
— reunir amigos: act. como em (5)	
— estudo ou trabalho — escritório	Trabalho recreio — Adultos
— trabalho oficinal (reparações, bricolagem, etc.)	
— trabalho artesanal (tecelagem, costura, etc.)	
— passar, limpar	Tratamento roupas
— arrumar roupas	a) Passar a ferro
— costurar à mão ou à máquina	b) Costura
— lavagem, manual	Tratamento roupas
— lavagem mecânica	Lavagem
— secagem natural ou activada	Tratamento roupas
	Secagem
— lavar mãos e rosto	Higiene pessoal
— banhar-se ou dar banho a crianças	
— excreções	
— vestir-se, fazer «toilette», barbear-se	
— proceder a curativos	
— fazer exercícios físicos	
— descansar, reunião, solário	Permanência em exterior
— cuidar de flores ou animais	
— jogos ao ar livre	
— introdução na casa, espera	Comunicação-separação
— independências de grupos ou zonas	
— comunicação directa ou só audiovisual de zonas	
— guardar roupas de casa ou pessoais	Arrumação
— guardar calçado	a) Roupas
— idem, artigos alimentares	b) Reserva vária
— idem, artigos de limpeza e combustíveis	
— idem, meios de transporte privativo	

Figura 4 - Lista de funções e actividades da habitação, este quadro é proposto como imprescindível instrumento de política da habitação. Nuno Portas (Portas, 1969b)

1.2 — Programa de equipamento

	Dimensões nominais	Designação	Quarto casal	Quarto 2 indiv.	Quarto 1 indiv.	Alcovas + esp. comum
dormir	200 × 150 × 50	Cama casal (duple)	+			
	200 × 80 × 50	Cama individual		++	+	+
	110 × 60 × 120	Cama criança	+(b)			
vestir	35 × 25 × 50	Mesa cabeceira	++	++	+	+(a)
	80 × 60 × 70	Arca ou cómoda	+			
	120 × 60 × 200	Roupeiro duplo	+	+		
	80 × 60 × 200	Roupeiro singular			+	+(a)
actividades particulares	80 × 60 × 70	Mesa trabalho ou «toilette»	+	+	+	+(a)
	100 × 30 × 70	Estante		++	+	+(a)
	50 × 50	Cadeira	++	++	+(+)	+(a)

(a) — Em número proporcional ao das camas individuais.

(b) — Prever a possibilidade de vir a ser incluído em períodos que podem ser longos.

Figura 5 - programa de equipamento da função (1) Dormir, Nuno Portas (Portas, 1969b)

1.3 — Necessidade de espaço resultante do equipamento

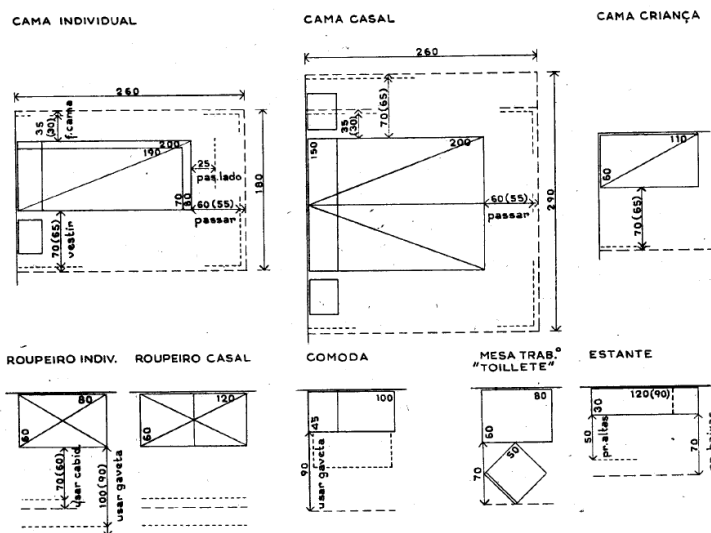


Figura 6 - Necessidades de espaço resultantes do equipamento correspondente à função (1) dormir, Nuno Portas (Portas, 1969b)

Caso da comparticipação	PROPOSTAS DE MINIMOS — M ²		
	Estrito	Desejável	Proposto
Quarto casal	10,5	12	10,5
Quarto filhos-duplo	9	11	9
Quarto filhos-singular	6	7	6,5
Alcova 2 camas	5	6	5
+ «espaço comum»	4	5	5

Figura 7 - Proposta de áreas mínimas para a função (1) dormir, Nuno Portas (Portas,1969b)

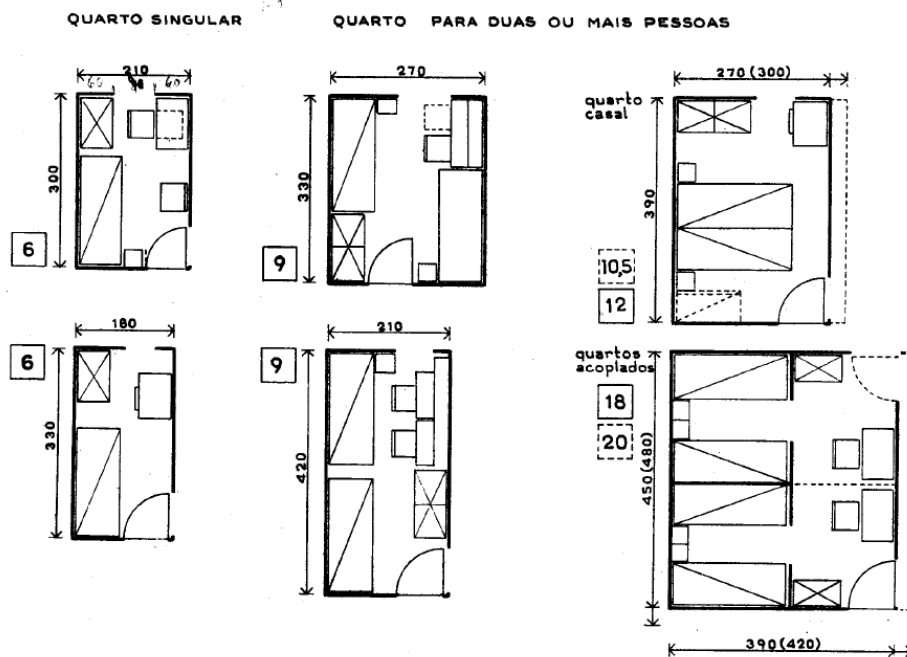


Figura 8 - Esquemas gráficos para propostas de organização do espaço de (1) dormir, Nuno Portas (Portas, 1969b)



Figura 9 - Cadeia de operações do espaço de função 2 Alimentação-Preparação, Nuno Portas (Portas, 1969b)



Figura 10 – Reprodução de estampa com de esquema da situação relativa dos principais elementos construtivos a considerar para efeitos de coordenação dimensional a partir de uma dada necessidade de espaço interior, Gonçalo Byrne, (Byrne, 1970)

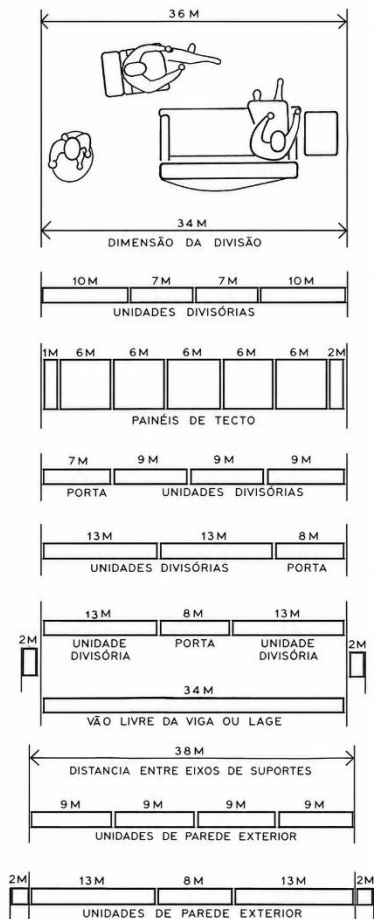


Figura 111 - Reprodução de estampa com esquema exemplificativo de algumas hipóteses de preenchimento dos espaços indicados (..) por diferentes elementos de construção, Gonçalo Byrne,(Byrne, 1970)

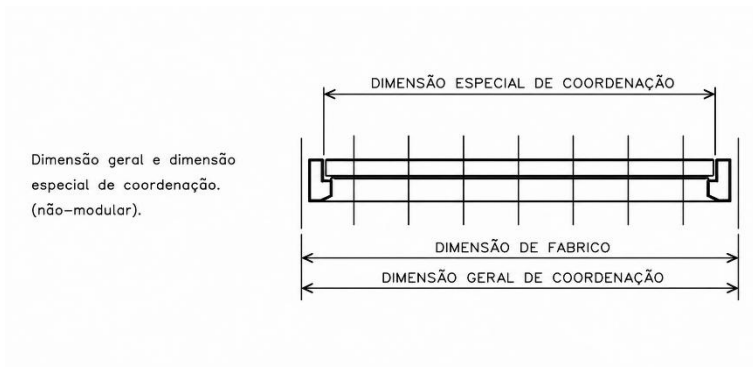


Figura 12 – Reprodução de estampa com dimensão geral de coordenação, Gonçalo Byrne,(Byrne, 1970)

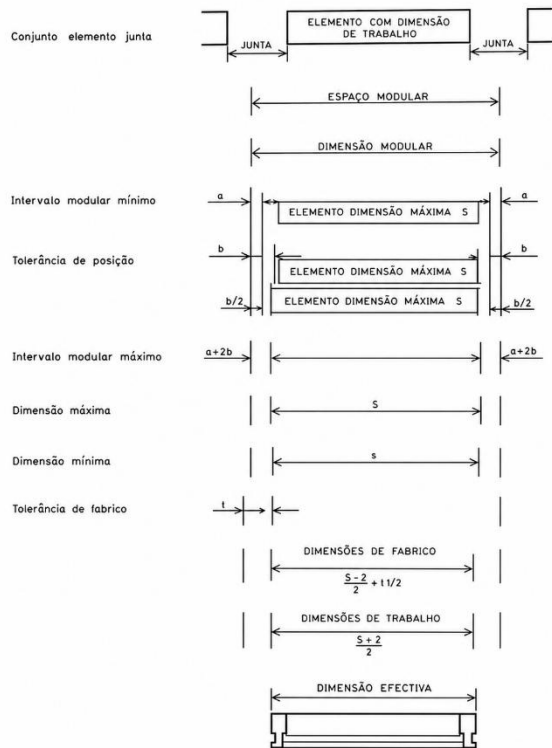


Figura 13 – Reprodução de estampa com termos da aplicação da coordenação modular em elementos, Gonçalo Byrne, (Byrne, 1970)

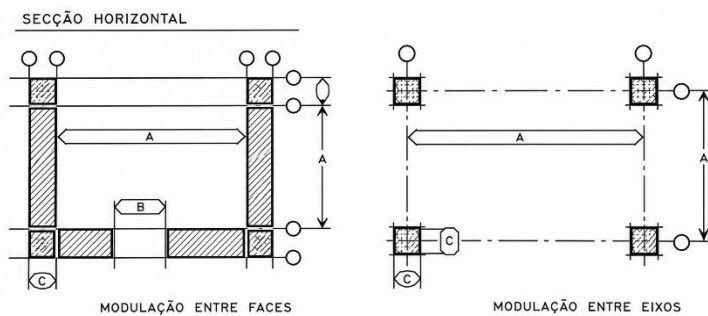


Figura 14 – Reprodução de estampa com dois métodos de trabalho, Gonçalo Byrne, (Byrne, 1970)

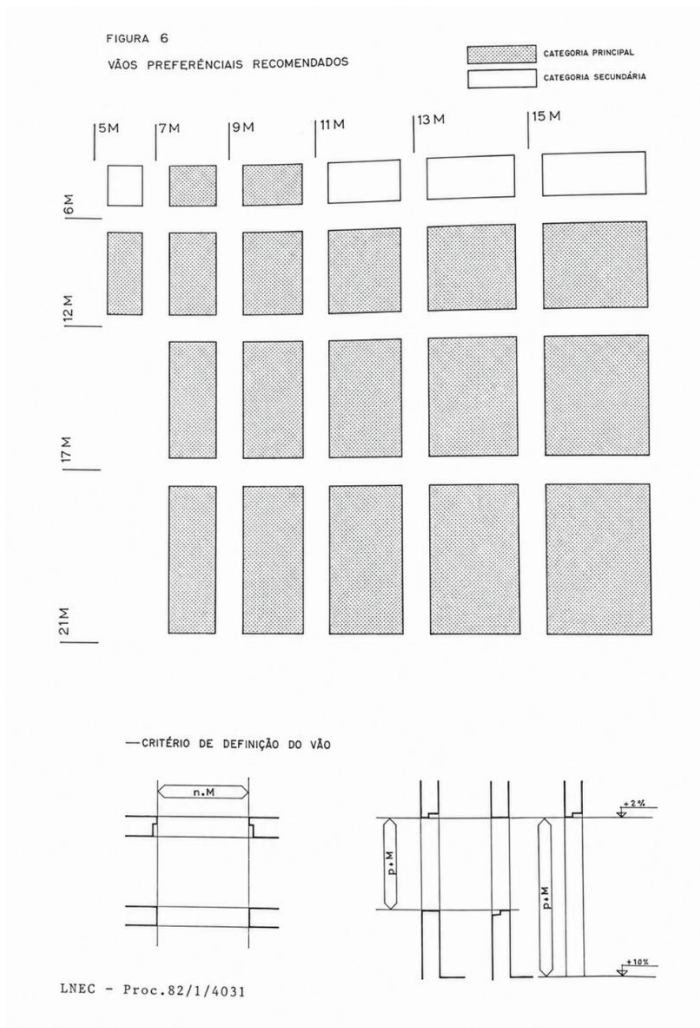


Figura 15 - Reprodução de estampa dimensionamento modular de vãos, Gonçalo Byrne, (Byrne, 1970)

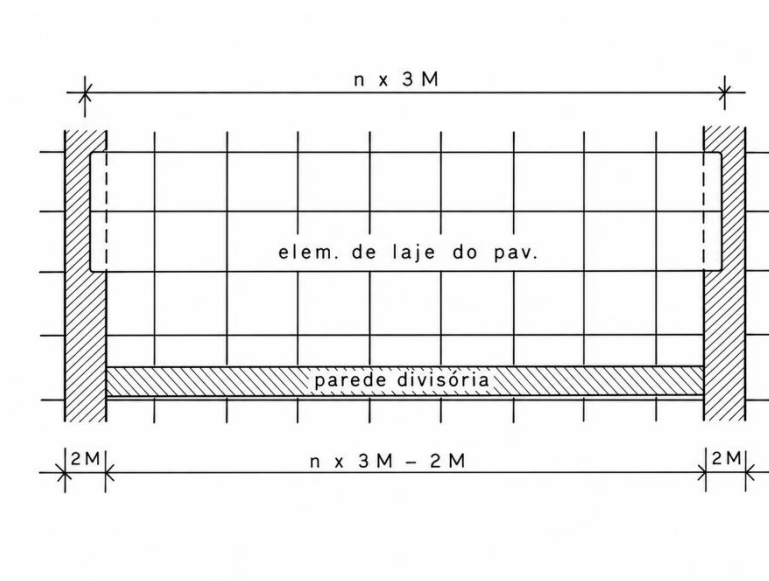


Figura 16 - Método 1 - linhas de referência ao eixo, Gonçalo Byrne, (Byrne, 1970)

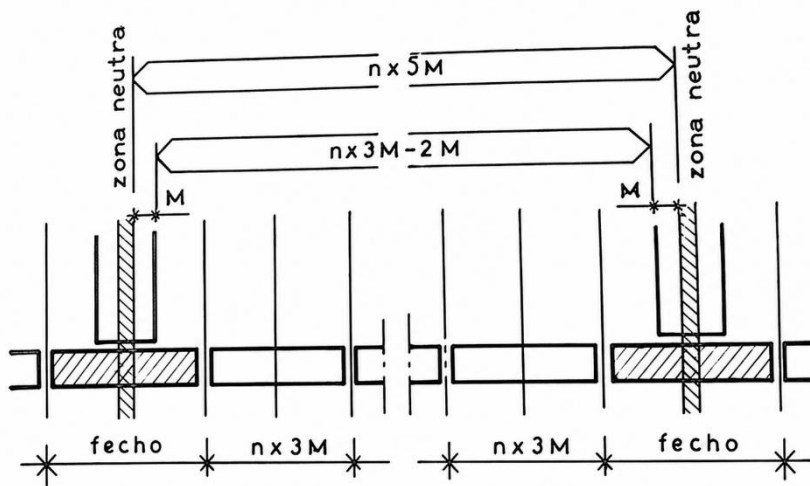


Figura 17 - Método 2 - Linhas de referência à face, Gonçalo Byrne,(Byrne, 1970)

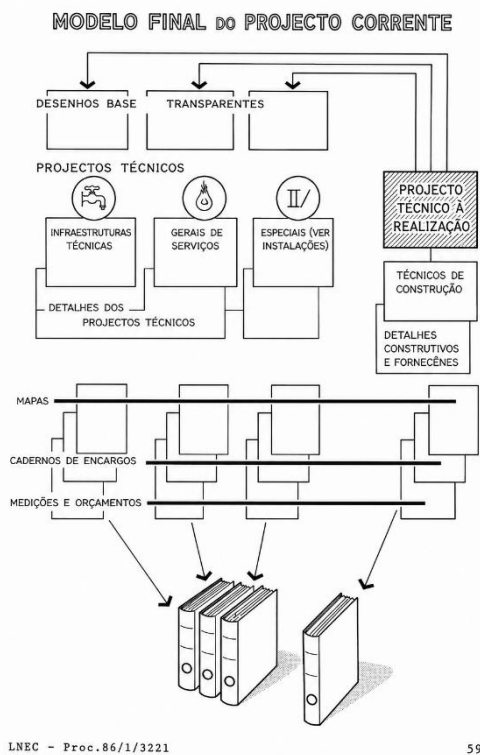


Figura 18 – Reprodução da estampa sobre modelo final do projecto corrente, António Reis Cabrita, (Cabrita, 1972)

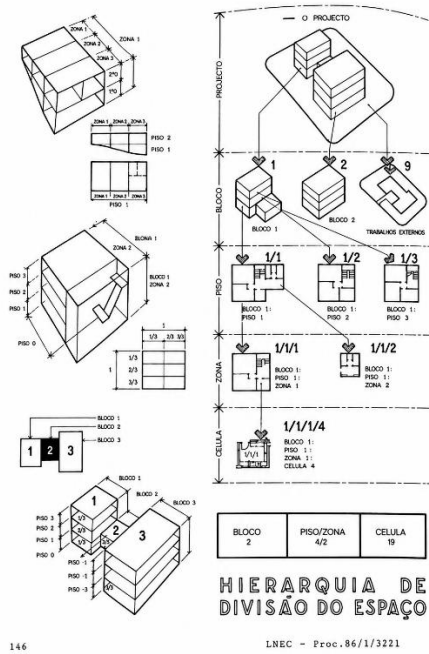


Figura 19 - Reprodução da estampa sobre hierarquia de divisão de espaço adotada no PCO, António Reis Cabrita, (Cabrita, 1972)

ENSAIO 5

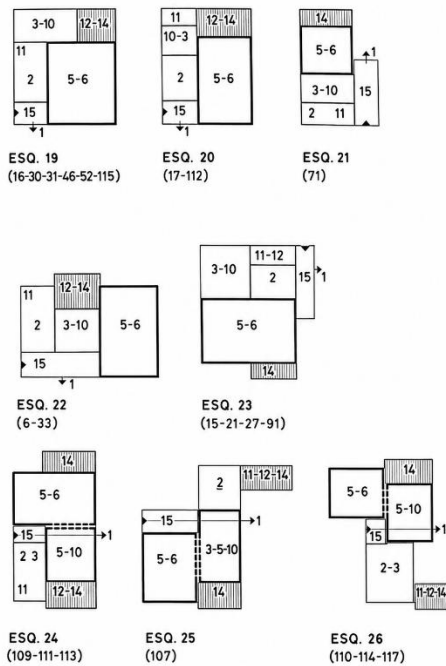


Figura 20 – Reprodução de estampa com ensaio para obtenção de esquema de fogo, Alexandre Alves Costa, (Costa, 1966)

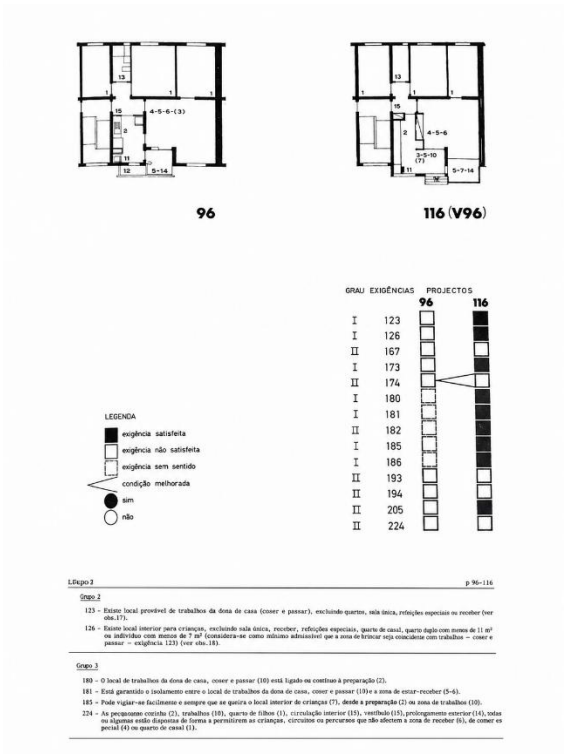


Figura 21 - Reprodução de estampa com análise comparativa de 2 plantas, Alexandre Alves Costa, (Costa, 1966)



Figura 22 - Pantera Cor de Rosa, foto de Martin Konzett cedida para a investigação



Figura 23 -Pantera Cor de Rosa, foto de Martin Konzett, cedida para a investigação



Figura 24 - Pantera Cor de Rosa, foto de Martin Konzett cedida para a investigação



Figura 25 - Pantera Cor de Rosa, foto de Martin Konzett cedida para a investigação

gth CML		P. U. C. ZONA N2		LOTE	II	12
		229	382	8		
PROJECTO		Des. Nº 4		PP	EA	
PLANTA (piso 6)		Ref. A				
PG PROJECTO GERAL		FASE 56.7				
origem da informação	AUT. Arg. Gonçalo Byrne A. M. Reis Cabrita N. Teotónio Pereira		DESIGNAÇÃO REVOS e ELEMOS NAO PRIMARIOS E ACABAMENTOS			
	FASE DO PROCESSO		ERG			
PCO (COMUNICAÇÃO A OBRA)		DGP (em planta) 5/6/7.04				
DESIGNAÇÃO DO ESPACO		ACTIVIDADE				
destino da informação	bloco lote piso zona compart.					
	W/V F 6					
	EF grupo de EC		TAREFA			
EC						

Figura 26 - Legenda de desenho da Pantera, com evidencia da nomenclatura do PCO, Gonçalo Byrne e António Reis Cabrita

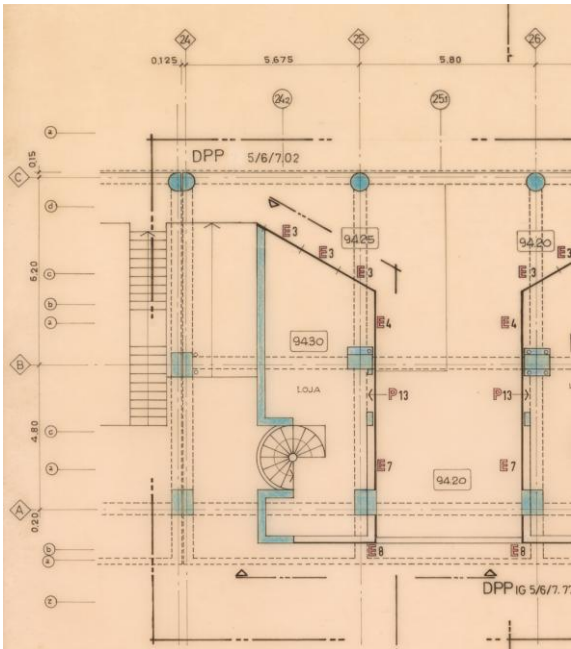


Figura 27 - Planta da Pantera, bloco I, lote c, piso 2, evidencia do sistema de coordenação modular, Gonçalo Byrne e António Reis Cabrita

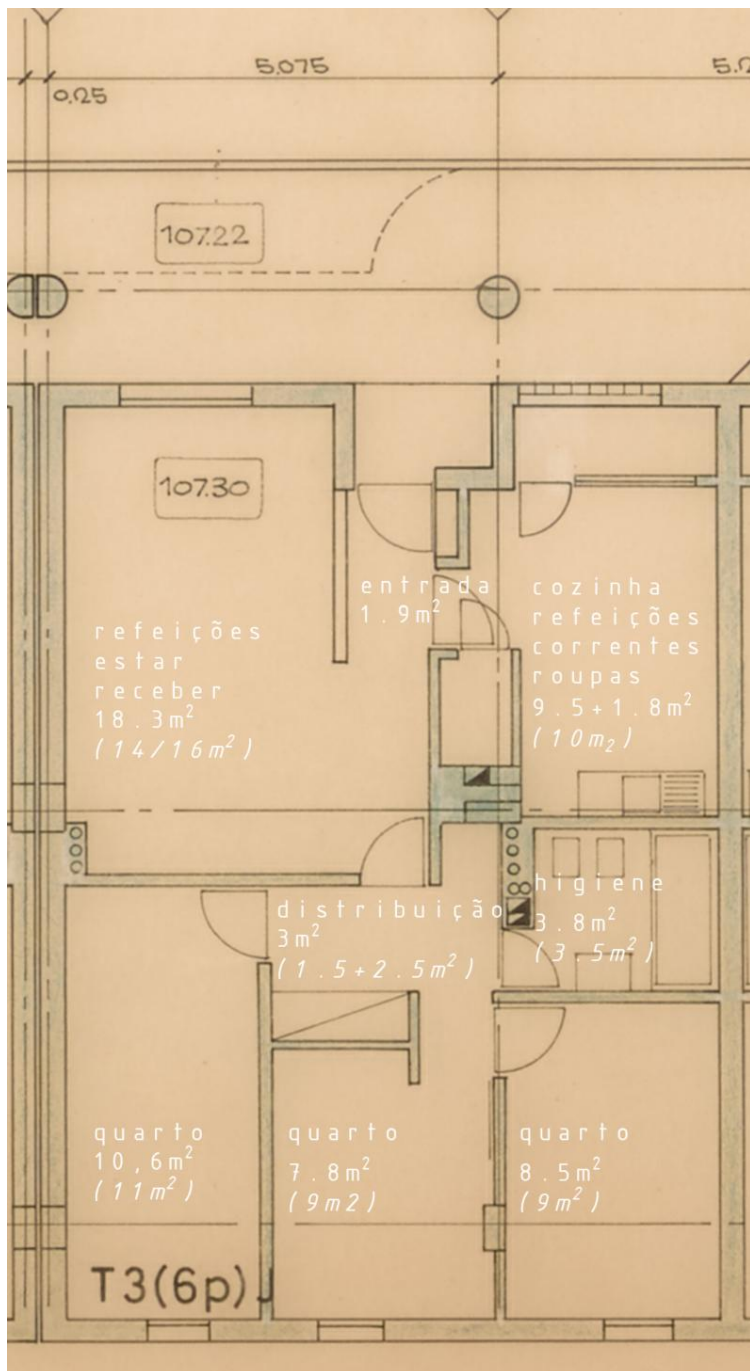
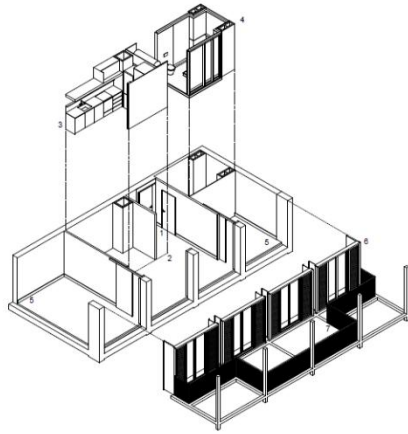


Figura 28 - Planta de um fogo da Pantera – com medição das áreas em relação à tabela de áreas úteis da figura 3 (apresentadas em *itálico*). Base de Gonçalo Byrne e António Reis Cabrita, anotações do autor



1. Hall Hall Sala de Estar Living Room 3. Módulo de cozinha Kitchen Module 4. Módulo IS 21 Module 5. Quarto Bedroom 6. Módulo de fachadas Facade Module 7. Módulo de varanda Balcony Module

Figura 29 – Módulos em relação ao fogo, Projeto Vale Formoso de Cima, Marvila, Inês Lobo



Figura 30 - Projeto Vale Formoso de Cima, Marvila, Inês Lobo, Fotografia: Duarte Belo



Figura 31 – Conjunto de habitação pre-fabricada de São Maçal, Oeiras, Fotografia: Summary

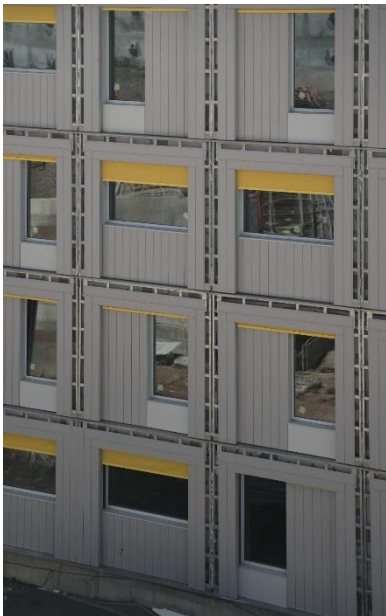


Figura 32 - Fotografia de obra com módulos volumétricos assemblados



Figura 33 - Ilustração do princípio modular do conjunto de São Maçal com alusão às soluções mecânicas de união desenvolvidas, Imagem: Summary

Referências Bibliográficas

- Byrne, G. (n.d.). *Pink Panther Home*. Retrieved February 5, 2026, from <https://www.goncalobyrnearquitectos.com/pink-panther-home>
- Byrne, G. S. (1970). *Racionalização do processo de projecto : coordenação dimensional modular: princípios e aplicações*. Laboratório Nacional de Engenharia Civil 1970.
- Cabrita, A. M. R. (1972). *Organização de projectos de edifícios: método e modelo do projecto de comunicação à obra PCO - modelo do PCO vol.1* (Vols. 1–4). Laboratório Nacional de Engenharia Civil.
- Costa, A. A. (1966). *Racionalização de soluções da habitação: análise e selecção de esquemas do fogo*. Laboratório Nacional de Engenharia Civil.
- GTH. (1965). *Plano de urbanização de Chelas: agosto de 1965* (Câmara Municipal de Lisboa, Ed.). <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/x-arqweb/Result.aspx?id=3473286&type=PCD>
- Pereira, N. T. (1969). Habitações para o maior número. In *Colóquio de Urbanismo* (pp. 87–100). Câmara Municipal do Funchal. <https://nunoteotoniopereira.pt/multimedia/habitacoes-para-o-maior-numero-1969/>
- Portas, N. (1969a). Arquitectura e sociedade portuguesa. *Estudo Prévio-Revista Do Centro de Estudos de Arquitectura, Cidade e Território Da Universidade Autónoma de Lisboa Publicado a Partir de Encontro Nacional de Arquitectos. Arquitectura e Sociedade Portuguesa, Mensagem, Dezembro 1969, p. 115-116., 20.*

Portas, N. (1969b). *Funções e exigências de áreas da habitação*. Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Roseta, H. (2024). *Habitação e Liberdade* (1ª ed.). Caleidoscópio.

Tavares, M., & Duarte, J. (2018). *O arrendamento social publico (1945-1969): Nova escala, novos programas e agentes*. Habitação: Cem Anos de Políticas Públicas Em Portugal, 1918-2018.

Uma definição de ética – Quando a arquitectura constrói através da colaboração – SAAL

Ana Paula da Silva Marques Navas

Apsmn@iscte-iul.pt

Resumo: O presente artigo tem como objectivo analisar a presença dos limites éticos aplicados durante o processo SAAL - Serviço de Apoio Ambulatório Local, em Portugal. Considerado um dos projectos mais marcantes na democracia Portuguesa, o SAAL destacou-se pela sua importância a nível de planeamento urbano e pela forma como promoveu o trabalho cooperativo entre técnicos e a população. Procurando responder a uma necessidade urgente da sociedade portuguesa naquele momento, a construção de habitação.

A relevância do SAAL ultrapassa a sua função prática como resposta à carência habitacional, assumindo-se também como um marco importante na forma como se passou a pensar e desenvolver o espaço urbano. Através deste processo, procurou-se implementar uma abordagem mais próxima da população, valorizando a sua participação activa nas decisões para a construção das habitações. Desta forma, o SAAL promoveu um modelo de trabalho mais participativo e colaborativo.

Partindo do ponto de vista ético no exercício da profissão, o SAAL representa um dos exemplos mais evidentes que existem, em Portugal, da aplicação de limites éticos em prole do compromisso social e do trabalho cooperativo.

Neste contexto, o SAAL tornou-se particularmente relevante enquanto estudo de caso para compreender de que forma os limites éticos podem influenciar positivamente o exercício profissional, contribuindo para práticas mais participativas. A relação de proximidade estabelecida entre os técnicos e a população permitiu não só uma melhor adequação das soluções às necessidades reais das comunidades, como também reforçou a importância da participação nos processos de desenvolvimento urbano.

Deste modo, importa analisar o impacto que esta operação teve não só na forma de fazer cidade, mas também na própria aplicação dos limites éticos no exercício da profissão. O impacto do SAAL é visível tanto na transformação das práticas como na interação através de uma metodologia participativa para o contributo da construção da cidade.

Palavras-chave: Ética; Limites éticos; Profissão; Arquitectura

Contexto histórico do SAAL

Após quarenta e oito anos de regime ditatorial, a 25 de Abril de 1974, dá-se a revolução dos cravos em Portugal com o golpe militar. Terminado assim, com o Estado Novo e abrindo caminho para uma nova visão do que poderia ser o país e onde se poderiam formar novos objectivos para o seu desenvolvimento.

Eram vários os sectores afectados pelos anos de ditadura, mas aquele que nos concerne neste artigo é o sector da habitação, relativamente aos limites éticos que lhe foram aplicados.

O primeiro governo provisório seria formado a 15 de Maio desse mesmo ano, tendo como Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo o arquitecto Nuno Portas.

Entretanto, e um pouco à semelhança do que se passava em todos os sectores da sociedade portuguesa, também a imensa massa populacional de habitantes mal alojados começava de imediato a perceber a liberdade de acção que ganhara e parta para formas mais ou menos espontâneas de sublevação. Numa primeira fase, o objectivo foi a ocupação dos fogos recentemente acabados nos bairros sociais de promoção pública e semi-pública. (José A. Bandeirinha, 2011, p.110)

Tal como José António Bandeirinha nos descreve em “O processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974”, existiam muitas famílias a viver em condições miseráveis, as habitações sociais que se encontravam vazias eram uma tentação para a resolução de uma necessidade. Foi assim que entre 26 de Abril e 9 de Maio de 1974, foram ocupados cerca de 2000 fogos em Lisboa, sendo que a maioria eram habitações municipais ainda em construção. Este fenómeno de ocupações estendeu-se para a zona industrial de Lisboa, levando a Associação dos Inquilinos Lisbonenses a emitir um comunicado que pedia o congelamento das rendas. Apesar de em menor número, nesta primeira instância, também se registaram movimentos populares para a ocupação de fogos na cidade do Porto. Foi com este panorama nacional que o arquitecto Nuno Portas se deparou quando tomou posse como Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo.

A 23 de Maio realizou-se uma reunião no Teatro S. Luís sobre a questão da habitação, na qual se fizeram ouvir as vozes de técnicos, políticos e dos próprios moradores. Essa reunião tinha como objectivos “contribuir para a definição de um programa de actuação no sector da habitação” e pressionar as estruturas fechadas, burocráticas e tecnicistas em que funcionam as estruturas do Estado, de modo a (...) proporcionar uma participação efectiva por parte da população, órgãos e entidades locais (...) (José A. Bandeirinha, 2011, p.111)

O resultado do debate nesta reunião, que contou com a participação não só de técnicos, como também de cidadãos com ligações a várias instituições, foram os seguintes cinco pontos:

1. O que é a habitação social?;
2. A quem se dirige a habitação social?;
3. O que são categorias de “habitação social”?;
4. Como é possível apressar a oferta de habitação?;
5. Localização no território das realizações de habitação e recuperação de habitações clandestinas existentes;

Dado o cariz de urgência, existia a necessidade de encontrar um conjunto de medidas que permitisse a construção de mais habitação de forma célere e eficaz. Foi apenas depois de algumas reuniões com técnicos especializados, e após a dissolução do primeiro governo provisório, que se publicou o primeiro documento que definia os objectivos, a orgânica operativa e o âmbito de acção.

O Serviço de Apoio Ambulatório Local teria uma esfera geográfica de acção por todo o país, excluindo o concelho de Lisboa e os Planos Integrados a cargo do Fundo de Fomento Habitacional, em que se inseriam o Monte da Caparica, Setúbal, Zambujal, Aveiro, Matosinhos e Guimarães.

A ideia de Nuno Portas para o funcionamento do processo SAAL, baseava-se numa operação descentralizada de forma a contornar os impedimentos burocráticos. No entanto,

existia o receio que nas regiões fora de Lisboa, a politização fosse nula e por isso os organismos existentes não defendessem os interesses das classes mais desfavorecidas voltando assim, à burocracia praticada antigamente. Para evitar um retrocesso, a Secretária de Estado, enviaria técnicos em brigadas de urbanismo activo para que trabalhassem directamente com a população.

Esses técnicos deveriam desempenhar, “simultaneamente, o papel de militantes ou de educadores, no bom sentido, não paternalista, do termo”. Portas previa, portanto, uma descentralização de cariz mais técnico que superasse, por operativividade, competência e pelo contacto directo, o aparelho burocrático herdado e as suas inúmeras desmultiplicações provincianas, ao jeito daquilo que já vinha preconizado desde há alguns anos, concretamente na sua mensagem ao ENA, em 1969. (José A. Bandeirinha, 2011, p.113)

A descentralização de técnicos em brigadas, facilitaria o processo não só nas questões burocráticas como também, na interação com a própria população. Criando assim, uma ligação mais directa com as necessidades existentes em cada região, promovendo também respostas mais adaptadas a cada circunstância.

O que são limites éticos

Para um melhor entendimento do que são os limites éticos, será necessário analisar primeiro o que é a ética:

Teoria dos costumes; ciência valorativa da conducta, frequentemente com um significado equivalente ao de filosofia moral, chegando mesmo a confundir-se, já na Antiguidade, com a filosofia prática. A ética analisa as concepções dominantes da moralidade, bem como a sua génese, e distingue as normas morais em sentido estrito daquelas derivadas do direito, assim como das puramente convencionais do costume. A análise da experiência moral (consciência moral, dever, responsabilidade, decisão, etc.) e das acções realizadas em função dos diversos valores particulares constitui o objecto fundamental da ética descritiva. A ética pura ou normativa, por sua vez, procura fundamentar as exigências morais e até estabelecer os princípios que devem reger a vida pessoal e colectiva, superam assim o relativismo ético, isto é, a validade – aparentemente igualmente justificada – das diversas perspectivas morais que, no entanto, se excluem entre si. (Plaza & Janes, 1991, p.1512)

Com esta descrição, podemos entender que os limites éticos são um conjunto de regras que podemos colocar tanto a nível laboral como social, servindo como delimitação do campo de acção. No ambiente laboral pode ser um regulamento que oriente a profissão ou inclusive leis governamentais que estabeleçam limites éticos.

Exemplo de limites éticos no SAAL

A publicação do despacho no Diário do Governo, a 6 de Agosto de 1974, descreve em oito pontos, de forma sucinta, como iria funcionar todo o processo SAAL. Dada a preocupação em combater uma crise habitacional que assolava o país, este despacho demonstra precisamente esse carácter de urgência. São precisamente estes oito pontos que revelam os primeiros limites éticos aplicados no processo que foi o SAAL.

O primeiro ponto situa-nos com a carência habitacional existente, revelando a dificuldade em começar programas de construção convencional a curto prazo. Para a resolução deste entrave, é apresentada pelo Fundo de Fomento da Habitação a organização de um corpo

técnico, o Serviço de Apoio Ambulatório Local. É proposto então que o SAAL irá apoiar as iniciativas das populações através das Câmaras Municipais, através da transformação dos bairros existentes, e com o investimento dos seus recursos.

De forma a reforçar as operações seriam lançados dois diplomas que propunham a constituição de cooperativas habitacionais não lucrativas e a regulamentação de modalidades de financiamento e apoios técnicos às organizações de moradores.

O segundo ponto, propunha como medida essencial que os trabalhos de infra-estrutura viária e sanitária fossem custeados pelas autarquias locais. Disponibilizando também terrenos para urbanização, garantindo a obtenção de comparticipação estatal.

O terceiro ponto coloca nas Câmaras Municipais a responsabilização do controlo urbanístico da localização, a cedência de solo e a disponibilização de interlocutores directos das associações e cooperativas formadas por iniciativa dos moradores. Sendo que estes interlocutores iriam controlar as prioridades face aos recursos disponíveis e a garanta dos empréstimos previstos.

No quarto ponto é reconhecida a falta/insuficiência de serviços técnicos camarários e propõe, que através do SAAL, serão estabelecidos acordos com as câmaras que solicitem projectistas, monitores e fiscais técnicos. Excluindo a Câmara Municipal de Lisboa, que por acordo veria essa função ser exercida pelo Gabinete Técnico da Habitação na zona a intervir em Chelas. Sendo que na restante área de Lisboa essa função seria exercida pela Empresa Pública de Urbanização de Lisboa, permanecendo o Fundo de Fomento da Habitação com a função financiadora.

No quinto ponto, considera-se que na fase experimental, que dará início ao processo, será necessária a troca de informação sobre os critérios técnicos e de gestão, assegurados pelos responsáveis do SAAL. Quando necessário estes técnicos terão de propor ao FFH o lançamento de empreitadas de fornecimento de materiais ou componentes aos moradores.

O sexto ponto expõe aspectos que devem ser assegurados tanto pela equipa do SAAL, como dos serviços da CML. Sendo estes: a acção fundiária, a acção de projecto, a acção de assistência nas operações de construção e acção de assistência na gestão social. Garantindo que esta assistência será gratuita.

O sétimo ponto revela que devido à insuficiência de recursos e à falta de experiência dos serviços em operações daquele tipo, será preciso cautela na selecção das iniciativas na primeira fase. Propondo que em situações onde a reconstrução no mesmo local onde se encontram os moradores seja desaconselhável, devido ao tipo de terreno ou acesso, será da responsabilidade das câmaras municipais, preparar um solo bem localizado.

O oitavo e último ponto, propõe que até 15 de Setembro de 1976, deverão estar estabelecidos os contactos entre os agentes do SAAL, as câmaras municipais e os representantes dos moradores. Para assim, estabelecer da lista de operações e proceder aos contratos de assistência.

Com a publicação deste despacho, o processo SAAL pôde avançar com os trabalhos de campo. Estes trabalhos seriam facilitados pela descentralização de técnicos e pela metodologia usada para a construção.

Ciente destas, e de tantas outras implicações, Nuno Portas nutria uma predilecção muito especial pelos processos de auto-construção tecnicamente assistida. Acreditava na necessidade de adequar uma fórmula de participação total aos limites da realidade objectiva. As condições fundamentais dessa adequação eram a existência de uma estrutura organizativa, que partisse realmente das bases, e a possibilidade de acção em todos os momentos do processo. Em seu entender, era, sobretudo, imprescindível que os destinatários das habitações “mexessem” na obra, esse era o meio mais directo para promover a apropriação e, também, para evitar que os membros das associações de base se tornassem meros funcionários administrativos, como tinha acontecido já com alguns dirigentes de cooperativas. (José A. Bandeirinha, 2011, p.115)

A auto-construção faria então parte da metodologia do processo SAAL, a interacção entre técnicos e moradores seria um dos produtos resultantes deste programa. Estabelecendo uma nova forma de produzir cidade, mais próxima e ligada às necessidades de quem a habita.

Serviria não só, como uma forma de partilhar conhecimento técnico com os moradores, mas também de confrontar a forma de projectar dos próprios técnicos com uma realidade onde a carência de materiais, meios de produção e a urgência iriam moldar toda a forma de produção.

Conclusão

Quando, a 27 de Outubro de 1976, saiu o Despacho ministerial que “deslocava” a tutela do SAAL para as Autarquias, estavam em actividade 169 operações em todo o país, que envolviam 41 665 famílias de moradores pobres. Em construção, estavam 2 259 fogos e estava iminente o arranque de mais 5 741. Sintomaticamente, porém, só 13% da totalidade dos solos necessários para essas intervenções estava disponível, cedido ou expropriado (José A. Bandeirinha, 2011, p.111)

Apesar da curta duração do SAAL, e mesmo não tendo alcançado todos os objectivos propostos para a construção habitacional em todo o território nacional, podemos concluir que foi um processo essencial. Não apenas para combater uma necessidade urgente, como é o direito à habitação digna, mas também pela breve transformação que promoveu na própria profissão do arquitecto e dos restantes técnicos que nele participaram.

A proposta do despacho do SAAL foi crucial relativamente aos limites éticos, promovendo uma interacção entre técnicos e as associações/cooperativas de moradores valorizada até aos dias de hoje. Esta interacção não só aproximou os vários técnicos da realidade de cada local como também ajudou a entender o valor que existe em partilhar o processo de construção. Não se tratou apenas, como José Bandeirinha transcreve, de tornar a assistência técnica num projecto que educaria, mas também num projecto que ouvia as necessidades dos moradores.

Referências Bibliográficas:

1. AAP, (1995). *Livro Branco da Formação*, Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa;
2. Bandeirinha, José António (2011) *O Processo SAAL e a Arquitetura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra;

3. Costa Rodrigues, C.M. (2018). Memories of the SAAL in Lisbon, Lisboa;
4. Despacho nº /1974 do Ministério da Administração Interna e do Equipamento Social e do Ambiente (1974) *Diário do Governo*;
5. Portas N. (1986) *O processo SAAL: Entre o Estado e o Poder Local*. Revista Crítica de Ciências Sociais nº 18/19/20;



Lisboa
Centro de Informação Urbana

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

iscte INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

istar _iscte

dinamia
'cet _iscte

